

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

INSTITUTO DE LETRAS

PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA

CRISTÓVÃO JOSÉ DOS SANTOS JÚNIOR

TRADUZINDO O LIPOGRAMA FULGENCIANO

DE AETATIBVS MVNDI ET HOMINIS

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. José Amarante Santos Sobrinho.

Salvador

2019

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

SANTOS JÚNIOR, Cristóvão José
Traduzindo o lipograma fulgenciano De aetatibus
mundi et hominis / Cristóvão José SANTOS JÚNIOR. --
Salvador, 2019.
146 f.

Orientador: José AMARANTE.
Dissertação (Mestrado - Mestrado em Literatura e
Cultura) -- Universidade Federal da Bahia, Instituto
de Letras, 2019.

1. Fulgêncio. 2. Antiguidade Tardia. 3. Tradução
Lipogramática. 4. Escrita Constrangida. I. AMARANTE,
José. II. Título.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Em sessão pública realizada em 09 de setembro de 2019, às 9h, na sala de defesas do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, a presente dissertação, de autoria de CRISTÓVÃO JOSÉ DOS SANTOS JÚNIOR, foi examinada pela seguinte banca examinadora:

1. Prof. Dr. Renato Ambrósio (UFBA)
Examinador externo ao Programa
2. Prof. Dr. Hernán Yerro (UFBA)
Examinador interno ao Programa
3. Prof. Dr. José Amarante Santos Sobrinho (UFBA)
Orientador

E obteve o seguinte parecer final:

A banca considera que o trabalho apresentado encontra-se bem estruturado e é fruto de uma pesquisa aprofundada; o mestrando demonstra um conhecimento particular do referencial teórico, o que resulta numa tradução inédita e que dá conta das dificuldades do texto lipogramático em português. Ressalte-se a defesa cuidadosa dos elementos apresentados pela banca.

A Aureci e Cristóvão

AGRADECIMENTOS

Agradeço profundamente a meu berço familiar, âmago de minhas diretrizes intelectivas, e, especialmente, a meus genitores, maiores pedagogos de meu itinerário existencial.

Agradeço a Ivan do Valle, a Gustavo de Pádua, a Silvio Bernal e a Jozianne Andrade, por terem me incentivado a permanecer no percurso nem sempre amistoso da pesquisa *stricto sensu*.

Agradeço inenarravelmente a meu orientador, José Amarante, por suas inestimáveis contribuições, auxiliando-me continuamente em minha empreitada perquisitiva. Foram incontáveis leituras, correções, análises, questionamentos, exames e sugestões. Desse modo, tenho certeza que a qualidade de minha produção científica decorre diretamente de seu olhar sempre atento e preciso, além de sua indelével generosidade intelectual.

Agradeço aos professores Jorge Hernán e Renato Ambrósio, que aceitaram prontamente o convite para participar de minha banca, mesmo sem trabalhar diretamente com Fulgêncio, cooperando veementemente com o aperfeiçoamento de meu trabalho.

Essa proatividade é sinédoque do magistral perfil docente encarnado pelo Instituto de Letras da UFBA, em que educadores, amplamente comprometidos com a democratização do conhecimento, acolhem, com grande dadivosidade, as mais diversas propostas de estudo.

Agradeço, por fim, a todos aqueles que de algum modo colaboraram com minha pesquisa.

“Que poeta equilibra a esperança,
Balanceada em pequenos bocados?”

(José Amarante, *Baile a fantasia*, 2017).

RESUMO

Resumo: A presente pesquisa aborda o processo tradutório do prólogo e dos quatro primeiros livros da obra *De aetatibus mundi et hominis*, creditada ao autor norte-africano e tardo-antigo Fáblio Plancíades Fulgêncio (o Mitógrafo), a partir da edição fixada por Helm (1898). Tal produção está dividida em 14 livros, em uma estrutura lipogramática de caráter consecutivo, e possui como fulcro diegético a Bíblia Sagrada Cristã. Na descrição de suas narrativas de cunho religioso, o Mitógrafo adota o mecanismo esteticamente inusitado de supressão de letras (lipograma), evitando palavras que apresentem registro nos 14 elementos iniciais do alfabeto latino, o que está sendo mantido na proposta de tradução. Nesse procedimento, em termos teóricos, estabelecem-se práticas dialógicas com variados autores, a exemplo de Jacques Derrida, Giorgio Agamben, Haroldo de Campos Michel Foucault, Anthony Pym, Lawrence Venuti, Rosemary Arrojo, Lauro Amorim, Alice Ferreira e Michaela Wolf, no processo de discussão de epistemes atreladas ao campo tradutório. No que concerne ao âmbito prático, a seu giro, almeja-se uma atividade tradutória orientada por uma gama de critérios, tanto de ordem geral como direcionados a dar vida à constrição lipogramática, também se evitando, no português, o uso sequenciado das letras que vão de ‘A’ a ‘D’, por livro.

Palavras-chave: Fulgêncio, Antiguidade Tardia, Tradução Lipogramática, Escrita Constrangida.

ABSTRACT

Abstract: This research deals with the translation process of the prologue and the first four books of the work *De aetatibus mundi et hominis*, credited to the North African and late-antique author Fabius Planciades Fulgentius (the Mythographer), from the edition fixed by Helm (1898). This literary work is divided into 14 books, in a lipogrammatic structure of a consecutive character, and has as its diegetic support the Christian Holy Bible. In the description of his religious narratives, the Mythographer adopts the aesthetically unusual mechanism of letter suppression (lipogram), avoiding words that present a record in the 14 initial elements of the Latin alphabet, which is being maintained in the translation proposal. In this procedure, in theoretical terms, dialogical practices are established with a variety of authors, such as Jacques Derrida, Giorgio Agamben, Haroldo de Campos, Michel Foucault, Anthony Pym, Lawrence Venuti, Rosemary Arrojo, Lauro Amorim, Alice Ferreira and Michaela Wolf, in the process of discussion of epistemes linked to the field of translation. With regard to the practical scope, its aim is to translate the lipogram, guided by a series of criteria, directed to give life to the lipogrammatic constriction, also avoiding, in Portuguese, the sequential use of letters that go from 'A' to 'D'.

Keywords: Fulgentius, Late Antiquity, Lipogrammatic Translation, Constrained Writing.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
2 A PROBLEMÁTICA DOS DOIS FULGÊNCIOS	13
2.1 ALGUNS ELEMENTOS DA FORTUNA FULGENCIANA	13
2.2 FULGÊNCIO RUSPENSE.....	19
2.3 FULGÊNCIO MITÓGRAFO	22
2.3.1 <i>Mythologiae</i>	26
2.3.2 <i>Expositio Virgilianae continentiae</i>	29
2.3.3 <i>Expositio sermonum antiquorum</i>	30
2.3.4 <i>De aetatibus mundi et hominis</i>	31
3 CONHECENDO O LIPOGRAMA	34
3.1 CARACTERÍSTICAS NOTÁVEIS	34
3.2 FULGÊNCIO NA TRADIÇÃO LIPOGRAMÁTICA	36
4 TRADUZINDO SEM AS LETRAS	42
4.1 ESTRATÉGIAS FULGENCIANAS	58
4.2 ESTRATÉGIAS DO TRADUTOR.....	64
4.3 TRADUÇÃO ANOTADA	69
5 EDIÇÃO BILÍNGUE	73
<i>DE AETATIBVS MVNDI ET HOMINIS</i>	74
PROLOGVS	75
ABEST A.....	77
ABEST B	77
ABEST C	79
ABEST D.....	81
<i>DAS IDADES DO MUNDO E DO HOMEM</i>	83
PRÓLOGO.....	84
AUSENTE A	88
AUSENTE B.....	90
AUSENTE C.....	94
AUSENTE D	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS	102
ANEXO 1	106

ANEXO 2..... 126

NOTA PRELIMINAR

A Dissertação aqui apresentada é fruto de um gradativo amadurecimento investigativo, refletindo inquietações consubstanciadas no artigo intitulado *Rastros da Tradição Literária Experimental* (Revista Estudos Linguísticos e Literários – UFBA) e no trabalho de tradução denominado *Fulgêncio sem a letra ‘c’: tradução do livro III do lipograma De aetatibus mundi et hominis* (Revista Belas Infiéis – UNB), além de outros produtos também submetidos para publicação em periódicos.

Por vezes, as obras que integram o legado fulgenciano são aludidas abreviadamente: *De aetatibus* = *De aetatibus mundi et hominis*; *Mythologiae* = *Mythologiarum libri tres*; *Virgilianae* = *Expositio Virgilianae continentiae*; *Sermonum* = *Expositio sermonum antiquorum*. Quanto às abreviaturas antroponímicas e relativas às obras, usadas a título de referência, recorreu-se ao *ThLL (Thesaurus Linguae Latinae)*.

Para os três livros de Fulgêncio que já foram traduzidos para a língua portuguesa, são adotadas suas versões lusófonas, realizadas pelos brasileiros José Amarante (*Mythologiae*), Raul Moreira (*Virgilianae*) e Shirlei Almeida (*Sermonum*). As demais traduções apontadas são, em geral, de minha autoria, à exceção daquelas em que são referenciados outros tradutores.

INTRODUÇÃO

Esta será a primeira tradução em língua portuguesa e a primeira do mundo feita sob a forma de lipograma da obra *De aetatibus mundi et hominis*. Elaborada, provavelmente, por Fábio Plancíades Fulgêncio, esse é um escrito relevante para o exame do processo de recepção e permanência da cultura clássica greco-romana no período medieval. Assim, é oportuno frisar que muitas pesquisas acerca do período clássico da literatura latina já foram realizadas, todavia poucos trabalhos desenvolvidos no Brasil se dedicam à análise literária e tradutória do acervo pertencente à Antiguidade Tardia, no que se verifica a existência de uma lacuna a ser devidamente preenchida.

Nesse sentido, este estudo não é necessário apenas por enriquecer o universo lusófono com a tradução de uma obra de interesse, mas também por renovar discussões referentes às teorias literárias e tradutórias relacionadas a textos antigos, além de investigar a tradição artística experimental, da qual faz parte a lipogramática. Em decorrência da ênfase dada à discussão a respeito do lipograma, gênero de escrita em que o autor omite uma ou mais letras do alfabeto, decidiu-se valorizar essa marca na tradução, através do emprego dessa constrição em caráter consecutivo.

Ademais, é preciso notar que esta pesquisa está em conformidade com o fenômeno de florescimento dos estudos fulgencianos no universo lusófono, iniciado por uma série de pesquisas desenvolvidas na Universidade Federal da Bahia, a qual alberga, em seu Instituto de Letras, o núcleo brasileiro de estudos do Mitógrafo. Atualmente, os maiores pesquisadores brasileiros da obra fulgenciana são, exatamente, seus tradutores e membros desse grupo, com os quais este trabalho busca estabelecer um íntimo diálogo. Dessa maneira, serão recuperados os estudos desenvolvidos por tais pensadores – quais sejam o coordenador José Amarante, Raul Moreira e Shirlei Almeida – hoje absolutamente paradigmáticos para qualquer estudo empreendido na área.

Destaquem-se, ainda, as contribuições de Marcos Martinho dos Santos, docente da Universidade de São Paulo. Nesse sentido, este trabalho corresponde, em um só tempo, a uma continuidade com os diálogos realizados e ao fechamento de um ciclo, na medida em que versa sobre a última obra creditada a Fulgêncio que ainda não foi traduzida para o português, tendo em vista que as demais já foram objeto de pesquisa e de tradução pelo núcleo supramencionado.

Inserido na linha de Tradução Cultural e Intersemiótica, este labor científico tem como objetivo geral realizar justamente, como já sinalizado, a primeira tradução da *De aetatibus* para a língua portuguesa, lipogramaticamente, em edição bilíngue (latim tardio – português). Neste momento, a tradução se centrará no prólogo e nos quatro livros iniciais do lipograma, ficando as partes remanescentes destinadas à pesquisa a ser desenvolvida no Doutorado, com projeto já aprovado em Exame de Qualificação destinado à mudança de nível *stricto sensu*.

Como objetivos específicos, busca-se contribuir para o processo de entendimento da conjuntura sócio-histórica e cultural em que a obra se localiza, dialogar com as teorias literárias e tradutórias existentes, renovando discussões referentes ao campo de estudo das Letras Clássicas, tensionar as estratégias e os recursos tradutórios disponíveis com as características formais da obra, de modo a facilitar escolhas no processo transformador de tradução, investigar a inserção de Fulgêncio na tradição lipogramática e estudar a fortuna da obra, analisando sua sobrevivência na tradição manuscrita e na impressa.

Este trabalho se estrutura em 04 capítulos. No primeiro, *A problemática dos dois Fulgêncios*, busca-se evidenciar o problema de transmissão de seus textos, imprescindível para a compreensão da autoria. Nesse sentido, ressalta-se a confusão realizada no processo de atribuição de alguns títulos, dentre os quais o objeto de tradução deste trabalho, ao homônimo habitante da cidade de Ruspe.

Em seguida, na seção *Conhecendo o lipograma*, discute-se, inicialmente, o problema da (in)completude, a questão do prólogo e o estilo de Fulgêncio, para, em seguida, abordar a presença da *De aetatibus*, quanto a seu prisma mórfico, em uma tradição de escrita constrangida própria, de modo a evidenciar a longevidade dessa tipologia literária. Dessa maneira, ao passo que o lipograma fulgenciano é situado em sua particular conjuntura tardo-antiga de produção, são também demonstrados alguns pontos de conectividade com obras pertencentes a eixos sincrônicos mais distanciados.

Em *Traduzindo sem as letras*, são discutidas as teorias tradutórias em geral e suas aplicações procedimentais no exercício prático da presente proposta. Assim, indicam-se as estratégias utilizadas por Fulgêncio na elaboração de seu lipograma, bem como as de seu tradutor, debatendo-se, ainda, alguns critérios adotados para a confecção das notas explicativas.

Na última parte do estudo, é trazida a proposta de edição bilíngue, com o texto de partida *De aetatibus mundi et hominis* em sua conformação latina e o de chegada em língua portuguesa. Assim, apresenta-se uma tradução interlingual (latim tardio – português), também em lipograma. Ela está dividida em prólogo e em quatro livros, sendo estruturada a partir do uso de notas explicativas, de modo a facilitar tanto o entendimento do leitor, como o exercício de práticas dialógicas com textualidades correlatas.

2 A PROBLEMÁTICA DOS DOIS FULGÊNCIOS

A biografia de Fulgêncio ainda representa um enigma histórico, tendo em vista a escassez de dados para seu conhecimento. Do pouco que se sabe sobre sua vida, parte considerável está adstrita ao prólogo do Livro I de suas *Mythologiae*, tendo sido alimentadas, ao longo do tempo, inúmeras dúvidas e debates sobre sua existência. Acrescente-se a isso uma confusão realizada por estudiosos quanto à imputação da autoria de alguns livros, na medida em que determinados títulos foram, por vezes, creditados a um homônimo, habitante da cidade de Ruspe, em decorrência de um peculiar processo de transmissão dos escritos.

Assim, atentando para o fato de que o entendimento dessa paternidade artística está intimamente relacionado ao processo de transmissão textual, buscou-se, estrategicamente, iniciar o trabalho tensionando essa questão, ao invés de se seguir a orientação costumeira de abordar a figura do autor de modo direto e meramente descritivo. Quanto a isso, é preciso atentar para o fato de que não se busca, no presente estudo, uma sacralização do escrito latino com a ingênua tentativa de perseguir, a todo custo, a figura de um autor de um texto de partida tido por “original”, mas tão somente valorizar uma problemática filológica relevante para a área das Letras Clássicas.

Dessa forma, apresentam-se, inicialmente, alguns elementos ligados à fortuna dos dois Fulgêncios. Posteriormente, são oferecidas determinadas informações sobre o Bispo de Ruspe, a exemplo de dados biográficos e relativos à temática de sua escrita. Por fim, expõem-se os textos que integram o cabedal fulgenciano, realizando-se um exame sintético de referências intratextuais consideradas úteis ao conhecimento de sua biografia e presentes em suas obras (*Mythologiae*, *Sermonum*, *Virgiliana* e *De aetatibus*).

2.1 ALGUNS ELEMENTOS DA FORTUNA FULGENCIANA

Aspecto outrora bastante controverso, mas que, atualmente, já se encontra em maiores vias de esclarecimento concerne à autoria do texto em estudo. A fortuna fulgenciana foi marcada pela atribuição de alguns títulos, dentre os quais o objeto da presente pesquisa, a seu homônimo Ruspense, de tal maneira que é imprescindível discutir quais seriam os elementos adotados no processo de diferenciação. Ressalte-se, portanto, que a biografia fulgenciana está diretamente atravessada pelo problema da transmissão de seu acervo, que foi objeto de diferentes considerações, tanto em sua tradição manuscrita, como na impressa.

Fruto das inúmeras divergências teóricas articuladas ao redor da incógnita existencial de nosso autor, seus comentadores, gradualmente, sedimentaram duas perspectivas distintas. A primeira seria uma hipótese monística, singularista ou unitária, enquanto a segunda já se refere a uma hipótese dualista, separatista, dicotômica, bipartida ou pluralista.

Conforme a visão monista, sempre houve apenas um Fulgêncio, de modo que os aparentes equívocos, quanto ao manifesto antagonismo na imputação de suas obras, seriam apenas um caso de existência de denominações distintas para o mesmo sujeito. Atualmente, todavia, predomina a concepção dicotômica, na medida em que muitos estudiosos consideram a ocorrência de marcas estilísticas profundamente diversas entre as obras, de tal sorte que seria improvável que apenas um único indivíduo tivesse escrito de forma tão variada.

Os defensores do singularismo, contudo, advertem para a possível configuração de anacronismos, de modo que não se deve negligenciar a chance de a escrita fulgenciana se revestir, de fato, de uma potente versatilidade. Assim, conforme os unitaristas, Fulgêncio apresentaria uma obra dividida em fases. Dessa maneira, haveria, de um lado, uma produção de feição mais pagã, fruto dos esforços empreendidos em sua juventude, enquanto, de outro, existiria um legado de cunho teológico-cristão, correspondendo a um período de maior maturidade.

De qualquer maneira, ainda que, hodiernamente, o prisma monista seja menos aceito, deve-se atentar para o fato de serem inegáveis os pontos de conectividade entre os dois Fulgêncios, mesmo que tomados separadamente. Ambos seriam, até para os causídicos da dicotomia, aristocratas, africanos, cristãos e estudiosos de grego e de latim.

Além disso, deve-se também atentar para um caráter relativamente inerte da perspectiva unitária, já que a vida do Fulgêncio Ruspense está fartamente documentada, resolvendo-se, de pronto, toda uma querela envolvendo a necessidade de grandes indagações quanto à existência do Mitógrafo. Assim, para os que defendem que há apenas um autor, não é preciso se debruçar em maiores perquirições, já que os elementos biográficos do Bispo de Ruspe estão mais largamente disponíveis.

Os que advogam pelo pluralismo, contudo, esbarram em uma enorme dificuldade para o exame de sua história, ao questionar toda uma tradição de crítica vinculada a narrativa dessa

transmissão textual. Nessa árdua empreitada, tais pesquisadores levam em consideração referências intratextuais presentes em sua produção, com especial enfoque para o prólogo do Livro I das *Mythologiae*, citações de outros autores, estudos relativos à estilística e dados histórico-filológicos.

Em seu minucioso estudo a respeito do prefácio das *Mitologias*, Venuti (2009) aponta a realização de um *stemma codicum* por Jungmann em 1871. Esse contributo científico foi, de fato, paradigmático para os estudos fulgencianos, tendo em vista que serviu de parâmetro para a fixação das obras, analisando-se, criticamente, um conjunto de códices, relativo à sua tradição manuscrita¹.

A tradição impressa, por sua vez, também juntou obras dos dois Fulgêncios num único volume como se apenas um fosse, seguindo a tradição manuscrita. A *editio princeps*, intitulada *Enarrationes allegoricae fabularum Fulgentii Planciadis*, foi publicada em 1498 sob responsabilidade de Giovanni Battista Pio. Essa edição inclui as *Mythologiae* e a *Sermonum*, tendo sido reimpressa em 1521 por Jacob Locher (VENUTI, 2018).

Em 1535, Jacob Moltzer publicou uma nova edição na Basileia, indicando que a autoria das *Mythologiae* e da *Sermonum* seriam do Bispo. No ano seguinte, Henricus Petrus realizou nova edição, em que o autor das *Mythologiae* também seria o Ruspense. Em 1556, Petrus acrescentou outras obras, de natureza teológica e doutrinal. Em 1599, Hieronymus Commelinus publicou uma nova versão em Heidelberg, englobando as *Mythologiae* e a *Virgiliana*. Nos séculos XVII e XVIII, houve novas edições, como a de Muncker (1681) e a de Augustinus van Staveren (1742), com as *Mythologiae*, a *Sermonum* e a *Virgiliana*, as três obras fulgencianas até então mais difundidas (VENUTI, 2018).

Apenas no final do século XIX, houve a inclusão da *De aetatibus*, através da primeira edição crítica do legado fulgenciano, que foi fixada por Helm em 1898 e reimpressa em 1970, acrescida de um adendo bibliográfico de autoria de Jean Préaux. Dentre as produções elencadas em sua

¹ Para um estudo em língua portuguesa da tradição impressa do acervo ligado à problemática dos dois Fulgêncios (Ruspense e Mitógrafo), indica-se o trabalho realizado por Raul Oliveira Moreira em sua Dissertação de Mestrado, intitulada *A “Exposição dos conteúdos de Virgílio”, de Fulgêncio: estudo introdutório e tradução anotada*, que foi objeto de defesa em 2018, encontrando-se disponível no sítio eletrônico seguinte: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/26692>.

edição, encontra-se, além das quatro obras atualmente atribuídas ao Mitógrafo, o opúsculo intitulado *Super Thebaiden*, creditado ao Ruspense. Nessa edição, desperta curiosidade o fato de aparecerem três nomes diversos para Fulgêncio: *Sanctus Fulgentius Episcopus*, *Fabius Planciades Fulgentius* e *Fabius Claudius Gordianus Fulgentius*.

Embora Helm tenha, realmente, apresentado uma tríade fulgenciana, não era ele partidário de uma perspectiva separatista ternária. Ocorre que, conquanto considerasse apenas a existência de um Fulgêncio, acolhendo a perspectiva singularista, ele empregou um critério conservador para a atribuição das obras, ressaltando as denominações existentes nos códices.

Segundo Manca (2003), o posicionamento de Jungmann foi divisor de águas para o processo de atribuição da *De aetatibus* a Fábio Planciades Fulgêncio. Para tal pesquisador, a mixórdia antonomástica deriva da intervenção errônea de algum escriba douto, que, por via de sua autoridade, possibilitou o perpetuamento da incorreta atribuição ao Ruspense.

De modo a exemplificar a resistência temporal desse equívoco, que se arrastou por séculos, é oportuno recordar os seguintes dizeres de Sigisberto de Gembloux, um crítico do século XI:

Fulgentius Ruspensis episcopus [...] scripsit libros, quos pretitulavit, 'sine litteris': librum scilicet de Adam sine A; de Abel sine B; de Cain sine C; et ceteros libros secundum consequentiam litterarum.

O bispo Fulgêncio Ruspense [...] escreveu livros, os quais denominou 'sem as letras': ou seja, o livro de Adão sem *a*, de Abel sem *b*, de Caim sem *c*, e os livros remanescentes conforme as letras seguintes.

Extraído de sua obra *De scriptoribus ecclesiasticis* (1974), o retrocitado fragmento indica não apenas a duradoura vivacidade da atribuição do lipograma ao Ruspense, como inclusive a falta de confiabilidade dessa imputação, tendo em vista que sugere o desconhecimento do escrito em relevo. Sigisberto fala sobre uma produção que provavelmente ignora, na medida em que atribui a Abel o livro *Ausente B* e a Caim o *Ausente C*, personagens integrantes, em realidade, da primeira narrativa, marcada pela restrição em 'a'. É possível, contudo, que ele só estivesse buscando demonstrar a natureza lipogramática da obra de modo que fosse compreendido de forma mais imediata por seu leitor.

Esse dado é muito relevante para o entendimento da confusão realizada, pois sugere o mecanismo de difusão de informações falsas tomadas a partir de fontes indiretas. Durante a Idade Média, a aquisição de livros era extremamente difícil, como também o era o acesso aos manuscritos de referência, de tal sorte que não é custoso concordar com Jungmann, quando alega descuido dos copistas, tendo em vista as notórias limitações que acometiam a empreitada filológica no Medievo.

Ademais, a hipótese jungmanniana ganhou força a partir dos subsídios hermenêuticos fornecidos por Jacob Hommey (1696), que considerou o estilo plasmado no lipograma deveras distanciada daquele do Bispo. Também analisando elementos estilísticos e o próprio conteúdo da obra, Fabio Rosa (1997) o aproximou daquele da *Virgiliana*, asseverando que em ambos estaria presente a temática das Idades.

No lipograma, essa questão já se explicita, até mesmo, em seu título. Ali, narra-se o itinerário humano desde o pecado original em que se aterrou o ócio paradisíaco fornecido pelo jardim do Éden, até o período dos imperadores cristãos, passando por figuras como Noé, Abraão, Moisés, Saul e Cristo. Na *Virgiliana*, por sua vez, os erros de Eneias impulsionam seu amadurecimento, de modo que suas ações poderiam ser enquadradas em diferentes etapas da vida humana.

A análise estilística do conjunto de toda a obra creditada a Fulgêncio inspirou um vasto campo de indagações. Se, por um lado, há autores que, como Rosa, evidenciam pontos de aproximação entre o lipograma e os demais escritos, por outro, existem estudiosos que também ressaltam aspectos distanciadores.

Nesses termos, Reifferscheid (1883), embora concluindo pelo pertencimento da *De aetatibus* ao Mitógrafo, alerta para o emprego de um latim menos adequado à tradição normativa, rico, até mesmo, em simplificações gráficas, a exemplo da visualizada com os ditongos. Manca (2003), noutra linha de inteligência, justifica tal uso por força do apelo oral consubstanciado no lipograma, advertindo para as possíveis variações linguísticas, em estado de concorrência, que teriam permeado o latim tardio. Além disso, este último pesquisador, partindo de contributos de Jungmann (1877) e Pennisi (1963), enfatiza a existência de uma série de semelhanças morfossintáticas entre passagens do lipograma e determinados excertos das três outras obras do Mitógrafo.

Tais discussões se demonstram tão frutíferas justamente por decorrerem da instabilidade do texto fonte, vinculada a uma tradição manuscrita complexa e marcada pela atividade de escribas com perfis diversos. Nesse sentido, existem aqueles que atuavam com um maior grau de intervenção, corrigindo mais detidamente o texto, e os que transparecem não ter interferido tanto assim. Além disso, deve-se notar que são poucos os códices supérstites, sendo que, dentre estes, a maioria apresenta consideráveis mutilações, denunciando-se o extravio de várias passagens.

Consoante apontado por Helm (1898) em sua edição crítica, são cinco os manuscritos de referência para a fixação textual da *De aetatibus mundi et hominis*: Palatinus, Reginensis, Sorbonicus, Taurinensis, Vaticanus.

Inicialmente, é importante destacar o uso feito por Helm da *recensio*, que diz respeito a um método para a elaboração de uma edição crítica. Seu *modus operandi* é descrito pelo processo de identificação dos inúmeros testemunhos ligados à transmissão textual, com a individualização dos lugares considerados mais problemáticos, intitulados *loci* (plural de *locus*), em que se pontuam determinadas divergências, seja pela demonstração de erros ou pela existência de variações.

Assim, o editor teve o cuidado de evidenciar, em seu aparato, as formas variantes encontradas, o que foi de grande auxílio ao estudo do latim medieval na presente pesquisa. Como alguns escribas intervieram mais intensamente no texto, realizando inúmeras correções, as quais foram explicitadas por Helm, seu aparato adquiriu um *status* de efetivo testemunho do processo de mudança linguística, plasmando uma profusão de variações.

Desse modo, a presença de tal instrumento foi de enorme ajuda para a compreensão dos usos fulgencianos, entendendo-se seu latim a partir da percepção de inúmeras diferenças sintáticas e ortográficas entre formas mais consagradas pela tradição clássica e aquelas adotadas pelo Mitógrafo. Ressalte-se, inclusive, que a tradução lipogramática que aqui se propõe buscou valorizar esse importante registro legado por Helm, através da adoção de elementos que ressaltam a feição variacional da língua portuguesa.

Outro conceito relevante para a elucidação do trabalho empreendido pelo editor concerne ao termo *descriptus*. Por tal vocábulo, compreende-se uma cópia de um códex já disponível. Note-

se, portanto, que, no método da *recensio*, o *descriptus* é, em geral, descartado, já que não agregaria elementos novos.

No conjunto dos manuscritos apontados, o *Vaticanus 7257* é considerado um *descriptus* do *Reginensis 173*. Saliente-se, todavia, que aquele foi devidamente utilizado, em decorrência da existência de muitas lacunas neste último. Além disso, é importante conhecer, ainda que de forma concisa, algumas características de cada um dos manuscritos elencados, a fim de melhor entender o trajeto percorrido pelo editor.

O *Palatinus 886*, que data do século IX, é estimado como o melhor, sendo o único completo, para os que advogam pela integralidade da obra. O *Reginensis 173*, por sua vez, é do século XI ou XII, apresentando uma lacuna que vai da metade do prólogo até a metade do terceiro livro (*Ausente C*). O *Sorbonicus 268*, a seu turno, é versão do século XII ou XIII e carece da parte final do lipograma. Também o manuscrito *Taurinensis DN 39* foi realizado no século XII ou XIII e possui tão somente um fragmento do livro inicial (*Ausente A*) e a passagem que vai da metade do décimo segundo livro (*Ausente M*) até o final (*Ausente O*). O *descriptus Vaticanus 7257*, por fim, data do século XVII, tendo sido usado para complementar os vazios deixados pelo *Reginensis*.

Observados tais elementos ligados à fortuna fulgenciana, cabe agora conhecer um pouco a respeito do Bispo de Ruspe, para, em seguida, confrontá-lo com o Mitógrafo, facilitando-se ainda mais o entendimento do procedimento de atribuição de seu legado.

2.2 FULGÊNCIO RUSPENSE

Visto que a hipótese dualista atualmente prevalece, faz-se necessária a utilização de epítetos como forma de diferenciar os homônimos. Assim, o autor de nosso lipograma é conhecido como Fulgêncio Mitógrafo, enquanto o Bispo é denominado por Fulgêncio Ruspense. A alcunha de Mitógrafo decorre da grande disseminação de suas *Mythologiae*, obra mais difundida de seu legado. O prosônimo Ruspense, por sua vez, concerne ao fato de que o clérigo era habitante da

cidade de Ruspe, situada no norte do continente africano e, à época, dominada pelos bárbaros² germânicos conhecidos por vândalos.

Muitos dados relativos à biografia de Fábio Cláudio Gordiano Fulgêncio, o Bispo, são extraídos da obra *Vita Fulgentii*, creditada ao estudioso Ferrandus. Além de padecer de uma atribuição controversa, tal escrito carece de datações explícitas, razão pela qual os historiadores buscam uma reconstituição parcial da vida do Ruspense também a partir de referências indiretas (MODÉLAN, 1993).

Nesse sentido, há muitas considerações, até mesmo específicas, tomadas como seguras para o conhecimento do Epíscopo, mas que ainda tropeçam em uma dificuldade de fixação cronológica. Assim, a título de exemplo, sabe-se que ele foi bispo por vinte e cinco anos e que estava em seu sexagésimo quinto ano quando, em primeiro de janeiro, faleceu, tendo sido sepultado no dia seguinte e sucedido no episcopado um ano após, pelo teólogo Felicianus. Não se encontram, todavia, datas que evidenciem os anos em que esses fatos ocorreram, exigindo-se um esforço dos investigadores para estabelecer aproximações temporais em face dos dados referenciados (ENO, 1996).

Esse membro da Igreja Católica provavelmente viveu entre os anos 467 e 532 d.C., tendo nascido em Telepte, situada na província de Bizacena, ao sul de Cartago, e morrido em Ruspe, localizada na atual Tunísia. Tal datação deve ser objeto de profunda cautela por parte do leitor, o qual deve rememorar que esse foi um período de significativa turbulência político-social, uma vez que caracterizado pelo enfraquecimento de instituições administrativas, em face de uma série de invasões sofridas pelos romanos. Sublinhe-se, inclusive, que o ano de 476 d.C. é considerado marco de início da Idade Média, por ter sido assinalado pela deposição do imperador de origem romana Rômulo Augusto pelo bárbaro Odoacro, rei dos hérulos.

Justamente por se situar nesse eixo cronológico transicional, é que podemos também afirmar que esse foi um autor tardo-antigo. Note-se, ainda, que falar em Antiguidade Tardia para esse momento pode ser considerado até mais elucidativo do que se referir pela expressão “Alta Idade

² O termo bárbaro aqui empregado não deve ser compreendido em um viés pejorativo ou etnocêntrico, referindo-se tão somente a povos que, em princípio, estavam mais alheios à cultura e à língua dos antigos romanos. Note-se, ademais, que muitas dessas sociedades assimilaram, gradualmente, elementos ligados à pretérita civilização do Lácio, a qual, inclusive, exerceu, com o latim, influências de substrato linguístico.

Média”, largamente utilizada. Esta última locução diz respeito ao período situado entre os séculos V e X, opondo-se ao termo “Baixa Idade Média”, associado ao intervalo estabelecido entre os séculos XI e XV. Nesse sentido, o vocábulo ‘Alta’ é empregado por essa faixa cronológica representar a fase de maior visibilidade dos institutos medievais, contrastando, portanto, com a etapa decadencial posterior. Ocorre que, na época dos dois Fulgêncios, a cultura antiga ainda se fazia muito presente, estando a feudalização em fase embrionária.

Além disso, considerando seu falecimento em 532 d.C., é oportuno notar que o bispo de Ruspe não presenciou por pouco a retomada do norte africano pelos romanos, empreendida pelo imperador oriental Justiniano em 533 d.C. Ante isso, deve-se recordar que, em 476 d.C., conformou-se apenas a queda do Império Romano Ocidental, preservando-se a organização política situada à leste.

Tal episcopo foi considerado o maior teólogo de seu tempo, notabilizando-se pela propagação da doutrina agostiniana e pelo contundente combate ao pelagianismo e ao arianismo. Desse modo, é válido lembrar que Santo Agostinho, maior influência do Fulgêncio Ruspense, foi o grande expoente da Patrística, que diz respeito à primeira fase da filosofia medieval, em que se buscava a racionalização, em um viés maniqueísta e neoplatônico, da fé cristã, estruturando dogmas capazes de fomentar a difusão do catolicismo, a exemplo da doutrina do pecado original, que dispõe a graça de Cristo ser fundamental para a redenção humana.

Assim, opunha-se ao pelagianismo, que, recusando a ideia do pecado original, defendia ser o homem absolutamente responsável pela sua salvação, instante em que seria desnecessária a graça divina, e ao arianismo, que negava a Santíssima Trindade e o caráter divino de Jesus Cristo.

Como resultado desse embate ideológico-doutrinário, o Bispo conquistou a inimizade do rei ariano Trasamundo, que o exilou na Sardenha. Quando este líder vândalo morreu, foi sucedido por Hilderico que era neto do imperador romano Valentiniano III e, articulando um projeto de romanização, favoreceu os católicos, permitindo o retorno de Fulgêncio.

A obra do Ruspense demonstra reflexos de sua vida religiosa combativa. Nela, o clérigo defende fervorosamente o dogma da Santíssima Trindade e a ideia de predestinação. Ressalte-se, por fim, que, dentre os escritos que lhe são atribuídos, destacam-se os seguintes: *Contra Arianos*,

Contra Fabianum, De Trinitate, Ad Trasimundum regem, Ad Donatum liber de fide orthodoxa ed diversis erroribus haereticoru, Ad Petrum diaconum de fide, De veritate praedestinationis et gratiae Die, De remissione peccatorum e De Incarnatione filii Dei.

2.3 FULGÊNCIO MITÓGRAFO

Se, por um lado, a biografia de Fábio Cláudio Gordiano Fulgêncio se revela conhecida, por outro, a vida de Fábio Placíades Fulgêncio ainda se reveste de um caráter enigmático. A diferença do evidenciado com o Bispo, nenhum biógrafo medieval parece ter se dedicado ao amplo registro da história do Mitógrafo. Assim, ponderando a existência de inúmeras lacunas e a escassez de dados oficiais para seu conhecimento, a crítica costuma considerar uma série de elementos estilísticos e referências intratextuais, com ênfase para o prefácio do Livro I das *Mythologiae*, além de citações realizadas por outros autores. Dessa forma, a trajetória existencial de Fulgêncio passa a ser concebida, sobretudo, a partir de informações fornecidas pelo próprio em uma obra artística, o que deve ser objeto de algumas ressalvas.

Assume-se, aqui, uma postura incisivamente cética quanto à confiabilidade do teor informativo dos textos literários, razão pela qual se mantém um tom cauteloso acerca da realização de afirmações referentes à biografia de Fulgêncio. Há quem defenda, todavia, que, ante a carência de subsídios, é necessário valorizar aqueles existentes na articulação de análises críticas, formulando uma série de conjecturas a fim de preencher espaços em branco.

Este pesquisador entende, contudo, que os dados são melhor prestigiados quando postos em seu merecido lugar no itinerário de investigação, não devendo a pesquisa científica se tornar palco de querelas com cunho meramente especulativo, instante em que se demonstra mais profícuo pôr as lacunas e as imprecisões em evidência. Nesse sentido, demonstra-se, por vezes, cientificamente mais honesto afirmar, com cristalina simplicidade, que não há elementos satisfatórios para concluir o que quer que seja, ao invés de defender, de forma categórica, um conjunto de hipóteses, o que pode, inclusive, induzir leitores a uma apreensão muito desviada dos fatos que restam efetivamente comprovados.

Saliente-se, igualmente, que tal ceticismo não decorre de qualquer temor que eu tenha em me posicionar, ação que, ao revés, realizo amiúde, quando devidamente munido do instrumental

teórico-probatório. O que se busca, então, é ressaltar a necessidade de agir com prudência quanto ao conhecimento da vida do Mitógrafo.

Assim, o leitor precisa olhar com desconfiança quaisquer teses que tentem definir elementos biográficos com base em marcas estilísticas, sobretudo quando considerada a ficcionalidade literária. Se já é questionável a tentativa de imputar elementos da vida de um autor muito conhecido à sua obra, o caminho inverso é ainda mais tenebroso. Tentar desvendar a biografia de um escritor com base em sua produção artística é algo que, no mínimo, salta aos olhos.

Ressalte-se, inclusive, que a parcialidade, quanto à contaminação da pesquisa por ideologias, acervo cultural e vivência do estudioso, acentua-se vertiginosamente, quando o critério central adotado é o hermenêutico-literário. Some-se a isso o fato de que o grande distanciamento temporal entre a cultura do texto de partida e aquela de chegada intensifica a possibilidade de anacronismos.

A título de exemplo, há um debate concernente ao possível ofício de Fulgêncio (professor, gramático, teólogo, pedagogo, funcionário público, advogado, retórico etc.). De início, cabe o registro de que o exercício de uma profissão não nega o de outra, sobretudo se ponderarmos que, em sua época, a classe intelectual se fazia distinta por possuir um domínio mais versátil de conhecimentos, a diferença do que ocorre em sociedades hodiernas marcadas pela profunda busca por especialização, fenômeno que começou a se sedimentar com o surgimento das universidades, ganhando notável força com a Revolução Industrial no século XVIII e com o discurso positivista do século XIX. Na prática, Fulgêncio tanto poderia desempenhar todas as atividades laborais citadas, quanto ser um ocioso que escrevia por mero deleite.

Apenas para ilustrar o perigo que há nesse raciocínio, pode-se citar o exemplo do poeta brasileiro Augusto dos Anjos. Ele se notabilizou pelo uso de uma linguagem científica específica das ciências naturais, com ênfase para o vocabulário químico e biológico. Ocorre que nem formação nessa área ele possuía. Em verdade, Augusto era bacharel em Direito e exercia a carreira de magistério como professor de Literatura.

Impende destacar, entretanto, que, embora cético, este pesquisador não despreza as pesquisas e conjecturas até então formuladas a respeito da vida de Fulgêncio, considerando, principalmente, a peculiaridade de sua circunstância. Ainda que tensionando essas informações em estado de

alerta, importa avaliar tais discussões como úteis para a compreensão de seu acervo, na medida em que esmiúçam e desnudam inúmeros elementos encontrados nas obras.

Assim, por mais que não se arrisque afirmar peremptoriamente se Fulgêncio era um teólogo, advogado ou professor, admite-se a possibilidade literária de assunção de tais figuras por parte de seu narrador ou de seu autor ficcionalizado. Portanto, por mais que o Mitógrafo não tenha exercido, em realidade, tais funções, é possível considerar, a partir da análise objetiva dos subsídios textuais, que está sendo constituída uma forja imagética condutora a tal percepção.

Desse modo, o perigo não está propriamente nas lucubrações hermenêuticas, mas sim em como elas são apresentadas pelo pesquisador e recepcionadas pelo público leitor. Nesse sentido, advertem, inclusive, Hays³ (1996) e Venuti (2009) que muitas informações contidas na produção fulgenciana, a exemplo das circunstâncias sociais calamitosas descritas nos prólogos, como guerras e invasões, podem se tratar de mero tópos literário. De qualquer modo, na pior das hipóteses, essas considerações são, pelo menos, proveitosas para o conhecimento da própria obra.

Além disso, esse *modus operandi* também fornece informações objetivas, não se pautando simplesmente em divagações de cunho estilístico, outra razão para o leitor não desprezar as páginas que se seguem. De modo ilustrativo, as referências feitas por Fulgêncio servem à datação de sua obra, visto que quando o Mitógrafo faz alusão a autores ou a fatos históricos, por decorrência lógica, já se sabe que ele teve que ser, no mínimo, contemporâneo, desses acontecimentos e escritores.

Assim, analisando um conjunto de dados, quanto ao eixo espaço-temporal, a crítica considera que seu legado foi produzido no norte da África entre o final do século V e início do século VI, no período conhecido como Antiguidade Tardia, em um contexto marcado por uma ampla disseminação do catolicismo. A obra fulgenciana pertence, portanto, ao momento em que o Império Romano do Ocidente já havia sucumbido às invasões germânicas, e o cristianismo ocupava um lugar de centralidade, em substituição às crenças politeístas, que inspiraram os mitos clássicos.

³ Hays elaborou uma tese rica em detalhes sobre a vida do Mitógrafo e disponibilizou, em sítio eletrônico, sua bibliografia completa, com última atualização em 2013.

Desse modo, Fulgêncio assumiu um importante papel de conservação da cultura greco-romana no Medievo, efetuando releituras cristãs de temáticas antigas, a exemplo da mitológica. Seus escritos se apoiam, portanto, em uma tradição pagã, remodelada por novos costumes, no que se explicita tanto o elevado acervo cultural do autor quanto sua inventividade.

Tal escritor deixou uma herança considerável, senão pela extensão, ao menos pela difusão e por retomadas posteriores. Seus comentadores lhe atribuem as publicações das *Mythologiae*, *Expositio sermonum antiquorum*, *Expositio Virgilianae Continentiae* e do lipograma *De aetatibus mundi et hominis*. Essa produção está praticamente meio milênio afastada do período considerado clássico e já situada na conjuntura pré-carolíngia ou merovíngia de formação dos romances, no que se deve enfatizar que o referido autor provavelmente estudou latim como uma língua estrangeira de cultura, não a tendo por língua nativa. Some-se a isso o cenário sócio-histórico de dominação vandálica, marcado por fortes conturbações políticas, do que muitas vezes decorria a intensa restrição de acesso a livros e a necessidade de realização de citações e referências literárias por memória.

Fulgêncio foi um dos mitógrafos mais lidos da Idade Média, influenciando autores como Dante, Petrarca, Boccaccio e os mitógrafos do Vaticano, de modo a integrar uma tradição literária notável. Dentre os fatores que contribuíram para o apagamento de sua produção, podem-se destacar sua origem africana, que possibilitou um afastamento do eixo de sedimentação canônica, seu estilo rebuscado e, por vezes, truncado, bem como sua escrita lipogramática, considerada por muitos como mero jogo linguístico.

Apesar da relevância do autor em estudo, tanto no que tange ao testemunho histórico da visão do homem medieval, quanto no que diz respeito ao registro artístico, com o pertencimento a uma tradição literária frutífera, a apreciação de sua obra ainda carece de maior atenção no mundo lusófono. Saliente-se, dessa forma, que, até o presente momento, não houve qualquer tradução em língua portuguesa do livro *De aetatibus mundi et hominis*, o que eleva ainda mais o interesse por esse escrito.

A importância de Fulgêncio se impunha, de fato, pela própria difusão de seus escritos, já que foi um dos mitógrafos mais lidos no Medievo, mas também por fornecer uma visão do homem medieval sobre a Antiguidade, de modo que sua obra também apresenta significativo valor

histórico. Dessa forma, este estudo é também relevante para que se elucidem melhor os desdobramentos da tradição cultural clássica.

Visto que a compreensão da vida de Fulgêncio se confunde com o estudo de sua obra, impõe-se a sucinta observância de sua herança literária. Assim, no que tange às *Mythologiae*, será recuperado o trabalho de José Amarante (2019). No que diz respeito à apreciação da *Expositio Virgilianae Continentiae*, serão evidenciadas as contribuições de Raul Moreira (2018). Quanto à *Expositio Sermonum Antiquorum*, resgatar-se-á o estudo efetuado por Shirlei Almeida (2018). Por fim, no que concerne à *De aetatibus*, serão utilizadas, obviamente, as traduções aqui propostas.

2.3.1 *Mythologiae*⁴

Como já dito, as *Mythologiae* correspondem ao texto mais conhecido de Fábio Placíades Fulgêncio, sendo responsáveis, inclusive, por sua alcunha de Mitógrafo. Tal escrito contrasta com a *De aetatibus*, visto que se refere a uma obra de feição mais pagã, marcada por narrativas envolvendo personagens da Mitologia greco-romana, enquanto esta já concerne a uma produção nitidamente cristã, caracterizada por descrições literárias de acontecimentos bíblicos.

Impende frisar, entretanto, que esse aparente distanciamento temático-ideológico deve ser mitigado pela perspectiva articulada nas descrições mitológicas. Na prática, o autor remodela a cultura antiga ao tempero de sua época, tensionando o acervo que lhe fora pretérito sob uma ótica moral cristã.

Esse elemento religioso foi motivo de grande valorização de seu legado na conjuntura medieval. Possibilitou-se, assim, tanto uma significativa difusão de seus títulos como de um conteúdo poético que já se encontrava em vias de restrição, por causa da dificuldade em se produzir livros e pela busca por apagamento de elementos que contradissem a dogmática católica.

Afinal, como seria possível explicar para a cristandade medieval mitos que envolviam relações homoafetivas, a exemplo da estabelecida entre Zeus e Ganimedes, ou os associados à

⁴ Além da tradução para o português realizada por José Amarante (2019), esta obra foi traduzida integralmente para o inglês por Leslie George Whitbread (1971) e para o francês por Étienne Wolf e Philippe Dain (2013). Também há traduções parciais para o italiano do prefácio, realizadas por Martina Venuti (2009 e 2018), Ferruccio Bertini (1974) e Silvia Mattiacci (2002).

transgeneridade, como o relativo à mudança de sexo de Tirésias, encarados com significativa naturalidade pelos romanos do período clássico? É justamente nesse cenário que se insere a escrita fulgenciana, buscando recompor e justificar determinados elementos míticos.

O pesquisador Amarante (2018) evidencia muito bem esse aspecto, ressaltando a existência de um amálgama pagão-cristão nas *Mythologiae*, partindo de uma análise minuciosa da fábula inicial *Vnde Idolum* (Sobre a origem dos ídolos), considerada texto programático estabelecedor de diretrizes hermenêuticas para a compreensão dos demais mitos. Tal estudioso defende que essa obra fulgenciana está estruturada em uma costura horizontal, apresentando, até mesmo, uma feição didática, que se vincula à busca por uma certa justificação de cunho interpretativo, a qual está diretamente associada ao emprego de explicações de cunho moral e algumas, até mesmo, evemeristas de viés lactanciano⁵.

Quanto às referências intratextuais consideradas no método de conhecimento do autor, há três passagens do prefácio que merecem destaque:

Sed quia numquam est malum inmortale mortalibus, tandem domini regis felicitas adventantis uelut solis crepusculum mundo tenebris dehiscentibus pauores abstersit⁶. [...] quibus adhuc impressae bellantium plantae mauricatos quod aiunt sigillauerunt gressus et formidine menti nondum extersa hostes in uestigiis pauebamus⁷ [...] Galeni curia exclusisset, quae pene cunctis Alexandriae ita est inserta angiportis, quo chirurgicae carnificinae laniola pluriora habitaculis numerentur⁸.

Mas porque jamais o mal é imortal aos mortais, enfim a boa sorte de um rei soberano que está chegando fez desaparecer os medos, como o crepúsculo do sol, com as sombras se abrindo ao mundo. [...]sobre as quais, ainda afundadas, as pisadas dos combatentes – como se costuma dizer *muricatos* – marcaram os seus passos e, com o temor ainda não limpo da mente, temíamos os inimigos por meio das suas pegadas [...] a cúria de Galeno, mais cruel do que as guerras, ela que está disseminada assim em quase todos os becos de Alexandria, de forma que podem ser contados mais pequenos açougues de carnificina cirúrgica que habitações.

⁵ O evemerismo, atribuído a Evêmero de Messina (cerca de IV a.C.), diz respeito a uma corrente hermenêutico-filosófica que orienta à humanização dos deuses, entendidos como meras personagens históricas, no processo de interpretação dos mitos antigos. Assim, essa técnica foi muito utilizada por cristãos, a exemplo de Lactâncio, como forma de mitigar o paganismo.

⁶ FVLG, *myth.* 1 praef. p. 5.

⁷ FVLG, *myth.* 1 praef. p. 6.

⁸ FVLG, *myth.* 1 praef. p. 9.

Note-se que os três fragmentos fazem alusão à uma conjuntura social conturbada, de tal sorte que o autor, vitimado por uma circunstância belicosa, almejaria a chegada de um novo soberano. Assim, há quem entenda que Fulgêncio estaria fazendo referência a seu contexto de vida, informando as dificuldades que, de fato, enfrentava, bem como seu anseio por mudança política. Outros, como Hays (2003, p. 178), noutra via, já consideram a possibilidade de tais trechos se tratarem de mero *topos* literário. De qualquer forma, é interessante perceber que o Mitógrafo transparece possuir algum conhecimento sobre as ocupações mouras e a cidade de Alexandria, o que também pode ser considerado, num plano hipotético, como elemento informador de sua biografia.

Por fim, é oportuno expor que uma questão muito curiosa referente às *Mythologiae* diz respeito ao fato de que o problema da fortuna dos textos fulgencianos atinge, para além de divergências ortográficas, lexicais e aquelas vinculadas à autoria, aspectos de ordem estilística. Nesse sentido, um elemento que contribuiu para a gênese de um cenário imagético desfavorável ao Mitógrafo concerne à suposta composição de um poema em versos livres.

O que ocorreu, efetivamente, foi uma falha no processo de transmissão de seus escritos, visto que alguns códices separaram trechos de um mesmo verso, o que foi mantido na edição fixada por Helm (1898). A partir de um processo de reconstituição filológica, sinalizado por Nicolau (1934, p. 86), já se sabe, contudo, que Fulgêncio escreveu com métrica perfeita através de tetrâmetros trocaicos cataléticos. A parte inicial do aludido poema foi representada desta maneira:

*Thespiades, Hippocrene
 quas spumanti gurgite
 inrorat loquacis nimbi
 tinctas haustu musico,
 ferte gradum properantes
 de uirectis collium,
 ubi guttas florulentae
 mane rorat purpurae
 umor algens, quem serenae
 astra sudant noctibus⁹.*

⁹ FVLG, *myth.* 1 praef. p. 7, 5-14. Na tradução lusófona, tem-se o seguinte: Ó Tespiades, as quais imersas no sorvo poético Hipocrene aspergiu de sua fonte espumante de borrifo loquaz, diligentes, fazei avançar o passo a partir dos verdores das colinas, onde, ao amanhecer, orvalha suores à florulenta púrpura o vapor frio, que os astros destilam em noites serenas.

De fato, caso essa estrutura seja adotada para a análise métrica, não será constatada a presença de nenhum metro latino. Ocorre, contudo, que a forma adequada para a escansão é a seguinte:

*Thespiades, Hippocrene quas spumanti gurgite
inrorat loquacis nimbi tinctas haustu musico,
ferte gradum properantes de uirectis collium,
ubi guttas florulentae mane rorat purpurae
umor algens, quem serenis astra sudant noctibus.*

Assim, seguindo as regras de contagem de elementos do metro latino, verifica-se evidente a presença de versos estruturados em hemistíquios articulados em *katà métron*, quanto à existência de quatro dipodias trocaicas, com oitava sede formada exclusivamente por uma estrutura em *indiferens*, o que indica a quebra do pé. Tem-se, desse modo, a figura do tetrâmetro trocaico catalético. Por fim, merece relevo que Mattiacci (2000) faz uma ressalva acerca da exatidão métrica de Fulgêncio no que tange à ársis, afirmando que os poemas desse prólogo prosimétrico contam como os mais antigos registros de versificação latina acentual de inspiração pagã.

2.3.2 Expositio Virgilianae continentiae¹⁰

Acolhendo a perspectiva de Moreira (2018), pode-se considerar a *Explicação dos conteúdos de Virgílio* como uma tradução fulgenciana intralingual da Eneida. Nesse sentido, é de se ressaltar que essa obra, como apontado por seu tradutor brasileiro, apresenta uma série de domesticações que a aproximam da conjuntura tardo-antiga na qual está inserida.

Assim, o escrito possui uma linguagem, por vezes, mais truncada, obscura e rebuscada que sua versão de partida, o que rendeu críticas mordazes ao Mitógrafo por parte de Comparetti, que não considerou esse texto digno de apreciação por “cérebros saudáveis” (1943, p. 60). Quanto a isso, deve-se compreender que a tradução em relevo não configura uma mera tentativa de copiar o poeta de Mântua, inserindo-se muito mais em um contexto de preservação da cultura clássica, garantidor da sobrevivência da tradição literária antiga, a partir, inclusive, de um conjunto de estratégias discursivas, como o uso de interpretações alegóricas e de etimologias.

¹⁰ Traduzido para o português por Raul Moreira (2018), este escrito também possui traduções para o inglês, feitas por Whitbread (1971) e Zanlucchi (vd. AGOZZINO, 1972), para o italiano, realizada por Fábio Rosa (1997), para o francês, promovida por Étienne Wolff (2009), e para o espanhol, efetuada por Valero Moreno (2005).

Por fim, no que concerne às remissões feitas por Fulgêncio que podem indicar uma percepção do autor sobre si, Moreira (2018) sublinha o trecho *Cui ego: serua ista quaeso tuis romanis*¹¹, traduzido por “Eu disse a ele: guarda isso para seus romanos”. Essa passagem sugere um consciente distanciamento sócio-político entre o autor e os habitantes do Lácio. Dessa maneira, embora o Mitógrafo pertença, manifestamente, a uma tradição cultural romana, considerava-se, nessa linha de inteligência, um escritor africano.

2.3.3 **Expositio sermonum antiquorum**¹²

A *Elucidação de Palavras Antigas*, adotando-se a tradução de Almeida (2018), refere-se a uma espécie de glossário, formado por sessenta e dois verbetes conhecidos como *sermones*, que foram considerados arcaicos por Fulgêncio. Assim, julgando que tais vocábulos, presentes em obras clássicas, careciam de uma explicação mais detalhada para que fossem acessados por seus contemporâneos medievais, o Mitógrafo se dedicou à empreitada de sua descrição, inserindo-se, desse modo, em uma tradição enciclopédico-miscelânea de caráter lexicográfico.

No que tange às menções textuais atreladas ao conhecimento de seu autor, o conciso prólogo desperta atenção:

*Ne de tuorum praeceptorum domine, serie, nostra quicquam curtasse inoboedientia putaretur, libellum etiam quem de abstrusis sermonibus impertiri iussisti, in quantum memoriae enteca subrogare potuit absolutum retribui, non faleratis sermonum studentes spumis quam rerum manifestationibus dantes operam lucidandis*¹³.

Para evitar que a minha desobediência, ó senhor, fosse julgada de ter cortado algo da série de tuas recomendações, também o livrinho que, sobre as obscuras palavras, me ordenaste a preparar, entrego-o completo, a partir do quanto o acervo da memória pôde agregar, não me dedicando às babas ornadas dos sermões, mas consagrando a obra às revelações das coisas que devem ser elucidadas.

¹¹ FVLG, *Virg. cont.* p. 86.

¹² Com tradução para o português por Shirlei Almeida (2018), esta obra também conta com uma versão para o inglês de Whitbread (1971) e outra para o italiano de Ubaldo Pizzani (1968).

¹³ FVLG, *serm. ant.* praef. p. 111.

Tal excerto é paradigmático para a investigação biográfica de viés intratextual, tendo em vista que nele parece que Fulgêncio escrevia por encomenda, de modo que ele poderia exercer, profissionalmente, a ocupação de escritor, sendo remunerado por sua produção. Além disso, deve-se ressaltar o intenso apelo à memória, exaltado quanto ao processo de feitura do elucidário, o que pode sugerir que o Mitógrafo não dispunha de um fácil acesso a livros.

Igualmente, a preocupação em esclarecer o sentido de tais termos, tidos por antigos, também informa sobre a consciência do autor a respeito do estado de mudança linguística em que o latim se encontrava, cada vez mais distanciado daquele empregado no período clássico. Por fim, é interessante observar que, conforme Almeida (2018), o emprego de um termo restritivo ao qualificador *absolutum* ('completo') é indicativo de uma *captatio benevolentiae*¹⁴.

2.3.4 De aetatibus mundi et hominis¹⁵

No conjunto da obra fulgenciana, seu lipograma, objeto desta pesquisa, afigura-se como o escrito mais cristão, assumindo uma posição particular pela forma de abordagem da sua temática, responsável por fornecer inúmeras pistas quanto aos fundamentos ideológicos do escritor. Narra-se o percurso histórico da humanidade, em fases de glória e de decadência, a partir de figuras como Eva, Adão, Caim, Abel, Noé, Abraão, Moisés, Saul e Cristo, processo em que se revela, inclusive, uma influência do pensamento filosófico-teológico de Santo Agostinho.

Na tentativa de extrair pistas para o conhecimento de Fulgêncio, desperta atenção, preliminarmente, o fato de que essa produção, apesar de possuir uma temática de pretendido viés histórico, não apresenta datações, o que eleva os desafios enfrentados pelos biógrafos. De qualquer modo, a primeira parte da *De aetatibus* já fornece alguns elementos:

Oportuit quidem, uirorum excellentior, hoc nostro quo nuper regimur temporis cursu perenni potius studere silentio et non dicendi studio, praesertim ubi nihil plus nisi de nummi quaestu res uertitur et conquirendi lucri perennis sollicitudo cotidie mentibus suppuretur; cupido etenim sensui non sermo dicentis comptior, sed offerentis est dulcior. In his non lugentum

¹⁴ A *captatio benevolentiae* é um termo relacionado à retórica latina que significa captação, conquista ou atração da benevolência, referindo-se a uma estratégia discursiva do autor para comover o leitor a desculpá-lo por eventuais falhas.

¹⁵ Afora a tradução aqui proposta, a *De aetatibus* só conta com aquela realizada para o inglês por Whitbread (1971) e a efetuada para o italiano por Manca (2003).

*luctus intenditur, non miserorum gemitus condoletur, sed solius colligendae pecuniae commodo perniox compotus ducitur; cupidae enim menti fit et uox humilis*¹⁶.

Foi, certamente, oportuno, ó mais excelente dos homens, neste nosso curso perene de tempo pelo qual recentemente somos governados, pensar ao invés de ficar em silêncio, mas não ficar pensando em falar, principalmente quando nada além do ganho de dinheiro move as ações, e a perene ambição de auferir lucro seja quotidianamente supurada pelas mentes humanas. Para quem tem sentimentos de cobiça, com efeito, não é mais elegante a linguagem de quem diz, entretanto é mais doce a de quem oferece. Entre estes, o lamento dos lamentosos não é observado, o gemido dos miseráveis não recebe compaixão, mas o cálculo que dura toda a noite é computado, com o propósito de que cada tostão seja devidamente recolhido.

Do exposto, é interessante perceber a existência de um certo padrão na obra fulgenciana, em que o autor continuamente destaca, nas introduções, a dificuldade do empreendimento artístico-literário. Se, nas *Mythologiae*, ressalta o contexto belicoso e, na *Sermonum*, a necessidade de memorizar um conjunto de informações, o que sugere uma dificuldade de acesso a livros, aqui já se destaca um certo desinteresse do público, mais preocupado com o próprio ganho. Saliente-se, ademais, que a crítica do Mitógrafo, também associada a uma *captatio benevolentia*, constrói-se dentro de uma feição mais cristã, visto que se volta contra o pecado da avareza. Em seguida, ainda no prólogo, verifica-se outro trecho digno de consideração:

*Ergo praetermissis libelli principiis rerum nobis exhinc sumendus est tenor. Viginti igitur et duobus elementis penes Hebreos ordo loquendi disponitur, uno itidem superiecto nostrae linguae profusio, sed et Rom<an>ae colligitur; sin uero tertiae sequentem litterae superieceris signum, Graecae linguae necesse est integrum ut monstretur effectum. Ergo ex quo in his operibus Grecum praecessit ingenium, oportet deinceps nostrae linguae medium ordinem consequi, quo non bis duodeno uel bis undeno, sed Grecis uno elemento subducto et Hebreis uno superinposito unicus ordo Libico monstretur in numero. His ergo uiginti et tribus elementorum figuris, in quibus uniuersus loquendi cursus colligitur, mundi ipsius hominisque discretis temporibus ordines coaequemus necesse est*¹⁷.

Portanto, deixados de lado os princípios do libelo, desses nossos feitos, se dê a continuação que deve ser conduzida. Por conseguinte, entre os Hebreus, o alfabeto dispõe de vinte e dois elementos. A profusão de nossa língua, mas que é também aquela de Roma, é enriquecida, similarmente, por um único a mais, mas se, em verdade, tu acrescentasses o sinal sucessivo da terceira letra, necessariamente teria sido indicada toda a potência da língua grega. Portanto, visto que nestas obras precedeu o engenho grego, é oportuno seguir, sucessivamente, a ordem média da nossa língua, em que não há duas vezes doze ou duas vezes onze, mas subtraído um elemento aos gregos e adicionado

¹⁶ FVLG, *de aetat. praef*, p. 129.

¹⁷ FVLG, *de aetat. praef*, p. 131.

um aos hebreus, se indica a ordem única em registro líbico. Portanto, a estes vinte e três caracteres de letras, nos quais se obtém o curso universal da fala, é necessário que comparemos, diferenciados os tempos, as ordens do próprio mundo e do homem.

Esse segundo excerto, por fim, fornece sinais indicadores da percepção do Mitógrafo sobre sua própria língua, representando também um vestígio para estudos em sociolinguística. Nele, Fulgêncio considera que seu latim líbico seria formado por vinte e três letras, muito embora o alfabeto clássico tenha apenas vinte e dois caracteres. Com base nisso, Whitbread (1971) considera que a letra adicional seria o 'y'. Essa passagem é, portanto, muito relevante, pois testemunha a mudança linguística em curso, acentuando diferenças entre o latim clássico e o africano-medieval.

3 CONHECENDO O LIPOGRAMA

A *De aetatibus* é objeto de estudo em todo o presente trabalho dissertativo, algo que, por si só, já dispensaria a realização de um capítulo dedicado a seu conhecimento. Nesses termos, é importante atentar que a seção inicial, que discute o problema dos dois Fulgêncios, tem como alicerce o próprio legado de nosso escritor, o qual possui sua existência considerada justamente a partir de seus escritos.

Ao se discutir, por sua vez, o processo de tradução lipogramática, na quarta parte do trabalho, realiza-se mais uma vez um exame do escrito, focalizando aspectos estilísticos. Quando, ao final, é ofertada a proposta de tradução, efetua-se um novo estudo do texto, tendo em vista, até mesmo, a presença de notas explicativas, algo que se repete no anexo, em que é apresentada uma espécie de esboço preliminar do processo de tradução.

Ainda que, na prática, estejamos sempre trabalhando com a obra, considerou-se mais proveitoso desenvolver uma outra seção que indicasse alguns aspectos problemáticos que giram ao redor do lipograma, o que pode ser visto como um instrumento didático-pedagógico, facilitando a interlocução de saberes entre pesquisador e leitor. Nesse sentido, o razoável conhecimento da *De aetatibus* se perfaz pela leitura de toda a Dissertação, e não apenas do capítulo agora exibido.

Assim, no presente momento, serão indicados tão somente alguns tópicos que tem ensejado um maior grau de discussão por parte dos comentadores da produção fulgenciana. Desse modo, são mencionados o problema da (in)completude do lipograma, a questão do prólogo, a peculiar linguagem do Mitógrafo e sua inserção na tradição lipogramática.

3.1 CARACTERÍSTICAS NOTÁVEIS

Como já sinalizado, a *De aetatibus mundi et hominis* se trata de um lipograma de caráter consecutivo, em que seu autor – possivelmente Fábio Placíades Fulgêncio – omitiu as 14 letras iniciais do alfabeto latino, realizando a supressão dos caracteres de modo sequenciado nos quatorze livros que integram a obra. Assim, a restrição empreendida foi efetuada entre as letras ‘a’ e ‘o’, o que desde já é motivo para algumas controvérsias.

Alguns comentadores da obra fulgenciana, como Reifferscheid (1883) e Franz Skutsch (1910) consideram que, em realidade, a versão do lipograma fixada por Helm (1898) estaria

originariamente incompleta. Essa crítica advém de uma série de conjecturas, pautadas no fato de Fulgêncio ter feito a *De aetatibus* apenas até a letra ‘O’, não utilizando todo o alfabeto latino, o que, somado ao término abrupto de sua narrativa, poderia indicar incompletude.

Por outro lado, é também plausível defender sua inteireza, consoante apontado por Helm (1897) e por Pennisi (1963), tendo em vista o próprio desenvolvimento diegético. Nesse sentido, tais pensadores sustentam que Fulgêncio busca, de fato, narrar as idades do mundo e do homem indo desde o mito da criação, com Adão e Eva, (Livro I, ausente A) à época imperial (Livro XIV, ausente O). Essa vontade de situar o desfecho na era dos imperadores está anunciada, inclusive, no penúltimo livro (XIII, 172, ausente N). Ademais, a ideia de integralidade da obra é reforçada quando tomada a oposição alfa *versus* ômega, muito difundida na conjuntura medieval. Assim, ao retratar a história da humanidade de ‘a’ a ‘o’, Fulgêncio estaria opondo, metaforicamente, o itinerário teológico que vai do início ao fim dos tempos.

O prólogo, a seu turno, representa, até mesmo, um grave problema tradutório, visto que Manca (2003), questionando a edição fixada por Helm (1898), defende que ele compõe o texto do primeiro livro (ausente A). Segundo o crítico italiano, o editor foi desatento quanto aos manuscritos, tendo em vista que, tanto no Vaticanus, como no Taurinensis, já se encontra, na primeira folha, uma *inscriptio* que indicaria o início do lipograma.

Além disso, ele também alega que haveria uma grande desproporção no tamanho do livro inicial (ausente A), em relação aos demais, se desconsiderado o prólogo como parte integrante. Por fim, Manca (2003) ainda explicita que praticamente todos os registros em ‘a’ evidenciados na edição de Helm dizem respeito ao ditongo ‘ae’, que pode ter sido facilmente objeto de simplificação em ‘e’ por Fulgêncio.

Em que pese as contribuições de Manca realmente impulsionarem algumas indagações a respeito do prólogo, essa crítica não se demonstra conclusiva. Desse modo, o que se observa é um conjunto de conjecturas que não se demonstra suficientemente apto a desconstituir o trabalho de Helm, ainda que seja efetivamente possível seguir esse percurso distinto de compreensão. Justamente pelo fato de as recentes alegações do comentador carecerem de maior robustez probatória, optou-se por uma tradução alipogramática do prólogo, seguindo a edição fixada por Helm.

O estilo fulgenciano também se demonstra digno de apreciação. Seu latim é relativamente rebuscado, apresentando muitas figuras de inversão (anástrofe, hipérbato e sínquese). Além disso, ele faz largo uso de figuras sonoras, como assonâncias, aliteraões e homeoteutos. Sua sintaxe é, por vezes, truncada e já apresenta alguns traços de concorrência linguística típicos do latim medieval, a exemplo do uso de ‘*in*’ com acusativo ou ablativo desvinculado da noção de movimento e da substituição de genitivos plurais por adjetivos.

Por derradeiro, merece destaque o uso de uma série de empregos lexicais raros, sugestivos de neologismo, que conformam o intitulado hápax fulgenciano. A título de exemplo, podem ser citados adjetivos como ‘*concupinalis*’, ‘*historicus*’, ‘*dulciter*’, ‘*garruliter*’ e ‘*poenalis*’¹⁸.

3.2 FULGÊNCIO NA TRADIÇÃO LIPOGRAMÁTICA

O lipograma – do grego *λείπειν γράμμα*, que significa ‘deixar uma letra’ – diz respeito, como já sinalizado, a um gênero textual constrangido, marcado pela escrita desprovida do uso de determinadas letras do alfabeto. De fato, essa é uma modalidade compositiva pouco explorada e tida, em instantes, como inusual.

Conquanto seja notável a baixa frequência desse tipo de texto no panorama literário, é perceptível que ele possui uma antiguidade notável, inserindo-se em uma longa tradição. Nesse sentido, a fortuna crítica costuma citar o autor grego Laso de Hermione (VI a.C.) como o mais antigo lipogramista do qual se possui notícia. A tal escritor são atribuídas a autoria das obras *Hino à Deméter* e *Os Centauros*, ambas com restrição em sigma. Dessas duas composições, restaram apenas fragmentos da primeira, como o seguinte trecho:

Δάματρα μέλω Κόραν τε Κλυμένοι ἄλοχον
μελιβόαν ὕμνον ἀναγνέων
Αἰολίδ’ ἄμ βαρύβρομον ἄρμονίαν¹⁹

¹⁸ Na recente tradução brasileira, Amarante (2019) apresenta, nos índices remissivos das *Mythologiae*, uma seção intitulada *Hapax legomena*, destacando esse elemento do estilo fulgenciano (vd. Amarante, 2019, pp. 381-387).

¹⁹ Athen. 14. 624ef. Tradução: Canto de Deméter à Donzela, esposa de Clímeno, levantando o grito de um hino na harmonia eólica profunda.

Seguindo idêntico paradigma constritor, mas agora em caráter consecutivo, os poetas Nestor de Laranda e Trifiodoro compuseram, respectivamente, uma *Odisseia* e uma *Iliada* (MANCA, 2013). Quanto aos escritores latinos, registra-se, exatamente, a efígie de Fulgêncio, autor da obra objeto de tradução nesta pesquisa, a *De aetatibus*, já inserida em um contexto tardo-antigo de difusão da fé católica, que adquiriu significativa robustez no período medieval. Quanto ao Mitógrafo, é importante perceber o diálogo de sua escrita constrangida com a de outras verificadas em sua época.

Ante isso, um jogo linguístico muito representativo da fé cristã é aquele associado aos termos ‘Eva’ e ‘Ave’. Consoante elucidada Franco Júnior (1996), o vocábulo Ave, frequentemente empregado no culto de hiperdulia, dirigido à Virgem Maria, é inversão de Eva, a primeira mulher. Dessa forma, constrói-se um raciocínio de matriz analógica, comum na Idade Média, sintetizador de uma tradição de fé e de um forte sistema de crenças.

Assim, é posta em evidência a superação de Eva, responsável por se alimentar, pecaminosamente, de um “maldito fruto”, pela Ave Maria, que, em seu ventre, gerou o “bendito fruto” Jesus. Nesse sentido, a oposição entre a “mãe pecadora” e a “mão redentora” foi muito realizada no século XI, como demonstrado pelo hino “Salve Regina”, cantado à época (FRANCO JÚNIOR, 1996). Esses inúmeros jogos e inversões revelam, desse modo, a grande potência da estética constrangida, tanto por servir de testemunho histórico da visão do homem medieval, como por se permitir valer de um experimentalismo linguístico até então pouco difundido.

Entretanto, é cediço que essa modalidade expressiva foi vítima de um processo de invisibilização, decorrente de uma ótica representacional de diretriz platônica, alicerçada pelo louvor exacerbado a uma leitura prescritivo-normativa do fazer artístico, acerca de uma restrição canônica aos modelos tidos por apreciáveis e pautados nas noções de verdade, beleza e bem.

Fruto dessa visão, sedimentou-se um conjunto infamante de leituras concernentes à cultura medieval, sendo até hoje comuns o uso de expressões como Idade das Trevas para designar um período de intensa produção artística, ainda que peculiarmente diversa da clássica. Até mesmo

formulações de pensamento, como o frutífero raciocínio analógico, são tratados com relativa indiferença, segundo enunciado por Franco Júnior:

A recusa a constatar o pensamento analógico medieval deve-se, talvez, a duplo motivo. De um lado, é extremada reação inconsciente à velha postura que via na Idade Média uma Idade das Trevas ou uma Idade da Fé, entenda-se, nos dois casos, uma época sem a luz da razão. De outro lado, é aceitação literal da visão que o cristianismo medieval oficial tinha do mundo e de si próprio, e que tendia a não reconhecer a forma analógica de relacionar as partes – seres humanos, animais, plantas, pedras, fenômenos naturais, etc. – com o todo (Universo). Por exemplo, uma das mais importantes autoridades de então, Isidoro de Sevilha, considerava a lógica – ao lado da natureza e da ética – um dos fundamentos da Bíblia. Ele não aceitava a analogia naquele papel por definir tal forma de pensamento como comparação do « duvidoso com algo semelhante que não oferece dúvida », situação que não lhe parecia cabível na Palavra de Deus (FRANCO JUNIOR, 2008, p. 02).

Nessa linha de intelecção, exige-se dos estudiosos da literatura marginalizada um comportamento ativo, capaz de tensionar o rizoma monadológico legado pela fortuna crítica. Assim, será possível, como assevera Deleuze (2015), reverter o platonismo, ultrapassando diretivas tendenciosas do binarismo logocêntrico redutor de composições artísticas.

O marcante espiritualismo de temperamento cabalístico da produção artística no Medievo está em consonância com o giro cultural empreendido, associado à difusão da religiosidade cristã, com ênfase para uma perspectiva teocêntrica. Desse modo, a realização, por Fulgêncio, de uma escrita lipogramática também reflete um estado de angústia existencial, vinculado à dificuldade de expressão humana, em face do desequilíbrio gerado pela percepção de uma natureza pecadora. Assim, variados elementos culturais, como a fé, o misticismo e a alquimia, cruzam-se na confecção de uma escrita marcada por um cunho enigmático. Esse viés experimentalista é notável na produção da época, tendo sido objeto de observação por Francesco Stella:

Da Irlanda, há a registrar líricas de Columbano (c. 540-615), mas as obras mais influentes são *Liber Hymnorum* e *Hisperica Famina*, uma coleção de 14 textos enigmáticos compostos em prosa rimada e assonante de autores monásticos do meio céltico (Gales, Irlanda ou Inglaterra) de meados do século VII, que misturam neologismos latinos, grecismos, termos raros e vocábulos semitas ou célticos «numa miscelânea linguística que toca as raias da compreensibilidade» (G. Polara), mas com referências a situações ou elementos como céu, mar, fogo, campo, vento, multidão, os doze vícios do palácio ocidental, uma «regra do dia», locais e instrumentos da vida monástica e historietas: uma obra provavelmente escolar, de forte experimentação linguística, que quadra bem com um gosto pelo enigma amplamente difundido na poesia e na escola insulares e bem atestado nas coletâneas de adivinhas em verso atribuídas a Tatwine, Eusébio e Bonifácio e ainda numa coletânea

protocarolíngia denominada *Ænigmata Anglica*. É dela que vem o nome do «estilo hespérico»: uma forma de escrever artificiosa e anticonvencional que perpassa toda a Idade Média, com picos de maior crescimento no século X, e que se caracteriza pela presença de elementos lexicais não latinos, neologismos e estruturas sintáticas assimétricas e forçadas (STELLA, 2012 p. 458).

Note-se, inclusive, que a Igreja Católica foi o ente mais poderoso do Medievo, exercendo, até mesmo, um domínio de viés intelectual. Assim, significativa parcela dos textos do período foram escritos por membros do próprio clero, visto que a maioria da população era analfabeta. Nesses termos, é comum a temática religiosa, atrelada à moralidade cristã, com a valorização de elementos bíblicos.

Em similar sentido, verifica-se uma preservação do latim na composição literária, por força do poderio dessa Instituição que o adotava com língua oficial, ainda que os romances, desde o período merovíngio, já estivessem em processo de estruturação. Não à toa, Ezio Raimondi e Giuseppe Ledda destacam a importância da Bíblia Sagrada Cristã para a produção literária do período:

O outro polo da cultura da alta Idade Média, o mais ativo e vital, consiste na múltipla atividade literária exercida em redor do texto sagrado. A Bíblia é objeto de pesquisas filológicas, orientadas para a definição do cânone e para a procura do texto mais correto, e de grandes iniciativas de tradução, entre as quais se revela decisiva a de Jerónimo, entre o século IV e o seguinte, que depois de algumas resistências iniciais se impõe no uso da Igreja de tal maneira que recebe o nome de *Vulgata*. E em redor da Bíblia crescem todas as demais formas de expressão literária (RAIMONDI e LEDDA, 2012, p. 433).

Por outro lado, também se notabiliza uma influência filosófica helênica, com o resgate de autores como Aristóteles e Platão, ainda que, por vezes, remodelados pelas Escolas Teológicas, a exemplo da Patrística e da Escolástica. Além disso, merece destaque o trabalho realizado por copistas na preservação dos manuscritos confeccionados.

Após o período medieval, outros escritos lipogramáticos foram elaborados. Um registro valioso concerne aos lipogramas do artista barroco e hispano-português Alonso de Alcalá y Herrera (1599 – 1682), que também foi autor de um livro com 683 anagramas. Ele publicou, em 1641, *Varios efectos de amor en cinco novelas exemplares*, um conjunto de textos estruturados em consecução lipogramática, de modo que cada livro dispensa o uso de uma

determinada vogal. De forma ilustrativa, exhibe-se, na sequência, a parte inicial do título *Los dos soles de Toledo*, em que não se emprega a letra ‘a’:

Sobre eminente sitio, sublime puesto y delicioso trono, entorno y círculo vistoso de soberbios y lisonjeros montes; por lo excelso, con el portentoso imperio de todos ellos, si no de todo el orbe, perpetuo Príncipe se engríe y supremo Rey se constituye el nobilísimo, el insigne, el invencible siempre cívico monte de Toledo, metrópoli de todo el ínclito reino, de su noble ilustre corte y opulento solio un tiempo de felicísimos Reyes;

Sobre eminente terreno, sublime posto e delicioso trono, entorno e círculo de soberbos e lisonjeiros montes; pelo excelso, com o prodigioso império de todos eles, possivelmente de todo o mundo, o Príncipe perpétuo se ensoberbece e o Rei se constitui o nobilíssimo, o insigne, o invencível sempre cívico monte de Toledo, metrópole de todo o distinto reino, de seus nobres súditos ilustres e luxuoso sólio um tempo de felicíssimos Reis²⁰.

Pensando em produções temporalmente mais recentes, merece destaque a Escola OULIPO (*Ouvroir de Litterature Potentielle*), fundada na França na década de 60, que buscou a aplicação de princípios matemáticos na composição poética. Nisso, já fica evidente uma marca distintiva entre alguns fundamentos do experimentalismo lipogramático medieval e daquele explicitado no século XX.

Na Idade Média, os “jogos linguísticos” se legitimavam por uma cultura que tentava demonstrar o estado de angústia humana e sua dificuldade expressiva, associada a um obscurantismo teocêntrico de matriz subjetiva, mística e alquímica. Assim, esses registros estilísticos conferiam ao escrito um caráter, até mesmo, enigmático. No Concretismo já se sublinha, ao revés, a exacerbação de diretrizes lógicas, exatas, sistemáticas e racionais por parte de escritores que, encarnando uma atitude mais crítico-objetiva, explicitam o domínio técnico que possuem sobre essa e outras tipologias literárias.

Dentre os expoentes da OULIPO, pode-se citar Raymond Queneau, François Le Lionnais, Italo Calvino e Georges Perec. Este último compôs o célebre lipograma *La Disparition*, com constrição em ‘e’, o qual foi traduzido para o português – com idêntica restrição e sob o título *O sumiço* – por José Féres, em sede de doutoramento, na Universidade Federal da Bahia.

²⁰ Busquei traduzir tal passagem lipogramaticamente.

Vejamos, então, o início do primeiro capítulo do texto de partida francês, seguido de sua versão lusófona:

Anton Voyl n'arrivait pas à dormir. Il alluma Son Jaz marquait minuit vingt. Il poussa un pro fond soupir, s assit dans son lit, s'appuyant sur son polochon. Il prit un roman, il l'ouvrit, il lut; mais il n'y saisissait qu'un imbroglio confus, il butait à tout instant sur un mot dont il ignorait la signification. Il abandonna son roman sur son lit. Il alla à son lavabo; il mouilla un gant qu'il passa sur son front, sur son cou. Son pouls battait trop fort. Il avait chaud. Il ouvrit son vasistas, scruta la nuit. Il faisait doux. Un bruit indistinct montait du faubourg. Un carillon, plus lourd qu'un glas, plus sourd qu'un tocsin, plus profond qu'un bourdon, non loin, sonna trois coups. Du canal Saint-Martin, un clapotis plaintif signalait un chaland qui passait.

Antoin Vagol não caía no sono. Ligou a luz. No pulso, o Jaz marcava uma hora da madrugada. Suspirou fundo, apurou as costas na cama, apoiado numa almofada. Apanhou um livro, abriu-o, foi dando uma lida; mas só captava naquilo um imbróglío confuso, topava a toda hora com uma palavra cujo significado ignorava. Largou o livro na cama. Foi à pia; molhou uma luva para banho, passou-a no rosto, na gorja. Sua pulsação batia à disparada. Suava. Abriu a vidraça, sondou a madrugada. Não fazia calor, tampouco, frio. Um rumor indistinto vogava no ar. Próximo dali, profundo como a tocar numa vigília, surdo como a dobrar numa inumação, abafado como a badalar sob a borrasca, um sino soou a sua batida trinitária. Lá do canal Saint-Martin, um murmulho lastimoso sinalizava uma barca a passar.

Desse modo, acrescentando ao feito de Féres a presente tradução da *De aetatibus*, já é possível afirmar que o aludido centro universitário baiano também demarca o início do funcionamento de um potente núcleo brasileiro de estudo da tradição lipogramática e de suas correlatas práticas tradutórias. Assim, deve-se atentar que esses trabalhos contribuem com a inflexão de representações artísticas em amplo sentido, não apresentando uma natureza meramente endógena. Embora José Féres tenha se centrado na obra de Perec e o trabalho aqui desenvolvido na de Fulgêncio, suas análises impulsionam releituras estéticas mais largamente consideradas, reatualizando e tensionando conceitos ligados à literariedade, originalidade e traduzibilidade, dentre outros.

4 TRADUZINDO SEM AS LETRAS

Exige-se do processo tradutório uma análise profundamente atenta e reflexiva, de modo que se possibilite um diálogo, dentro de uma perspectiva contemporânea, com os autores e seus respectivos textos, ainda que pertencentes a temporalidades remotas. Em realidade, o manejo de textualidades antigas, como o lipograma fulgenciano, exige um olhar ainda mais cauteloso desse fenômeno. Dessa forma, é oportuno ressaltar as contribuições de Giorgio Agamben em seu ensaio *O que é contemporâneo?* (2009), enfatizando os contornos da noção de contemporaneidade, imprescindível para um adequado confronto dos desafios tradutórios ante a conjuntura presente.

Buscando uma melhor compreensão sobre a ideia de contemporaneidade, Agamben retoma seu viés intempestivo, revitalizando a conceituação de Nietzsche, expressa em sua obra *Unzeitgemässe Betrachtungen (Considerações Extemporâneas)*. Posteriormente, salienta que o olhar contemporâneo exige um comportamento ativo do sujeito, o qual, através de uma desconexão, entendida enquanto deslocamento, e uma dissociação, no que tange a um anacronismo, deveria apreender o próprio tempo, no que se explicitaria uma discronia, concernente a uma não-coincidência, necessária para sedimentar uma visão externa crítica de um indivíduo que não deve, todavia, viver noutro tempo.

Assim, no arcabouço de uma perspectiva ativa, o investigador-tradutor poderá enxergar as luzes presentes no escuro de seu tempo, através de um processo constante de interpretação, inerente ao labor tradutório. Dessa forma, salienta-se o tempo cronológico que, todavia, não impõe uma limitação quanto ao exercício dessa atividade, a qual o transforma.

Exemplo desse supramencionado processo, conforme o próprio Agamben (2009), é a moda. Ela é responsável por gerar uma sensação de descontinuidade no tempo, no que tange às noções de atualidade e inatualidade atreladas a um estar ou não na moda. Dessa forma, impõe uma divisão temporal que, embora evidente, não é tangível ou apreensível. Nesse sentido, pode-se questionar qual o momento da moda: se do estilista, do desenhista, do alfaiate ou do desfile. Igualmente, no momento em que se diz que alguém está na moda, essa pessoa já estaria fora dela, tendo em vista a natureza peculiar do tempo da moda, a qual, por outro lado, também autoriza atualizações, com o resgate de estilos passados.

Como ser, então, contemporâneo a um escrito tão antigo, conferindo vida ao Fulgêncio da Antiguidade Tardia? A contemporaneidade, na prática, exige um exercício transformador. Deve-se, ante isso, perceber no presente as marcas do arcaico, entendido enquanto uma origem contemporânea ao devir histórico, buscando acessar o presente por via de uma arqueologia que permite uma correlação entre os inúmeros tempos, em uma releitura contínua da história.

É justamente focalizando essa perspectiva que se desenvolve o processo de tradução do lipograma fulgenciano *De aetatibus mundi et hominis*, adotando-se por base a edição fixada por Helm (1898). Nesse sentido, é importante frisar que está sendo realizada a primeira tradução para a língua portuguesa e a primeira do mundo em lipograma, momento em que se intensifica a busca por novos caminhos tradutórios, reavivando-se indagações teórico-práticas.

Realiza-se, dessa maneira, uma tradução interlingual ou ainda, conforme Jakobson (2003), propriamente dita, conceito questionável por seu viés essencialista. Assim, colocam-se em tensão dialógica a língua do texto de partida (latim tardio) e a do texto de chegada (português brasileiro), com a produção de um suplemento também lipogramático. Ademais, faz-se uso de notas explicativas, a fim de confrontar dados e outras contribuições tradutórias, além de elucidar questões que possam ser consideradas difíceis ou valiosas no processo de compreensão textual ou de apreciação do exercício tradutório transformador.

Ante o processo de tradução do prólogo e dos quatro primeiros livros (*Ausente A*, *Ausente B*, *Ausente C* e *Ausente D*), evidencia-se a necessidade de rememorar inúmeras discussões tradutórias atreladas à busca por superação das noções de equivalência, fidelidade e autenticidade, relacionadas a perspectivas essencialistas e logocêntricas, bem como a imprescindibilidade de pôr em tensionamento crítico as preferências eletivas articuladas. Quanto a isso, verifica-se salutar a apreciação do seguinte escrito da teórica Rosemary Arrojo, feito em face de reflexões sobre o ensino da tradução:

Assim, uma tradução poderá apenas ser “correta” para alguém, ou para um grupo, e em lugar e tempo determinados; jamais poderá ser intrínseca e absolutamente correta, como jamais poderá ser independente da perspectiva e das circunstâncias em que é realizada ou avaliada. Consequentemente, os conhecimentos necessários para essa realização e para essa avaliação também estarão sempre enraizados em circunstâncias determinadas e jamais poderão ser absolutos ou totalizantes. Voltando ao texto de Straight, os conhecimentos que um tradutor deverá ter acerca da língua e do autor que traduz serão aqueles que sua época e suas circunstâncias históricas e socioculturais lhe permitem ter acerca dessa língua e desse autor; jamais constituirão um todo fechado e

pronto, atemporal e fora da história que pudesse ser acumulado ou armazenado em tabelas ou modelos de sistematização (ARROJO, 1996, p. 95).

Desse modo, impende destacar que durante muito tempo o labor tradutório se viu restrito a compreensões vinculadas à noção paradigmática de equivalência, atreladas a um caráter, por vezes, imanentista e de sabor totalizante. Assim, desenvolveram-se inúmeras perspectivas teórico-metodológicas, visando à apreensão de valores comuns a códigos linguísticos diversos, tanto no que tange à equivalência natural, como no que diz respeito à equivalência dinâmica.

Ocorre que uma série de reflexões difundidas na segunda metade do século XX abalou esse sistema de crenças. Em tais termos, questionou-se a relação de causalidade entre o escrito-fonte e sua tradução, além da própria (im)possibilidade de comunicação de sentidos, por via de um profundo ceticismo epistemológico de cunho indeterminista. Assim, evidenciou-se a instabilidade do texto de partida, o qual está sujeito a inúmeras regulações, até mesmo interpretativas, por parte de um sujeito-tradutor que afetaria seu trabalho com seus valores, ideologias e impressões.

Some-se a essa instabilidade de cunho interpretativo uma outra de viés material, atrelada à multiplicidade de textos de partida, muito evidente em relação aos textos medievais, como o de Fulgêncio, em que escribas produziam versões variadas de uma mesma obra. Ante isso, é proveitoso recuperar um escrito muito elucidativo de Anthony Pym:

A pesquisa descritiva mostrou que as ações dos tradutores variam consideravelmente de acordo com sua posição cultural e histórica. Por exemplo, em época anterior à impressão, os textos de partida eram com frequência manuscritos em constante processo de cópia, modificação e reescritura, bem como de tradução, fazendo da tradução apenas outro estágio em uma infinita sequência de transformações (sob esse aspecto, lembravam um pouco os nossos atuais websites e softwares). Não eram pontos de partida estáveis aos quais uma tradução poderia ser considerada equivalente. O conceito de equivalência, portanto, não era um assunto que os tradutores medievais de fato discutiam; o paradigma simplesmente não estava em pauta porque existiam poucos textos de partida estáveis (PYM, 2017).

Outro aspecto merecedor de atenção e que reflete essa instabilidade dos textos fulgencianos diz respeito à singularidade de seu latim. Seus usos linguísticos, exarados nos manuscritos, não se confundem com aqueles do período clássico, a exemplo dos encontrados em obras de escritores como Virgílio, Ovídio e Horácio, autores latinos canonizados.

Em realidade, o Mitógrafo se localiza em uma conjuntura cronológica notadamente transitória no que diz respeito ao uso do latim, que já se encontrava em intenso processo de transformação. Isso é explicitado em seus códices pelo registro de formas distintas das clássicas e de marcas que indicam o estado de concorrência linguística de teor variacional, o que pode ser facilmente percebido a partir da análise do aparato crítico elaborado pelo editor Helm (1898), em confronto com as lições por ele acolhidas. Neste átimo, importa ressaltar que os escribas da obra fulgenciana apresentam características variadas, havendo aqueles considerados doutos, por atuarem com maior grau de intervenção no texto, realizando inúmeras correções, além daqueles de “mãos menos hábeis”.

Em atenção a essas e a outras problemáticas de ordem sociolinguística, buscou-se refletir, na prática tradutória, o estado de variação linguística presente em língua portuguesa contemporânea. Novamente, a busca pela manutenção dessa marca encontra fulcro não no aprisionamento simplório às amarras da equivalência, mas sim em um viés culturalista fomentador de saberes, tendo em vista que se ambiciona evidenciar elementos por vezes invisibilizados. Assim, a presente tradução assume uma feição transgressora, conforme enunciado por Lawrence Venuti:

[...] uma vez que as traduções são geralmente destinadas a comunidades específicas, elas iniciam um processo ambíguo de formação de identidade. Ao mesmo tempo em que a tradução constrói uma representação doméstica para um texto ou cultura estrangeiros, ela também constrói um sujeito doméstico, uma posição de inteligibilidade que também é uma posição ideológica, informada pelos códigos e cânones, interesses e agendas de certos grupos sociais domésticos. Uma tradução, ao circular na igreja, no estado e na escola, pode ter o poder de manter ou revisar a hierarquia de valores na língua-alvo. A escolha calculada de um texto estrangeiro e da estratégia tradutória pode mudar ou consolidar cânones literários, paradigmas conceituais, metodologias de pesquisa, técnicas clínicas e práticas comerciais na cultura doméstica. Se os efeitos de uma tradução revelam-se conservadores ou transgressores vai depender fundamentalmente das estratégias discursivas desenvolvidas pelo tradutor, mas também dos vários fatores envolvidos na sua recepção, inclusive o layout da página e a arte da capa do livro impresso, a cópia para divulgação, a opinião dos resenhistas, o uso que é feito da tradução nas instituições socioculturais, o modo como é lida e ensinada (VENUTI, 2002, p. 131).

Nesse sentido, deve-se destacar que Fulgêncio é, por vezes, alvo de desaprovações por parte da crítica que o acusa de desconhecimento linguístico ou inabilidade pelo uso de elementos que, ao contrariar os usos clássicos, são eventualmente considerados errôneos. Ocorre, todavia, que

o presente trabalho não só acolhe esses aparentes desvios como uma grande potência, como tenciona colocá-los em relevo, por entender sua importância histórico-sociológica e linguística.

A título de exemplo, empregaram-se estruturas tipicamente populares, como a contração ‘pro’ (para + o), muito útil no livro *Ausente A* por também permitir a manutenção da estrutura lipogramática, escapando, por vezes, de usos morfológicos mais consagrados. Além disso, também foram dispensados alguns comandos sintáticos da tradição gramatical normativa, como os relacionados às regras de colocação pronominal.

Conforme a lição de alguns estudiosos, em início de período e após pausas, dever-se-ia privilegiar a ênclise e a mesóclise, em detrimento da próclise. Ocorre que, no Brasil, é comuníssima a anteposição pronominal na linguagem falada e, até mesmo, na escrita, de tal sorte que seu uso, no texto de chegada, impulsiona uma série de reflexões ligadas ao meridiano linguístico-variacional. Assim, embora aqui se tenda, quanto à escrita científica, à adesão ao regramento mais consolidado, a tradução proposta reverbera inúmeras outras possibilidades expressivas, momento em que se revela um ponto de distanciamento entre o pesquisador e o tradutor de Fulgêncio.

Foi exatamente em atenção a esse dimensionamento cultural que se buscou refletir e discutir a tradição literária lipogramática, que alberga a obra em estudo. Assim, possibilita-se a evidência dos inúmeros pontos de conexão e de afastamento existentes entre a cultura do texto de partida e a aquela do texto de chegada, a partir de uma postura ativa e questionadora, que, devorando inúmeros elementos dessa rede de culturas, reflete um enriquecimento antropofágico, seguindo os dizeres de Ferreira e de Rossi:

Nesse sentido, a incorporação da reflexão trazida no bojo do movimento antropofágico abre novas perspectivas no pensar a tradução, não mais estabelecida a partir de uma dicotomia entre um “dentro” e um “fora”, por exemplo, mas a partir de um espaço que se define como “entre” constituído a partir das inúmeras devorações. A tradução, portanto, passa a ser pensada como “devoração/digestão” dentro da constituição de um novo campo de reflexão epistemológico (FERREIRA; ROSSI, 2013, pp. 41-42).

Dessa forma, a presente tradução, embora parta do lipograma fulgenciano, nele não se encerra, buscando um diálogo contínuo entre as múltiplas culturas confrontadas. Esta empreitada tradutória visa, nesse sentido, a refletir tradições, não se limitando às contingências da escrita fulgenciana.

Aspecto que também chama atenção diz respeito aos estudos concernentes à tradução pós-colonial, em que é ressaltado seu poder ativo de influenciar culturas e de formar identidades. Por sua vez, muitas visões tradicionais relacionadas à tradução, a exemplo da ideia de transporte imparcial e imutável, tendem a reforçar a invisibilização de povos marginalizados. A tradução, para autores como Niranjana e Venuti, deve servir como instrumento de reflexão social, na medida em que pode influenciar a cultura-fonte e a cultura-alvo.

Investigando o processo de tradução literária, Cristina Carneiro Rodrigues (2000) analisa e discute as contribuições de autores como Lefevere e Toury em sua obra *Tradução e diferença*. Dessa forma, ela afirma que tais pensadores foram responsáveis por uma abertura de objeto no campo da tradução, na medida em que possibilitaram reflexões a respeito da crítica, de antologias e do trabalho editorial, dentre outros, identificando uma íntima relação entre literatura e cultura.

Além disso, Rodrigues também demonstra, a partir dos autores supracitados, a relevância da tradução como mecanismo atrelado a mudanças sociais ou à conservação de ideologias, de modo que se verifica necessária a incidência de uma orientação teórica articuladora. Tal estudiosa ressalta, todavia, que os aludidos autores conservam a noção de equivalência por considerarem a existência de leituras corretas do texto, as quais estariam vinculadas a normas de tradução e à invariante de comparação, para Toury, ou a estratégias em um processo de reescrita, para Lefevere.

Também refletindo essas questões, muito embora voltada a uma perspectiva descritiva associada à tradução etnográfica, Alice Ferreira (2014) questiona a naturalização de certos elementos na cultura social. Nesse sentido, em atenção ao multiculturalismo que nos norteia, chega a potencializar a característica do estranhamento como elemento tradutório, visto que ele permite um necessário desconforto movimentado para a compreensão do outro:

A tradução-descrição necessita de um distanciamento em relação à sociedade de origem para ficar mais perto do que era distante. De fato, o distanciamento permite a percepção que o que tínhamos como ‘natural’ na nossa sociedade, em particular a língua que falamos, através da qual se forma nosso pensamento, é, na realidade, um fato cultural. Assim, o estranhamento, o espanto na formação do tradutor-etnógrafo provocado pelas línguas-culturas diferentes, levam a uma modificação do olhar que temos sobre nós-mesmo. Fechados em uma cultura, somos incapazes de descrever-traduzir a cultura do outro e temos dificuldades em ver a nossa. A experiência da diferença nos permite ver o que não conseguiríamos imaginar porque nossa atenção tem

dificuldades em se fixar sobre o que nos é habitual e por isso acabamos achando que é normal. Somos tributários das convenções de nossa época, de nossa cultura, da nossa língua e do nosso meio social que nos designam o que devemos olhar e como devemos olhar (FERREIRA, 2014, p. 386).

Dessa maneira, ganham força estudos tradutórios relacionados à literatura marginalizada, garantindo-se voz a sujeitos e elementos culturais sistematicamente apagados e invisibilizados. Assim, discutindo epistemes atreladas a esse campo, buscou-se orientar o exercício tradutório através de variados critérios tensionadores, tanto de ordem geral quanto destinados a dar lugar à restrição lipogramática. Desse modo, também evitando, no português, o uso sequenciado das letras que vão de ‘a’ a ‘o’, busca-se produzir estranhamentos no leitor, alertando para a existência de uma tradição cultural literária pouco conhecida e, em certa medida, obliterada.

Obviamente, a adoção de um modelo restritivo de escrita requer a realização de uma série de concessões. Nesse sentido, a fim de manter o rigor formal, com a elaboração de um escrito literário que evitasse o uso consecutivo de letras do alfabeto, viu-se necessário o uso de vários recursos de ordem linguístico-figurativa. Assim, tanto o próprio Fulgêncio como seu presente tradutor singraram mares estilísticos inusitados, enveredando por raros subterfúgios retóricos, de modo a garantir a incolumidade da estrutura lipogramática, agitadora de reflexões.

Acrescendo a essa problemática, o prólogo da obra representou um denso entrave tradutório, visto que alguns estudiosos, a exemplo de Manca (2003), defendem que ele integra o texto do primeiro livro (Ausente ‘A’), enquanto outros, seguindo a edição de Helm, ventilam que essas seriam partes independentes, entendimento acolhido neste trabalho. Dessa forma, a tradução do prólogo é alipogramática, preservando-se a marca estilística de escrita constrangida a partir do mito da criação de Adão e Eva, tomado como início do livro I.

Diante do exposto, impende ressaltar que a busca pela manutenção dessa característica formal da obra não encontra amparo em algum tipo de louvor ao paradigma da equivalência. De fato, o presente tradutor compreende o fenômeno tradutório como um movimento transformador, filiando-se à perspectiva derridiana de que o texto de chegada funciona como um suplemento, não buscando representar ou substituir o texto-fonte. Aponta para esse sentido a seguinte passagem da obra *Torres de Babel* de Jacques Derrida, tensionando noções imanentistas ligadas à fidelidade e à autenticidade:

Estranha dívida que não liga ninguém a ninguém. Se a estrutura da obra é "sobrevida", a dívida não engaja junto a um sujeito-autor presumido do texto original – o morto ou o mortal, o morto do texto –, mas a outra coisa que represente a lei *formal* na imanência do texto original. Em seguida, a dívida não engaja a restituir uma cópia ou uma boa imagem, uma representação fiel do original: este, o sobrevivente, está ele mesmo em processo de transformação. O original se dá modificando-se, esse dom não é o de um objeto dado, ele vive e sobrevive em mutação (DERRIDA, 2002, p. 38).

Dessa forma, a prática tradutória opera, conforme Derrida, por via do jogo do rastro, através de um mecanismo de *differánce*, referente a um diferimento a ser entendido não apenas quanto a processos de diferenciação, mas também de distanciamento. Assim, o tradutor é visto como um efetivo criador, não devendo limitar suas práticas a essencialismos vinculados a uma suposta fidelidade ao texto-fonte, tido, por vezes, como original.

Ante isso, é também discutível esse sentido de origem, tendo em vista a rede interminável de intertextualidades e a inexistência de um estancamento dos escritos a um circuito cerrado de apreciação. Desse modo, questionando perspectivas ontológicas fundadas na ideia de presença, Derrida alicerça sua análise na aludida *différance*. Para ele a tradução não reproduz ou representa o texto tido por “original”, mas sim o modifica, mergulhando em sua abertura para um universo plural de sentidos, tendo em vista a inexistência de significados puros, de modo a se estabelecer um relacionamento entre línguas.

Segundo Foucault (1977), por sua vez, o tradutor cria o “original”, sendo necessário desconstruir noções de autoria e de autoridade. Dessa forma, cada tradução representa uma recriação do texto-fonte, conferindo-se ao tradutor uma posição de maior protagonismo. Em tal sentido, Foucault combate a ideia de inspiração espontânea, afirmando que a obra é fruto de uma conjuntura sócio-histórica localizada, marcada por sistemas regulatórios e institucionais que lhe são característicos. Assim, questiona-se a originalidade do texto-fonte, o qual apresentaria uma abertura associada a lacunas e ocultações, possibilitando-se a reconsideração acerca do sentido de um texto. Nesse sentido, é muito proveitosa a seguinte leitura realizada por Edwin Gentzler da ótica foucaultiana:

A noção de que o tradutor cria o original é introduzida pelos desconstrucionistas e serve para corromper a noção de autoria e, com ela, a autoridade em que se basear uma comparação de subsequentes versões traduzidas de um texto. Os desconstrucionistas argumentam que os textos originais estão sendo constantemente reescritos no presente e cada leitura/tradução reconstrói o texto-fonte. [...] Segundo Foucault, o trabalho do

autor não é o resultado de inspiração espontânea, mas está atrelado aos sistemas institucionais da época e do lugar dos quais o autor tinha pouco controle ou percepção. Portanto, o “ato de criação” é, na realidade, uma série de complexos processos que a designação “autor” serve para simplificar. Ele prefere não pensar no autor como um indivíduo real, mas como uma série de posições subjetivas, determinadas não por uma única harmonia de efeitos, mas por lacunas, descontinuidades e rupturas (GENTZLER, 2009, p. 188-189).

Interessante é refletir esse problema da autoria para o texto de partida aqui analisado. Ao passo que, seguindo uma perspectiva desconstrutivista, reconhece-se a precariedade dessa noção, também se busca, neste trabalho, enfrentar um problema muito antigo, ligado à transmissão textual da *De aetatibus*, no que diz respeito à diferenciação entre os dois Fulgêncios (Mitógrafo e Ruspense). Ora, se a tradução, inegavelmente, modifica o escrito, de tal forma que seu tradutor sintetizaria um novo sistema-criador, considerando as inúmeras condicionantes de seu tempo, qual seria a relevância em definir um “autor” para essa obra? Essa atitude não estaria, em certa medida, vinculada a uma sacralização do texto latino, tendente a galvanizar o próprio *status* de “original”?

Em realidade, a discussão aventada no primeiro capítulo não se vincula a qualquer transcendentalismo equivalente, atrelado a um suposto sistema ideológico de supervalorização do texto de partida. Almejou-se, apenas, apresentar um problema largamente difundido na Área e que, de fato, é relevante para estudos ligados à crítica textual, por envolver um conturbado processo de transmissão da obra fulgenciana.

Para o campo das Letras Clássicas, é importante discutir alguns elementos ligados à identificação do texto, até como forma de conhecer sua circunstância sócio-histórica de inserção, visto que, em geral, são extremamente escassos os subsídios informativos. Assim, o que se objetivou não foi enaltecer a figura do Fulgêncio enquanto “autor-criador” de uma produção “original”, mas tão somente valorizar um estudo de matriz histórica, a fim de minimamente desvelar o sistema de condicionantes ligados ao acervo considerado.

Nesse sentido, o real interesse aqui engendrado se conecta mais ao conhecimento da repercussão literária da *De aetatibus* e menos à identificação taxativa de um sujeito para ser chamado de autor. Até porque, como largamente discutido na seção inicial desta Dissertação, grande parte dos elementos adotados no processo de tentativa de definição de autoria diz respeito a dados coletadas da própria produção literária.

Assim, entendendo a tradução como transformadora, a própria identidade de Fulgêncio, concebida a partir de seu escrito latino, seria apagada. Noutra perspectiva, poder-se-ia considerar que uma nova identidade seria formada para o lipogramista, um novo autor, entendido como síntese de uma diversa rede sociolinguística e cultural de condicionantes.

Além disso, no caso da *De aetatibus*, a teia de campos autorais se verifica profundamente ampla, já que sua edição crítica, fixada por Helm (1898), levou em consideração cinco manuscritos (Palatinus, Reginensis, Sorbonicus, Taurinensis e Vaticanus), os quais poderiam ser considerados traduções diversas, consubstanciando sistemas valorativos distintos, de modo a se distanciar ainda mais a “autoria” da versão fulgenciana. Falar de Fulgêncio é, portanto, referir-se a uma série de sujeitos, ou melhor, a um rizoma de escritas e reescritas sintetizadoras de incontáveis plexos culturais.

Quanto a isso, Rosa Borges e Arivaldo Sacramento de Souza (2012) diferenciam a crítica textual tradicional – que, assumindo um viés platônico, busca a reconstrução de um “*original*” perdido ou arquétipo, através da eliminação de supostos erros inseridos pela tradição – da crítica textual moderna, caracterizada por uma feição de ordem mais pragmática, visando à edição de escritos com base no reconhecimento de que eventuais variações correspondem a testemunhos legítimos da vida de um texto, nada devedores daquele, por vezes, tido por “*original*”.

De fato, após o giro paradigmático sofrido pelas teorias literárias, em decorrência do abalo epistêmico propiciado por perspectivas desconstrucionistas e pelos estudos culturais, é mister atentar para as correlatas reverberações no campo tradutório das Letras Clássicas, revigorando e reatualizando seus conceitos.

Dessa maneira, a presente tradução do lipograma fulgenciano não possui qualquer pretensão de definir estruturas rígidas de análise, tendentes a reduzir a obra literária a supostos núcleos essenciais que, quando confrontados, revelariam a existência imanente de um direcionamento equivalente. As produções artístico-tradutórias são multifatoriais, permitindo o cruzamento de inúmeros vetores de força na rede interminável de suas correlações e, portanto, de suas produções de saber. A tradução pode, inclusive, desierarquizar epistemes plasmadas no texto de partida.

Assim, este suplemento externa influências múltiplas, acolhidas como uma força motriz que se amplia conforme a densidade analítica engendrada, inserindo-se, desse modo, em um contínuo movimento dialógico. Nesse sentido, uma imagem muito potente para compreender esse movimento da tradução enquanto transformação é a do palimpsesto, continuamente apagado e reescrito. Ressalte-se, dessa forma, este trecho esclarecedor de Rosemary Arrojo, extraído de seu livro *Oficina de Tradução*:

O texto, como o signo, deixa de ser a representação “fiel” de um objeto estável que possa existir fora do labirinto infinito da linguagem e passa a ser uma máquina de significados em potencial. A imagem exemplar do texto “original” deixa de ser, portanto, a de uma sequência de vagões que contêm uma carga determinável e totalmente resgatável. Ao invés de considerarmos o texto, ou o signo, como um receptáculo em que algum “conteúdo” possa ser depositado e mantido sob controle, proponho que sua imagem exemplar passe a ser a de um palimpsesto. Segundo os dicionários, o substantivo masculino palimpsesto, do grego *palímpsestos* (“raspado novamente”), refere-se ao “antigo material de escrita, principalmente o pergaminho, usado, em razão de sua escassez ou alto preço, duas ou três vezes [...] mediante raspagem do texto anterior”. Metaforicamente, em nossa “oficina”, o “palimpsesto” passa a ser o texto que se apaga, em cada comunidade cultural e em cada época, para dar lugar a outra escritura (ou interpretação, ou leitura, ou tradução) do “mesmo” texto (ARROJO, 2007, p. 23-24).

Em tais termos, não se busca representar a intenção ou alguma essência estática da obra fulgenciana, mas sim escrever no palimpsesto de seu lipograma. Dessa forma, o presente leitor deve ampliar seu exame para as potencialidades desse movimento tradutório, não se limitando a perseguir a figura de Fulgêncio no texto de chegada proposto.

Em sua obra *Escândalos da Tradução* (2002), Venuti aponta que identidades culturais podem ser formadas a partir da atividade tradutória. Nesse sentido, evidencia que a tradução não corresponde a uma operação ingênua de mera transposição de signos, mas sim um instrumento que pode ser utilizado a serviço de ideologias, podendo, inclusive, canonizar autores estrangeiros dentro de comunidades domésticas. Ademais, os textos estrangeiros transcorrem por um filtro doméstico que perpassa pela análise de valores de comunidades diversas por agentes culturais.

Nesse processo, atuam interesses de ordens distintas, a exemplo de acadêmicos, estéticos e culturais. Justamente por isso, é preciso haver uma preocupação ética quando se está traduzindo, evitando-se, conforme Berman, uma atitude doméstica etnocêntrica em relação à cultura estrangeira, através de uma ética da diferença. Assim, embora seja inevitável algum grau de

domesticação dos textos, deve-se buscar a representação da diversidade, tendo em vista a interculturalidade e a pluralidade de perspectivas. Compartilhando esse itinerário reflexivo, Lauro Amorim também focaliza a figura do tradutor enquanto produtor ativo de saberes, não lhe reconhecendo uma posição neutra:

Desse modo, as reescrituras contribuem, decisivamente, para a formação de imagens, conhecimentos e valores que não se reduzem tão simplesmente ao conceito de imagem como representação de uma realidade não mediada. Tradutores, historiadores, críticos, professores e ensaístas produzem textos que tornam possível a constituição de uma realidade textual, não sendo seu trabalho apenas um meio de difusão exterior às obras que analisam, discutem ou traduzem (AMORIM, 2005, p. 28)

Ante isso, a opção pela estrutura lipogramática, antes de representar um fetichismo quanto à versão latina ou uma busca incessante por equivalência mórfica, apresenta-se por pretender precisamente abalar tradições epistêmicas. Assim, põe-se em evidência uma marca que serve de inflexão quanto à crença de alguns no caráter amplamente inovador do “rupturismo” Concretista.

Nessa vereda, cumpre retomar a perspectiva de Heidegger, que combateu teorias metafísicas da tradução, focalizando o sentido e a amplitude da linguagem em seu “*Dasein*”. Dessa forma, ele entende a tradução como uma ação condicionada por categorias de uma determinada época, mas que deve se voltar também para aquilo que não é denominado, aquilo que foi linguisticamente obscurecido.

A ótica hermenêutica é muito cara para o campo de Letras Clássicas, em que a interpretação assume uma posição de destaque. Nesse sentido, se o exercício tradutório em geral já se submete a enviesamentos interpretativos, isso fica ainda mais evidente quando a língua do texto de partida é o latim. O grande distanciamento cronológico impacta em profundas distinções quanto às culturas linguísticas, o que gera uma dificuldade enorme de acesso aos textos. Se a leitura, em certa medida, está condicionada a percepção e ao acervo de quem a realiza, é muito mais fácil incorrer em anacronismos com escritos tão antigos.

Além disso, merece atenção o fato de que o latim é uma língua mais econômica que as hodiernas neolatinas do ponto de vista lexical, considerando, inclusive, que com o passar do tempo os idiomas tendem a se enriquecer com novos vocábulos. Disso deriva a existência de muitas

possibilidades para a tradução de uma mesma palavra, como evidenciado nos dicionários que apresentam inúmeras páginas de opções para um único verbete.

Portanto, em se tratando de textos latinos, chegam a beirar a obviedade discursos sobre a instabilidade do texto de partida decorrente de divergências interpretativas, pois é exatamente esse o cotidiano laboral da área. Ler latim não é tarefa fácil, e, em geral, mente quem afirma ser fluente nessa prática. Muitas vezes, uma breve leitura exige consultas constantes ao dicionário e a materiais que contextualizem a narrativa em exame.

Em decorrência da maior dilação temporal requerida, a tríade leitura-interpretação-tradução se explicita. Igualmente, é perceptível uma tendência na Área das traduções buscarem refletir o conhecimento da língua, o que também advém de certo compromisso hermenêutico vinculado a busca por minimizar eventuais incompreensões ou divergências, assumindo-se, amiúde, a dificuldade de acesso inicial aos textos até mesmo por especialistas, que, inclusive, usam frequentemente as traduções para manejar as versões em latim.

Dessa maneira, se, de um lado, as liberdades com o texto são naturalmente enormes, considerando essa grande abertura gerada no âmbito interpretativo, por outro, o público leitor exige muitas vezes que seus tradutores encarnem uma atitude mais reguladora. Assim, é comum a valorização de elementos semânticos e sintáticos, buscando-se, por vezes, evidenciar o conhecimento dos casos latinos e dos tempos verbais, além de outros registros de ordem gramatical.

A título ilustrativo, o público geral de traduções feitas a partir do inglês costuma ser formado por pessoas que desconhecem esse idioma ou não o estudam com profundidade. Quanto à Área de Clássicas, todavia, boa parte dos leitores das traduções são justamente os especialistas nas línguas antigas, que anseiam por traduções que acompanhem a leitura dos textos de partida.

Assim, a ênfase dada ao escrito antigo não deve ser entendida, na conjuntura atual, como uma ingênua galvanização ou busca por colocar seus autores em uma “torre de marfim”, mas sim como fruto de exigências de ordem prática. Essa postura também resulta da necessidade de evidenciar registros linguísticos e culturais tidos por relevantes, até porque, em muitos casos, como no de Fulgêncio, o escrito foi praticamente a única coisa que restou.

Nessa linha de intelecção, torna-se proveitoso recuperar a Teoria do Escopo (*Skopos*), que, em linhas gerais, sustenta que a tradução sofre uma rede múltipla de condicionamentos, não necessitando ser equivalente ao texto de partida. Nesse sentido, a tradução teria um propósito específico, uma finalidade ou escopo, associado a uma teia de demandas, que incluem desde a editora ao público leitor. Quanto à tal paradigma, é oportuno resgatar o seguinte escrito de Pym:

Subitamente, surgem uma série de novos atores sociais envolvidos: o contratante/proponente do projeto (podendo ser também seu financiador), uma empresa de tradução intermediando as relações entre proponentes e tradutores, o tradutor, especialistas capazes de contribuir para o processo de tradução, editores e, por fim, o público-alvo, no papel do leitor e usuário da tradução. [...] esses fatores parecem convergir em um propósito ou escopo, aquilo que se espera que a tradução alcance (PYM, p. 113).

Refletindo essa questão no presente trabalho, dentre os inúmeros condicionantes já citados, pode-se até mesmo incluir o público leitor mais imediato, que, neste caso, corresponde à banca examinadora, composta por profissionais com um olhar mais acurado. Embora pouco tratada em textos dissertativos, essa é uma questão que, em geral, impacta até mesmo o modo de exposição do texto de chegada e da discussão do processo tradutório.

Desse modo, as discussões aqui fomentadas acabam por se inserir em uma roupagem linguística determinada, relativas à correção gramatical e à observância de normas da ABNT. Assim, para debater uma série de aspectos textuais e tradutórios, foi feito largo uso de notas de rodapé com fonte *Times New Roman*, um instrumento já previamente estabelecido pela estilística acadêmica, ao invés de serem realizados, por exemplo, comentários em forma de poema no meio do texto em fonte *Comics Sans MS*. Além disso, a consciência de que este trabalho será objeto de avaliação por leitores altamente especializados instigou o tradutor a ter uma postura mais generosa na discussão de suas escolhas tradutórias, utilizando-se ainda mais de notas explicativas.

Aqui também se reconhece, contudo, o papel progressista da atividade de pesquisa, a qual pode, de fato, fornecer propostas inovadoras de abordagem e de apresentação, não tendo que necessariamente se vincular, em todos os aspectos, ao estilo mais sedimentado ou àquilo que as bancas examinadoras consideram mais convencional. Dessa forma, é perfeitamente plausível e, muitas vezes, profícua a subversão aos ditames do conservadorismo.

Quanto a isso, merece ser repisado, já no que concerne ao uso da estrutura lipogramática, que – embora alguns indivíduos, em uma leitura perfunctória, possam considerar o destaque dado a elementos presentes no texto de partida como uma atitude meramente conservadora, a depender do prisma tomado pelo tradutor – é possível que haja a movimentação de epistemes, agitandose, no caso presente, a distanciada conjuntura moderna com o resgate de perspectivas pretéritas. Impulsiona-se um choque cultural de caráter produtivo, em que o público do texto de chegada passa a se enriquecer com aspectos sociolinguísticos antigos.

É exatamente essa linha de raciocínio que motivou a eleição da forma lipogramática para o exercício tradutório. Essa escolha não derivou, portanto, da busca pela simples manutenção de uma estrutura presente no texto de partida ou de alguma vaidade que tivesse este tradutor em impressionar seu leitor, eventualmente impactado com a constrição engendrada. Almejou-se, de fato, através da forma, motivar uma série de reflexões, ligadas, por exemplo, à antiguidade do lipograma, à marginalização dessa estética, à baixa difusão dessa tipologia literária na atualidade, à permanência de uma tradição experimental à qual se vincula o movimento Concretista, à variedade de estratégias estilísticas existentes, dentre outros.

Assim, é salutar expor o pensamento de Haroldo de Campos, defensor da isomorfia como mecanismo de elevada potência tradutória. Nesse sentido, a busca por tensão formal, articulada por aproximações relativas à estrutura, pode auxiliar o processo de transcrição de textos que, mesmo apresentando uma estrutura aparentemente similar, conservam uma independência autônoma quanto ao texto de partida, afastando-se, por conseguinte, da tradução tida por literal. Dessa forma, é digno de apreciação o seguinte trecho de sua obra *Da transcrição poética e semiótica da operação tradutora*:

Admitida a tese da impossibilidade em princípio da tradução de textos criativos, parece-nos que esta engendra o corolário da possibilidade, também em princípio, da recriação desses textos. Teremos, como quer Bense, em outra língua, uma outra informação estética, autônoma, mas ambas estarão ligadas entre si por uma relação de isomorfia: serão diferentes enquanto linguagem, mas, como os corpos isomorfos, cristalizar-se-ão dentro de um mesmo sistema. [...] Então, para nós, tradução de textos criativos será sempre *recriação*, ou criação paralela, autônoma porém recíproca. Quanto mais inçado de dificuldades esse texto, mais recriável, mais sedutor enquanto possibilidade aberta de recriação. Numa tradução dessa natureza, não se traduz apenas o significado, *traduz-se o próprio signo*, ou seja, sua fisicalidade, sua materialidade mesma (propriedades sonoras, de imagética visual, enfim tudo aquilo que forma, segundo Charles Morris, a *iconicidade* do signo estético, entendido por “signo icônico” aquele “que é de certa maneira similar àquilo

que ele denota”). O significado, o parâmetro semântico, será apenas e tão-somente a baliza demarcatória do lugar da empresa recriadora. Está-se pois no avesso da chamada tradução literal (CAMPOS, 2011, p. 34).

Desse modo, em termos práticos, a tradução aqui aventada também acaba por se aproximar de uma perspectiva transcriadora, na medida em que traz à balha, de forma crítico-reflexiva, elementos estruturais ligados à cultura de partida em confronto com aquela de chegada, servindo, inclusive, como engrenagem para o impulsionamento epistêmico.

Assim, tendo em vista que a proposta de texto de chegada se move por um prisma multifacetado de intencionalidades, classificá-la como conservadora, em decorrência de seu apelo formal, seria algo reducionista e errôneo. Afinal, a tradução sugerida busca refletir uma série de aspectos concernentes à prática tradutória, à conjuntura de inserção da obra, à cultura do texto de partida e àquela do escrito de chegada, trazendo inúmeros tensionamentos críticos.

Ademais, a ideia de “tradução conservadora” também demonstra uma certa filiação ao paradigma da equivalência, enxergando nesse processo a mera ocorrência de perdas e de manutenções. Essa visão também padece de profunda incongruência, visto que a adoção, pelo tradutor, da estrutura lipogramática exigiu muitas vezes um significativo afastamento dos usos semântico-sintáticos fulgencianos. Se, por um lado, haveria uma aproximação na forma, por outro, incidiria um distanciamento quanto a outros traços estilísticos da obra.

Em realidade, não se busca aqui manter o Fulgêncio nu e cru, mas sim transcriá-lo. Nesses termos, a tradução oferecida não se insere em um jogo simplório de “perdas” *versus* “manutenções”, mas sim em uma potência ensejadora de saberes e de reflexões.

Além disso, foram analisadas a tradução elaborada para a língua inglesa por Whitbread (1971) e a realizada para a língua italiana por Massimo Manca (2003). Esse acréscimo se verifica como importante mecanismo de aprofundamento da atividade dialógica, a qual não só é enriquecida pelo tensionamento das diversas realizações tradutórias concebidas, como também pelo estudo e questionamento das notas explicativas feitas pelos autores.

Nesses termos, a tradução interlingual que se apresenta é do tipo comentada, fazendo-se intenso uso de notas explicativas, a fim de confrontar dados e outras contribuições tradutórias, além de elucidar questões que possam ser consideradas difíceis ou valiosas no processo de compreensão

textual ou de apreciação do exercício tradutório transformador. A título de exemplo, discutem-se preferências eletivas ventiladas, emprego de figuras de linguagem, elementos característicos do estilo do autor e usos que denunciam o grilhão lipogramático, dentre outros.

Assim, a evidenciação das preferências eletivas empodera este tradutor que, consciente de sua não-neutralidade, busca refletir as consequências de suas escolhas, na medida em que assume um papel de mediação. Dessa maneira, na esteira de confrontos culturais, reflexões e necessidades de ordem prática, orienta-se um exercício tradutório que se abre para variadas possibilidades contextuais. Nesse sentido, é interessante rememorar a seguinte passagem de Michaela Wolf:

No contexto da translação as/os protagonistas das “negociações” são as/os tradutoras/es e intérpretes; elas/es são as personagens essenciais para dar impulso às mudanças de seu meio e, com isso, dos meios com os quais estão em contato, no contexto de sua ação no espaço de mediação. Suas atividades têm o mais forte caráter mediador, o que mostra a necessidade de uma “negociação” em todos os níveis de ação, influenciando, com isso, de modo decisivo, as escolhas translatórias. O lugar da sobreposição de culturas, o “entre”, onde a “negociação” entre culturas chega a se realizar, é, desse modo, uma região de contato que, como forma compactada de tradução, abriga um potencial enorme para inúmeras outras contextualizações” (WOLF, 2013, p. 163).

Por fim, tendo em vista a abundância de critérios associados à sistemática reflexiva das escolhas tomadas, com ênfase para elementos ligados à estrutura rígida da tradução proposta, destacaram-se as estratégias lipogramáticas adotadas por Fulgêncio e pelo presente tradutor, impondo-se sua devida apreciação de modo mais detido e individualizado, conforme se afigura a seguir.

4.1 ESTRATÉGIAS FULGENCIANAS

Modelos de escrita constrangida ou ricos em *contraintes*, seguindo a terminologia difundida pelos concretistas da Escola francesa OULIPO, exigem um grau muito ativo de elaboração por parte de seus autores, que devem fazer inúmeras escolhas conscientemente. Não excepciona essa regra a arte fulgenciana, rica em saídas lipogramáticas assecuratórias do perfeito atendimento à rigidez formal voluntariamente imposta.

O Mitógrafo possuía tanta consciência de sua empreitada que chegou a definir seu trabalho, ainda no prólogo, como “*opus durissimum*” (obra duríssima). Com essa expressão, ele busca

denunciar não apenas rigidez intrínseca de seu feito notável, como inclusive a dificuldade em conciliar a potência expressiva também almejada com uma estrutura fortemente desafiadora.

Não à toa esse mesmo termo foi utilizado no título do presente trabalho. Sua adoção se demonstrou proveitosa, pois, ao mesmo tempo que reflete uma aproximação com o suporte teórico-conceitual albergado pelo autor em estudo, revela um elemento central da tradução proposta. Além disso, em um só tempo, essa sentença carrega consigo o registro da língua latina, reverberando toda uma conjuntura artística na qual a obra se insere, instante em que também é útil por evidenciar uma característica que, transcendendo a obra traduzida, demarca toda uma tradição literária experimental de escrita constrangida.

Além disso, também merece destaque a desproporção que há na obra quanto ao uso desses recursos. Nesse sentido, é válido enfatizar que, em cada língua, observa-se, por vezes, uma variação na frequência do uso de seus caracteres, a exemplo das letras. Assim, na língua latina, como ocorre na língua portuguesa, as vogais são muito mais frequentes do que as consoantes. Igualmente, dentro desses dois grupos (vogais e consoantes) também são observáveis distinções de frequência. Em tais termos, tanto em latim, como em português, a vogal ‘a’ é mais recorrente que a vogal ‘o’, e a consoante ‘c’ se faz mais presente que a consoante ‘k’.

Desse modo, surge uma questão muito particular da composição de Fulgêncio que a diferencia de outros lipogramas conhecidos. Algumas obras lipogramáticas são caracterizadas pela ausência de emprego de apenas uma letra do alfabeto, como ocorre com *La Disparition* de Georges Perec e com sua respectiva tradução para o português por José Roberto Féres, intitulada *O sumiço*, em que não se utiliza a letra ‘e’.

A produção do Mitógrafo, por sua vez, ostenta uma estrutura consecutiva, em que se evita o uso sequenciado das 14 letras do alfabeto latino que vão de ‘a’ a ‘o’, o que está sendo mantido na tradução lusófona. Desse modo, observando a variação na frequência das letras e a decorrente oscilação na necessidade de uso dos subterfúgios lipogramáticos, percebe-se que cada um dos livros da obra acaba adquirindo uma feição única, marcada por um estilo próprio. Isso traz à tona uma riqueza significativa dos usos fulgencianos, que variam notavelmente ao longo de sua narrativa, de modo a exigir um olhar analítico diferenciado para a apreciação de cada parte desse conjunto, ao mesmo tempo em que não se pode perder de vista a concatenação de seus elementos.

Nesse sentido, o veto ao emprego da letra ‘a’ representa uma imposição lipogramática muito mais violenta ao texto do que a proibição de uso da letra ‘k’, praticamente não observada em palavras latinas. Justamente por isso, a discussão e até mesmo a apresentação de exemplos desses recursos revelam um desequilíbrio em sua incidência, o que poderia ser objeto de estranhamento por parte um leitor mais desavisado. Isso até mesmo porque, como indicado por alguns críticos, o caráter lipogramático muitas vezes passa despercebido quando não vem expressamente anunciado.

Existe, portanto, uma descontinuidade estilística nos livros da obra em relevo, o que requer um comportamento mais ativo por parte não só do tradutor, mas também do leitor, que passa a ser desafiado pela forte oscilação do fluxo narrativo. Assim, vencido o prólogo, o leitor já é surpreendido com uma alteração abrupta da expressividade consubstanciada no escrito, saindo de um texto alipogramático para aquele caracterizado pelo maior grau de restrição, por se evitar a letra ‘a’, mais frequente em latim.

Para uma compreensão mais fluida dos recursos empregados por Fulgêncio, buscou-se realizar neste trabalho uma sistematização, por meio de excertos que os evidenciam, indicando-se, ainda, o livro do qual foram retirados. Dessa forma, facilitam-se eventuais consultas no texto de partida, disposto em subseção própria e no anexo 2, tendo sido extraído da edição crítica de Helm (1898).

Dentre os casos mais notáveis, podem ser citados os usos de antonomásias, perífrases, sinônimos, sinônimos bíblicos, sinônimos pouco frequentes, arcaísmos, termos pertencentes ao léxico bíblico, helenismos ou grecismos, variantes ortográficas e supressões. A sistematização dos exemplos pode ser apreciada a seguir:

Antonomásias:

Adamus > *primo homine* (em *abest a*, I, 133, 2);

Eva > *eius coniuge* (em *abest a*, I, 133, 2);

Cain e Abel > *in filiis* (em *abest a*, I, 133, 14);

Deus > *maiestas* (em *abest d*, IV, 143, 22);

Sedecia > *rex* (em *abest i*, IX, 161, 18);

Anania > *uir* (em *abest n*, XIII, 174, 17);

Cleopatra > *Aegyptiaca regina* (em *abest o*, XIV, 176, 13);

Perífrases:

Magus > *chaldeus* (em *abest m*, XII, 171, 17);

Sinônimos:

Princeps > *praefectus* (em *abest i*, IX, 160, 22);

Porta inferni > *porta mortis* (em *abest n*, XIII, 173, 15)

Sinônimos Bíblicos:

Arbor > *lignum* (em *abest a*, I, 133, 12);

Sinônimos pouco frequentes em latim:

Columba > *praepes* (em *abest b*, II, 135, 9);

Peregrinus > *pereger* (em *abest n*, XIII, 172, 25);

Arcaísmo:

Solacium > *solamen* (em *abest i*, IX, 161, 6)

Variantes ortográficas:

Ceperat > *queperat* (em *abest c*, III, 139, 9);

No livro VIII (*abest h*), a letra ‘h’ não é registrada graficamente.

Helenismo ou Grecismo:

cella > ynotece (em *abest l*, XI, 168, 20)

Supressão:

ave, inquit, gratia plena, et illud quod sequitur (em *abest m*, XII, 171, 1, em que se evita o uso do nome ‘*Maria*’).

Analisando as ocorrências supramencionadas, importa realizar algumas observações. Primeiramente, esses casos de substituições também podem ser considerados espécies de traduções intralinguais, sendo possível, conforme exposto acima, até mesmo identificar o que se poderia considerar como texto de partida, ausente no lipograma. Em similar sentido, após a apresentação do texto de chegada proposto, é indicado, no anexo, um esboço do processo tradutório, em que são evidenciadas algumas restrições lipogramáticas com os respectivos jogos de permutação. Dessa maneira, coloca-se em evidência que, provavelmente, a *De aetatibus* de Fulgêncio é texto de chegada de uma versão de partida alipogramática, afinal não se costuma raciocinar lipogramaticamente.

Além disso, deve-se atentar para a maior necessidade de uso desses recursos logo no primeiro livro da obra, que é rigorosamente o mais restritivo (*Ausente A*). Desse modo, Fulgêncio já começa sua narrativa fazendo uso de estruturas circunloquiais. Assim, é de se observar que esse emprego, embora sirva muito bem ao interesse estrutural da obra em atender ao grilhão lipogramático, também exerce notável função literária, por enriquecer a expressão artístico-textual com inúmeras figuras de linguagem, que também demarcam o estilo do autor, já que se apresenta, inclusive, em obras alipogramáticas. Nesse caso, surgem tanto exemplos ligados a pessoas (antonomásias), como referentes a coisas em geral (perífrase).

A antonomásia é uma figura de linguagem caracterizada por se tratar de um tipo especial de metonímia em que uma determinada entidade ou pessoa tem seu nome próprio substituído por outra denominação, podendo transparecer um teor sarcástico, eufêmico, explicativo ou laudatório, dentre outros. Alguns de seus exemplos mais célebres são o *Águia de Haia* (Ruy Barbosa), o *Bruxo do Cosme Velho* (Machado de Assis), o *Poeta dos Escravos* (Castro Alves), o *Poeta do Mar* (Vicente de Carvalho), o *Poeta das Estrelas* ou *Príncipe dos Poetas Brasileiros*

(Olavo Bilac), o Poeta das Pombas (Raimundo Correia), a Musa Impassível (Francisca Júlia da Silva), o Engenheiro da Palavra (João Cabral de Melo Neto), o Boca do Inferno (Gregório de Matos Guerra), o Dante Negro ou o Cisne Negro (João da Cruz e Sousa), o Poeta da Infância (Casimiro de Abreu), o Poeta da Morte (Álvares de Azevedo) e o Poeta da Morte e da Melancolia (Augusto dos Anjos).

Saliente-se, ainda, que as personagens principais que integram o primeiro livro são Adão, Eva, Caim e Abel, todas com nomes, em latim e em português, grafados com a letra ‘a’, a qual teve de ser necessariamente evitada. Fulgêncio afirma no livro seguinte que, se, por um lado, a proibição das letras segue a ordem alfabética, por outro, sua narrativa segue a ordem das “idades do mundo e do homem”. Assim, foi inexoravelmente preciso iniciar a obra pelo mito de criação de Adão e Eva, já que seu fulcro diegético é a versão bíblica, iniciada com a gênese do mundo, o que denuncia sua visão fortemente cristã. Desse modo, o Mitógrafo troca Adão por “primeiro homem” (*primo homine*) e Eva por “seu cônjuge” (*eius coniuge*). Caim e Abel, por sua vez, tornam-se “filhos” (*filiis*).

A perífrase, a seu turno, diz respeito a um tipo de circunlóquio em que algo, geralmente coisas ou lugares, é designado de modo indireto, geralmente por uma quantidade maior de vocábulos. É o que ocorre, por exemplo, com “A Veneza Brasileira” (Recife), “A Cidade Luz” (Paris), “A Cidade Maravilhosa” (Rio de Janeiro), “A Cidade Eterna” (Roma) e “A Terra da Garoa” (São Paulo). Também merece registro o uso por Fulgêncio da forma ‘*chaldeus*’ ao invés de ‘*magus*’ para se referir aos reis magos (em *abest m*, XII, 171, 17).

Ainda no primeiro livro, já visível a apropriação do vocabulário bíblico com fins lipogramáticos, como observado no uso de ‘*lignum*’ no lugar de ‘*arbor*’. Tal feito enriquece a estrutura poética da obra, pois estreita a relação entre sua temática e os empregos lexicais, denotando um elevado grau de consciência por parte do autor.

Ante isso, deve-se expor que, embora a razão lipogramática seja evidente, o vocábulo *lignum* é de largo uso na *Vulgata* (aproximadamente cem ocorrências) se comparado a *arbor* (por volta de 10 ocorrências), o que mais uma vez denuncia a apropriação dos modelos lexicais bíblicos. Explícite-se, por fim, que tal termo apresentava dupla significação (‘lenho’ ou ‘árvore’) para os hebreus, como exemplificado pelo excerto bíblico *ligno autem scientiae boni et mali*, extraído do livro Gênesis, I, 18 (MANCA, 2003).

Ademais, provavelmente por motivo lipogramático, quanto à necessidade de evitar o uso da letra ‘a’, Fulgêncio emprega a forma paganizante *conditor* (‘construtor’) ao invés de *creator* (‘criador’), o que repete, todavia, em outros livros em que não incidiria a aludida restrição (X, 165, 8 e XII, 170, 16). É importante destacar, outrossim, que alguns autores, a exemplo de Lactânncio, fazem largo uso do vocábulo *conditor*, o qual é evitado por escritores mais ortodoxos, como Girolano, momento em que se verifica oportuno visitar o trabalho de Braun (1997), p. 357, que analisa as relações *conditor-creator*, *condere-creare*, a partir de toda literatura patrística situada entre os séculos III e V (MANCA, 2003).

Igualmente, merece relevo o uso de arcaísmos por parte do Mitógrafo, como evidenciado no uso de ‘*solamen*’ no lugar de ‘*solacium*’ (IX, 161, 6). Tal emprego é paradigmático, pois denuncia o eixo diacrônico de inserção de sua escrita. Desse modo, deve-se ressaltar que, ao mesmo tempo que o uso de arcaísmos é útil para o cumprimento das exigências formais da obra, ele também demarca uma posição de erudição e intelectualidade por parte de seu autor, que constantemente fornece registros da amplitude de seus saberes linguísticos.

Por fim, é oportuno recordar que, como bem observado na segunda seção do presente trabalho, um dos elementos elencados na discussão a respeito do caráter (a)lipogramático do prólogo é precisamente o construto estilístico nele consubstanciado. Esse é um dos fatores que leva Manca (2003) a considerá-lo integrante do circuito constrangido, em decorrência do uso de sinônimos pouco frequentes como ‘*Romulidum*’, ao invés de ‘*Romanorum*’ (I, 132, 12) e de estruturas perifrásticas inusuais, como ‘*ordo mundi*’, no lugar de ‘*aetas*’ (I, 131, 23);

4.2 ESTRATÉGIAS DO TRADUTOR

Se, por um lado, parece laborioso e desafiador realizar uma tradução lipogramática do texto fulgenciano, por outro, deve-se considerar que o próprio estudo das estratégias adotadas pelo Mitógrafo já fornece uma série de pistas para a realização do tão pretendido texto de chegada. Sendo assim, o presente tradutor se apropriou largamente de alguns recursos empregados pelo africano, tais como perífrases, antonomásias e arcaísmos, além do uso de sinônimos pouco frequentes. Merece atenção, todavia, o fato de que a língua portuguesa possui particularidades diversas da latina, de modo que, atentando-se para sua singular potência, verifica-se, muitas vezes, uma não coincidência quanto aos lugares de uso desses subterfúgios estilísticos.

Dessa maneira, é necessário trazer à balha algumas questões concernentes às estruturas das línguas em confronto. O latim, mesmo o tardio, é uma língua sintética e declinável, de modelo paradigmático casual, em que a carga sintática já se evidencia no registro morfológico dos nomes. A língua portuguesa, por sua vez, já possui natureza analítica, não apresentando o mesmo grau de inscrição sintático-morfológica.

Essa diferença assinalada pelo idioma lusófono eleva ainda mais a dificuldade em se produzir um lipograma, tendo em vista o caráter mais “econômico” do latim. De forma ilustrativa, note-se que o genitivo latino geralmente é traduzido com a preposição ‘de’. Assim, o vocábulo ‘*rosae*’ se torna ‘de rosa’ em língua pátria, de modo que a tradução desse caso consistiu em grande desafio no livro IV (*Ausente D*).

O caso ablativo, a seu turno, é comumente traduzido, para algumas de suas funções, com a preposição ‘com’, representando uma dificuldade severa na elaboração do livro III (*Ausente C*). O caso dativo, a seu giro, é muito vertido com o uso das preposições ‘a’ e ‘para’, tornando ainda mais penosa a feitura do primeiro livro (*Ausente A*).

Além disso, ainda pensando nessas particularidades gramaticais, impende ressaltar que não se faz uso de artigos em latim, à distinção do que ocorre em língua portuguesa. Esse elemento tão breve e aparentemente inofensivo foi capaz de provocar inúmeras tensões reflexivas no momento de tradução com restrição em ‘a’, justamente por se buscar evitar o uso de termos que exigissem a concordância no feminino.

A título de exemplificação, Fulgêncio utiliza, no primeiro livro, o termo comum de dois gêneros ‘*coniuge*’ para se referir à Eva, o que é realizado de modo confortável, já que o latim não exige o uso de artigos. Na língua portuguesa, entretanto, viu-se inoportuno o emprego de formas usuais como ‘esposa’, por nítida razão lipogramática, ou ‘mulher’, que exigiria toda uma concordância de elementos no feminino, com o registro do artigo ‘a’, o que, por óbvio, também feriria a restrição em curso. Assim, a saída encontrada pelo tradutor foi utilizar o vocábulo ‘cônjuge’, que, em língua portuguesa, é termo sobrecomum masculino.

Critério muito utilizado diz respeito ao uso de formas latinizantes – técnica já consagrada no campo tradutório da área de Letras Clássicas e que, *mutatis mutandis*, aproxima-se da estrangeirização. Assim, tendo em vista que a empreitada lipogramática proíbe o uso de uma

série de vocábulos, elegeu-se, oportunamente, a estratégia relacionada ao uso de arcaísmos de natureza classicizante. Nesse sentido, importa destacar que o uso de termos que remetem ao latim produz um efeito singular, tendo em vista que insere um estranhamento por parte do leitor, que passa a identificar a assunção do texto de uma identidade histórica localizada noutra sincronia, no que diz respeito a um aspecto sígnico de viés semiótico, em que o termo assume uma personalidade valorativa própria para muito além de seu significado.

Dessa maneira, o resgate desse procedimento tradicional se verificou oportuno no processo de estruturação do lipograma para o vernáculo. Demonstrativamente, pode-se mencionar o termo ‘*honor*’ (*Ausente A*), traduzido por ‘honor’, ao invés de ‘honra’, ‘*amplexus*’ (*Ausente B*), traduzido por ‘amplexo’, no lugar de ‘abraço’, ‘*reputabat*’ (*Ausente C*), traduzido por ‘reputava’, ao invés de ‘considerava’ e ‘*ignotus*’ (*Ausente D*), traduzido por ‘ignoto’, no lugar de ‘desconhecido’.

Outro aspecto relevante concerne ao fato de que o texto de partida fulgenciano se localiza, como já mencionado, em uma conjuntura cronológica notadamente variacional e transitória no que diz respeito ao uso do latim, que se encontrava em intenso processo de transformação, o que é explicitado pelo uso de formas populares. Em atenção a essas e a outras problemáticas de ordem sociolinguística, buscou-se preservar tal feito na tradução, através do emprego de estruturas lexicais populares, a exemplo de ‘pro’ (para + o), também utilizado por permitir a manutenção da estrutura lipogramática com ausência da letra ‘a’.

Observe-se, pois, que o primeiro livro foi de grande vigor para as reflexões de sabor lipogramático, de modo que os critérios nele empregados serão esmiuçados por servirem de paradigma para os demais livros. Nessa seara, outros casos peculiares dizem respeito ao uso de estruturas circunloquiais, como na tradução de ‘*non*’ (não) por ‘de jeito nenhum’ ou ‘de modo nenhum’.

O termo ‘*mulier*’ por sua vez, não foi traduzido por ‘mulher’ em decorrência da restrição imposta, evitando-se a concordância no feminino. Dessa maneira, empregou-se a expressão substitutiva ‘ente feminil’, no que se demonstra o uso figurado de uma estrutura perifrástica. Saliente-se, igualmente, que, em outros momentos, preferiu-se empregar outras expressões (‘ser fêmeo’, ‘ser feminil’, ‘ente fêmeo’), ao invés de repetir o termo ‘ente feminil’, pois muito embora, em latim, o vocábulo usado seja em vários instantes o mesmo (‘*mulier*’ e variações), a

repetição de estruturas compostas marca mais o texto do que a de estruturas simples, as quais passam, muitas vezes, despercebidas, evitando-se, por tal via, um efeito indesejado e prejudicial à fluidez da leitura.

Fulgêncio faz amplo uso de figuras retóricas, a exemplo do paralelismo constituído pela repetição das estruturas ‘*uel*’ e ‘*quod*’ intercaladas pelos termos ‘*serpenti*’, ‘*homini*’ e ‘*mulieri*’ no caso ablativo singular, seguidos de verbos a eles relacionados, pondo-se em relevo a relação triádica existente entre a serpente, o homem e a mulher. Em latim, tem-se “*uel serpenti quod non solus perit uel homini quod illicitum comedit uel mulieri quod sibi uirum consentientem effecit*”. Em uma proposta tradutória mais operacional e não-lipogramática, poder-se-ia considerar a expressão “o fato de que” na tradução de ‘*quod*’, possibilitando a conservação dos verbos em suas formas conjugadas, de modo a resultar no seguinte: “que serviu para a serpente o fato de que não pereceu sozinha, ou para o homem o fato de que comeu o (fruto) proibido, ou para a mulher o fato de que obteve o consentimento do homem”. Ocorre, entretanto, que o regramento lipogramático ordena a realização de outros subterfúgios tradutórios, no que se optou pela manutenção do paralelismo com o deslocamento da ênfase para as estruturas verbais, decorrendo a repetição do auxiliar ‘*ter*’ nas seguintes formas perifrásticas participiais: ‘*ter* perecido’, ‘*ter* comido’, ‘*ter* obtido’.

Em que pese o demonstrativo ‘*ille*’ ser, via de regra, traduzido por ‘aquele’, optou-se, por razão lipogramática, pelo uso do artigo ‘o’, como em relação ao excerto *enim excellentissimus ille rerum omnium conditor*, traduzido por “é certo que o excelentíssimo construtor de todo o universo”. O artigo definido deriva filologicamente do demonstrativo latino [*illum* (*masc.*) > (*i*)*lu* > *lo* > *o*], momento em que a tradução, atenta à historicidade linguística, também reflete o estado de transição terminológica, muito observado no latim tardio.

Ainda quanto ao primeiro livro, saliente-se que muitos advérbios latinos de modo são derivados de adjetivos, como ocorre com o vocábulo ‘*deliciose*’ (‘deliciosamente’, ‘aprazivelmente’, ‘deleitosamente’) derivado de ‘*deliciosus*’. Note-se que, por razão lipogramática, escolheu-se o uso analítico ou desenvolvido da expressão adverbial (‘de modo deleitoso’), ao invés do emprego de um advérbio simples de modo, que, em língua portuguesa, é formado pelo acréscimo do sufixo ‘mente’ ao adjetivo feminino singular, com registro do grafema ‘a’.

Note-se, ainda, a realização por Fulgêncio de uma série de simplificações dos ditongos ‘*ae*’, marcadores de genitivo singular, em ‘*e*’ em virtude da restrição lipogramática. Assim, ‘*perpetue uite*’ diz respeito a ‘*perpetuae uitae*’ (vida perpétua ou eterna). No jogo tradutório, elegeu-se, por parte do tradutor, nova estratégia, no que tange à derivação imprópria, referente à substantivação do verbo ‘viver’, correlato de ‘vida’, resultando na expressão ‘eterno viver’.

Outro critério empregado foi o da mutação prepositiva, exemplificado na tradução da expressão “*in comestionem pomi*” (**a** alimentar-se do pomo) por “no sentido de comer o pomo”, em que se evidencia o uso da preposição ‘em’, derivada da forma latina ‘*in*’, acrescida do vocábulo de apoio ‘sentido’, recuperando a noção de movimento exprimida no uso de *in* + termo acusativo.

O uso de sinônimos verbais também foi adotado, como no caso da expressão *mortis elogium fieret posteris*, traduzida como “fosse pros pósteros veredito de morte”. Nesse sentido, a forma latina ‘*fieret*’ empregada por Fulgêncio diz respeito ao verbo *fieri*, que é traduzido, em geral, por ‘ser feito’ ou ‘tornar-se’. Tendo em mente a limitação em voga, contudo, optou-se pelo uso do verbo ‘ser’ (fosse), o qual se situa em um campo semântico próximo.

Salta aos olhos, ademais, a alternância participial utilizada na tradução dos participios futuros, como a do termo ‘*finiturum*’ relativo ao verbo *finire*, presente na expressão “*finiturum tempus*”, usada pelo Mitógrafo, que é comumente vertida por “tempo que há de acabar” ou “tempo que está para acabar”. Assim, considerando, a presente restrição e a estreita relação semântica entre os participios, escolheu-se a sentença ‘tempo finito’. Além disso, é válido lembrar que a marca morfológica dessa construção é vestigial em língua portuguesa, mantendo-se em poucas palavras como nascituro, morituro, vincituro e futuro, no que se intensifica o uso de estratégias tradutórias variadas.

Dentre os tipos de malabarismos lipogramáticos, verificam-se alguns mais ousados, como o da substituição por vocábulos que colaboram com a imagem estética formulada, não tendo a pretensão de equivaler em sentido. Dessa forma, destaca-se a tradução de ‘*nihilum*’ (nada) por ‘precipício’, que ressalta o caráter metafórico-imagético do construto fulgenciano, suplementando seu cenário conotativo-representacional.

Outra singular estratégia tradutória concerne à alteração dos tempos verbais empregados, acompanhados pelo uso de expressões compensatórias. Nesse sentido, deve-se salientar que os

verbos *'efficeret'* e *'conmitteret'* estão na terceira pessoa singular do pretérito imperfeito do subjuntivo, podendo ser traduzidos, em uma lógica mais operacional, por produzisse/produziria ou concebesse/conceberia. Tendo em vista a necessidade de evitar a letra 'a', optou-se por manter os verbos no presente do indicativo, com o acréscimo da expressão compensatória “em termos hipotéticos”. Ante isso, é válido lembrar que, embora, tradicionalmente, na língua portuguesa, o tempo futuro do pretérito integre o modo verbal indicativo, típico do âmbito real, é também possível apreciá-lo em sua natureza condicional, servindo, até mesmo, para integrar períodos hipotéticos. No latim, o subjuntivo e o condicional se aproximam ainda mais, possibilitando-se, inclusive, essa duplicidade tradutória, momento em que a expressão “em termos hipotéticos” recupera essa margem de imprecisão parcialmente apagada pelo uso do verbo no presente do indicativo.

Por fim, enfatize-se que além da alteração de tempos verbais, também se realizou a mudança de diátese. Nesses termos, o vocábulo *'perscrutemur'* (sejamos perscrutados), em voz passiva, foi traduzido estrategicamente com um verbo modal, resultando na expressão “devemos perquirir”, em voz ativa, conservando-se a ideia de deslocamento de uma ação, decorrendo-se, ainda, o rearranjo temporal dos demais verbos do período.

4.3 TRADUÇÃO ANOTADA

Analisada a filiação teórica desta empreitada tradutória, bem como as estratégias lipogramáticas aqui empregadas, cumpre discutir o conteúdo das notas explicativas, largamente utilizadas. Antes disso, todavia, é válido ressaltar que, se, por um lado, a obra fulgenciana foi situada na tradição lipogramática, por outro, o texto de chegada proposto ainda se insere noutra, a tradição de traduções anotadas.

No campo das Letras Clássicas, é comuníssima a ampla efetuação de comentários em notas. Isso muitas vezes decorre da característica temporal singular dos textos de partida, os quais amiúde se encontram milenarmente afastados do atual público leitor. Dessa forma, inúmeros elementos considerados de fácil assimilação à época da composição desses escritos são, atualmente, vistos como pouco acessíveis, representando, até mesmo, traços de erudição. Precisamente por isso, as notas tendem a abundar nas traduções, de modo a elucidar com maior grau de detalhamento questões consideradas sensíveis.

A título de exemplo, alguns textos são carregados de figuras mitológicas, hoje pouco conhecidas, como os monstros (Équidna, Cérbero, Hidra, Quimera, Ladão, Cila, Leão de Nemeia, Esfinge etc.), as musas (Calíope, Clio, Erato, Euterpe, Melpômene, Polímnia, Talia, Terpsícore, Urânia), as parcas (Cloto, Láquesis e Átropos), as fúrias (Alecto, Megera e Tisífone) e as divindades (Júpiter, Saturno, Juno, Vulcano, Netuno, Plutão, Marte, Diana, Vênus, Minerva, Mercúrio etc.), dentre outros.

É bem verdade, contudo, que o texto fulgenciano apresenta uma temática muito mais palatável para o público hodierno, tendo em vista que retrata histórias bíblicas amplamente difundidas na contemporaneidade. Salta aos olhos, entretanto, que o que é clarificado pelo conteúdo acaba sendo obscurecido pela forma, considerando o caráter rebuscado, intrincado e truncado de sua escrita lipogramática. Sendo assim, as notas explicativas representam uma ferramenta valiosa de mediação dessas complexidades entre o tradutor e o leitor.

Afora isso, como já sinalizado, as traduções realizadas na Área costumam ser largamente utilizadas pelos especialistas para o estudo dos textos antigos. Nesse caso, as notas acabam servindo como uma ferramenta importante por permitir a evidência de elementos estilísticos, referências indiretas e citações, dentre outros aspectos considerados de interesse.

Importa enfatizar, portanto, que, embora não se busque eliminar a fluidez textual da tradução através de uma leitura enfadonha e cansativa, é cabível um alerta para a possibilidade de configuração desse cenário, a depender do manejo realizado do escrito. As notas representam apenas um acréscimo, buscando discutir elementos reputados relevantes, inserindo-se, em alguns instantes, em uma circunstância voltada ao estudo e ao aprofundamento.

Sendo assim, se o presente leitor visa apenas ao gáudio propiciado por uma leitura deleitosa, poderá desprezar as notas, lendo-as apenas em caso de necessidade, diante de uma passagem aparentemente obscura ou difícil. Caso, todavia, haja uma intenção de estudo, almejando mergulhar em investigações literárias, tradutórias e linguísticas, com destaque para a fenomenologia lipogramática, o leitor também terá, às suas mãos, essa opção.

Impende salientar, ainda, que não há como explanar todas as escolhas do processo tradutório nas notas, instante em que se fez necessária a seleção de alguns critérios. Nesse sentido, buscou-se indicar a incidência de figuras de linguagem, explicar elementos ligados à interpretação do

texto e possíveis referências adotadas por Fulgêncio. No que tange à discussão dos obstáculos tradutórios, por sua vez, fez-se uso de notas na seção anexa, intitulada *Escorço do processo tradutório*, em que são debatidas algumas complexidades enfrentadas pelo tradutor, sobretudo quanto à constrição ostentada pelo lipograma. A escolha de deixar tais notas apenas no anexo decorre justamente da busca por garantia de maior fluidez no processo de leitura da *De aetatibus*, permitindo ao leitor mais inclinado ao exame do rodapé uma oportunidade de melhor desfrutar das potencialidades imaginativas propiciadas pela arte literária.

A fim de elucidar os critérios adotados na elaboração das notas, serão observados alguns casos presentes no primeiro livro, marcado pela restrição em ‘a’, que é a letra mais frequente da língua portuguesa, o que torna a constrição inicial a mais desafiadora. Note-se que as explicações aqui articuladas para esses exemplos paradigmáticos serão objeto de remissão no texto traduzido, considerando a desnecessidade de repetir os mesmos esclarecimentos no rodapé.

Portanto, viu-se necessário, logo no primeiro livro, o uso de manobras tradutórias mais inventivas. Some-se a isso o fato de que Fulgêncio narra, neste livro, sem o uso da aludida letra, o mito bíblico, descrito no livro Gênesis, de criação de **Adão**, **Eva**, **Caim** e **Abel**. Ocorre que não apenas foram adotadas na descrição das personagens estratégias lipogramáticas, mas também figuras de linguagem, que foram objeto de comentário. Ante isso, buscou-se preservar, na tradução, o efeito sonoro gerado pela aliteração em /s/, no que diz respeito a um uso sibilante que sugere o silvo da serpente. Em latim tardio, Fulgêncio utilizou *ex eius coniuge uiri simplicis seductrice, in quibus et serpens inuidus utrorumque deceptor ostenditur*. Na tradução, manteve-se o referido uso: “por seu cônjuge, envolvente de um simples ser. Nisso, por um viés, o desonesto bicho ofídico se expõe embusteiro dos dois”.

Além disso, embora as palavras ‘mulher’ e ‘esposa’ sejam mais usuais para a tradução de *coniuge*, optou-se, como já mencionado, por preservar a forma cônjuge por razão lipogramática, tendo em vista que se trata de vocábulo sobrecomum masculino, evitando-se a concordância no feminino. Ademais, escolheu-se traduzir *seductrice* por envolvente, ao invés de sedutor, pois conquanto aquela forma não apresente o som aliterante /s/, possui uma menor carga masculina, visto que diz respeito a um adjetivo uniforme. Deve-se ressaltar que se traduziu ‘*uiri*’ por ‘ser’, ao invés de ‘homem’ ou ‘varão’. Este vocábulo foi dispensado por nítida razão lipogramática (**varão**), enquanto aquele não foi empregado a fim de se evitar uma redundância terminológica

inexistente no texto de partida, visto que *homine* também já fora traduzido por ‘homem’, e que poderia prejudicar a fluidez textual.

Afora isso, a palavra ‘ser’ exerce uma função compensatória, na medida em que mantém a aliteração em /s/ perdida com o uso do adjetivo ‘envolvente’. Note-se, ainda, que, em latim, a estrutura correlativa *et...et...* é, em geral, traduzida por “não só..., mas também...” ou “por um lado..., por outro...”, formas rejeitadas pelo mandamento lipogramático, no que se optou pela correlação “por um viés... por outro...”, a qual, inclusive, contribui, compensatoriamente, para a aliteração em /s/. Por fim, é válido mencionar que apesar de haver um prejuízo quanto ao efeito aliterante, escolheu-se traduzir *serpens* por ‘ofídio’ no lugar de ‘serpente’, almejando evitar a concordância no feminino. Sublinhe-se, ainda, que termos mais usuais como ‘cobra’ e ‘víbora’ também são dispensáveis em função da restrição em relevo.

Outra figura retórica muito adotada por Fulgêncio é o paralelismo, que também foi objeto de indicação em notas. A exemplo, preservou-se, na tradução o construto de imagética simetria estabelecido por Fulgêncio através do uso dos vocábulos *compellitur* (‘é compelido’) e *inpellitur* (‘é impelido’), notadamente próximos. Em tal panorama, ressalta-se o rebuscamento do paralelismo articulado. Em latim, tem-se “*mulier perpetue uite promissione compellitur et uir lenocinio dulcoris in comestione pomi gulosus inpellitur*“, em que se percebe o uso regular de nominativos (*mulier, uir*), genitivos (*perpetue uite, dulcoris*), ablativos (*promissione, lenocinio*) e verbos passivos diferenciados tão somente por préverbios (*compellitur, inpellitur*).

Por fim, cumpre sublinhar que o uso de operadores argumentativos também foi alvo de intensa anotação. Fulgêncio emprega repetidamente termos como ‘*enim*’ (‘com efeito’, ‘decerto’, ‘na realidade’, ‘na verdade’), que funcionam como marca estilística do autor, visto que esse padrão se mantém em toda sua obra. Ademais, deve-se expor que a natureza retórica de tal emprego pode ser indicativa de que o erudito fora advogado e/ou professor, por transparecer, por vezes, uma tentativa de convencimento do interlocutor ou de elucidação de algum aspecto a ser compreendido. Enfim, deve-se apontar que, buscando enfatizar esse traço de autoria, tão presente em seus textos, fez-se, na tradução, uso constante desses recursos de desencadeamento argumentativo-textual.

5 EDIÇÃO BILÍNGUE

Adiante, o leitor deparar-se-á com o texto de partida latino fixado por Helm em sua edição crítica (1898), seguido do texto de chegada em língua portuguesa. A opção por trazer o escrito em sua conformação latina para o presente trabalho decorre da busca por facilitar a discussão do processo tradutório, permitindo que dados linguísticos da obra sejam facilmente recuperados. Alguns desses elementos são citados nas notas presentes na proposta final de tradução, enquanto outros deverão ser objeto de busca pelo próprio receptor desta pesquisa. Assim, possibilita-se, a partir do confronto das textualidades, uma mais nítida visualização do itinerário percorrido pelo tradutor.

Finalmente, o leitor poderá apreciar o texto de chegada proposto, estruturado em prólogo e quatro livros (*Ausente A*, *Ausente B*, *Ausente C* e *Ausente D*). Como já dito, trata-se de uma tradução parcial anotada, sendo alipogramática quanto ao prólogo e lipogramática quanto aos demais livros. Além disso, também foram intensamente aproveitados o trabalho de Whitbread (1971) – que cruzou inúmeros elementos do escrito fulgenciano com os de outras obras, a exemplo da Bíblia Sagrada Cristã – e o de Manca (2003), que realizou uma série de reflexões literárias e linguísticas.

FABII CLAUDII GORDIANI FULGENTII

§

DE AETATUBVS MVNDI ET HOMINIS

PROLOGVS

Oportuit quidem, uirorum excellentior, hoc nostro quo nuper regimur temporis cursu perenni potius studere silentio et non dicendi studio, praesertim ubi nihil plus nisi de nummi quaestu res uertitur et conquirendi lucri perennis sollicitudo cotidie mentibus suppuretur; cupido etenim sensui non sermo dicentis comptior, sed offerentis est dulcior. In his non lugentum luctus intenditur, non miserorum gemitus condoletur, sed solius colligendae pecuniae commodo pernox comptus ducitur; cupidae enim menti fit et uox humilis. Et crede, teste Deo nostro confiteor, uolui tuum in his opusculis praeceptum spernere, nisi hoc meo indixissem ingenio, tuo nullo modo inobediens inueniri imperio. Esto ergo contentus huic oneri, quod tibi florulentis Pieridum decerpsimus hortulis et sicut Euristeus mihi inponendo sudori Herculeo praeuisti. Sic quoque nostris opusculis intentus quaesumus incubes lector, ut, si — quod minime puto — iniunctum opus tuo non displicuerit legendum iudicio, poeticum felix gessi negotium, sin uero obscuro stultitiae nubilo tenebrescit inconditus sermo, in silentii cinerem sepultae migrentur necesse est tot lucernae peruigiles et sine effectum honoris [p. 130 Helm] productae usque in crepusculum noctes. Ergo decuit, mi domine, cuius propter hoc nostrum ordiri libellum uideor uel quo inpellente opus durissimum subire cognoscor, in hoc excellenti superboque negotio, ubi ingenii potius exerceri debuit celsitudo, elementorum ut peruides ordini non seruire, quo mirifici operis dispositio decorum non fugisset eloquium; dum enim mens litteris fugiendis studet, minus idoneum opus efficiet; sudor quippe est estuosi spiritus, ubi quidquid decorum inueneris ponere non licebit, dum illic litterae quae fugiuntur inpegerint; de tuo enim conice mentis ingenio, utrumne, dum inter illud quod queris id quod non uis inueneris, quibus ingenii estibus suffoceris. Ergo semel indicto seruiens ex inpositione negotio melius duco minus compta dicere et ex rei praesumptae ordine nullo modo dissilire. Quaeso ergo te, domine, ut non rusticiter me sensisse diiudices, dum sublime non profertur eloquium; est enim in nobis copiosum dictionis enormeque fluentum, quod nostrum opus mirifice pingeret, si huius propositae rei impeditio non obsesset. Dixisti enina legisse te librorum bisduodenum uolumen Xenofontis poetae in singulis libris singulis litteris diminutis, quod quidem opus mirificum cuncti qui interfuimus iuste praetulimus; sed illic forte nec nominum ordo interfuit cum suis litteris subducendus, et penes Grecos licet in litteris uertere, ubi quilibet necessitudinis constringitur forcipe, ut e in i et o in u, quod penes Libicos inuenitur inlicitum. Quid ergo ego in primi hominis nomine eiusque coniugis uel duorum filiorum perpeusus sum quoue sudore usque in internicione constrictus, [p. 131 Helm] ut, quos ordo scripturae dicendos exigeret, illorum nominibus uti penitus non liceret. Sed dicetur mihi: mirum opus non esset, si districtio

huius rei quaerendae non intercideret. Ergo praetermissis libelli principiis rerum nobis exhinc sumendus est tenor. Viginti igitur et duobus elementis penes Hebreos ordo loquendi disponitur, uno itidem superiecto nostrae linguae profusio, sed et Rom<an>ae colligitur; sin uero tertiae sequentem litterae superieceris signum, Graecae linguae necesse est integrum ut monstretur effectum. Ergo ex quo in his operibus Grecum praecessit ingenium, oportet deinceps nostrae linguae medium ordinem consequi, quo non bis duodeno uel bis undeno, sed Grecis uno elemento subducto et Hebreis uno superinposito unicus ordo Libico monstretur in numero. His ergo uiginti et tribus elementorum figuris, in quibus uniuersus loquendi cursus colligitur, mundi ipsius hominisque discretis temporibus ordines coaequemus necesse est. In id enim, et homo quod crescit et mundus quod uiuit et numerus elementorum quod colligitur, inuenitur in nostro libro rerum omnium concors digestio; ut, dum unitos continentiae nodulos in ordinem rei digestos inspexeris, inuenies et plenissime conscriptos hominum mores et mundi dilucidos ordines et in litteris cursus sibi similiter congruentes et, quod his omnibus excellentius emireris, in singulis libris singulis litteris rite subductis, dum primus primum, secundus secundum, sic usque postremus [p. 132 Helm] postremum liber sibi diminuendo perdiderit elementum. Congringitur enim noster dicendi sermo huius interdictionis forcipe domitus, cui quidem solertissime seruiendum est, ne in id, quod fugiendum proposuimus, incurrisse quolibet modo legentium iudicio denotemur. Igitur si secundum Grecorum elementorum ductus loquendique morem, ubi ex primae figurae sigillo usque in postremum ω sibi DCCC numeri colliguntur, nostrae scholae uolueris conferre primordium et Romuleis Libicisque litteris orientis iungendum duxeris conputum, nullo modo sibi similes coire poterunt ordines; neque enim k et h Greco concordantes sunt; episemon quoque et cuf quod Graecus pro numeris interposuit, Romulidum ordo non inuenit. Ergo occurrunt in nostris litteris, si secundum illos numeros usque in postremum z, D, quo duodecies quingenteni mundi uiuentis indicent tempus; sin uero duodecies duodeni, uitae hominis necesse est monstretur excursus; item dum duodecies uiginti tres collegeris, nouem mensium et sex dierum repperies numerum, certissimum ex utero hominis procedentis egressum, ut unde generis primordium sumitur, illinc quoque mortis ordo signetur. Ergo sicut in homine uiginti et tribus lustris mores ordinesque uertuntur et uiginti tribus elementis totius sermonis ordo colligitur, sic quoque et in mundo XX et tres temporum disponendi sunt motus, quo singulis quibusque, ut dictum est, libris et singulorum litterae obseruentur et mores uitaeque hominum picturentur et mundi ipsius res gestae lucidius demonstrantur.

ABEST A

Primum igitur mundi tempus sumendum est ex primo homine infelicissimo precepti dominici contemptore et ex eius coniuge uiri simplicis seductrice, in quibus et serpens inuidus utrorumque deceptor ostenditur et mulier mortis primordium miseris successoribus repperitur. Quid etenim profuit uel serpenti quod non solus periit uel homini quod illicitum comedit uel mulieri quod sibi uirum consentientem effecit, nisi ut in omnibus iusti iudicii Dei ultio processisset; neque enim excellentissimus ille rerum omnium conditor mortis muscipulum in fructu prohibito indidit, sed deliciose ut homo uiueret ex dinoscentie eum ligno deterruit. Cerne enim quod et serpentis deceptio sub spe diuini honoris inmittitur et mulier perpetue uite promissione compellitur et uir lenocinio dulcoris in comestionem pomi gulosus inpellitur. Ergo ueternosus ille priuignus letitie qui primum penes genitores leno pomorum esse promeruit, ipse in filiis inuidie leno esse didicit seniore perimendo, iuniorem occidendo disperdens. O nihil tutum seprentis ingenio, ut homo qui principium uite exitit ipse mortis elogium fieret posteris et mulier uiuentium genetrix interitus sue existeret prolis. Ve mundo, ue hominibus, quorum initium mors, quorum finis iudicium. Quid enim profuit homini uite cursus, cui finiturum decretum est tempus? Omne enim quod perenne non contigit esse — quod uiuit? Defle ergo, queso te, homo, quod uiuis; uentosum enim est quod extolleris; non enim diuitie morientem secuntur nec honores corporibus prosunt: nudus qui mundum ingreditur, nudus mundo egreditur. Sit solo inuisibili deo perennis honor in seculo, qui horret excelsum, erigit deiectum et hominum semper [p. 134 Helm] destruens in nihilum deducit consilium; sed uere iustus, uere pius; quid enim mundi presumptio uel efficeret uel committeret, si ei perenniter uiuere contigisset? Sed nunc perscrutemur quid sibi hoc mundi principium cum hominis ex utero prodientis concordet effectum. Illic nouellum primi uteri germen zeli toxico innocentem inuidus uterinum insequitur, hic puer puero dum iniungitur, licet innocuum, sed genuini zeli ostendit effectum. Discit primus homo uolucrum pecudumque differentes edicere nominum sonos, discit innocens licet inconpositos proferre dulciter modulos. Ergo primum mundi tempus usque in Enoch finire decretum est diuine potentie uirtute euocitum. Quo quidem et hoc innocentibus competit; nihil enim Deus super innocentum purissimum diligit sensum.

ABEST B

Nunc quatenus in primo opere in quo quidem arta legis catena damnati et plenam loquendi facultatem amisimus et sententiarum declamationumque pompismata tenaci forcipe suggillati perdidimus, in quo mihi nec Adam nominare aliquatenus licuit nec eius coniugem disparesque

germanos, unum zeli toxico de fratricidii crimine saucium, alium innocentium martyrem primicerium, designare fas [p. 135 Helm] fuit — nunc itaque secunda mundi aetas inquiritur, quae ex Enoch felici translatione et paradisi incola conquisito — in quo mors, licet omnia mundi genimina rapaci hiatu possederit, solius tamen praesentia fraudata discessit — usque in gigantei cataclysmi rugientes undas et ultrices scelerum expromptatas caelitus guttas perducamus necesse est. Illic Noë salutaris arcae felici carceratus custodia praeteriti heres translatus saeculi, qui etiam conditor factus est et futuri, propitio securus iactatur naufragio. Hic quidem sancte agendo promeruit pereunti mundo fugere, nascenti regnare. Quanto satius fuerat, Deus meus, mundum iterum rudem construere et Noë licet iustum quocumque mortis exitu terminare, praesertim quia numquam Deo suppetit in opere fatigatio nec desudat ut quiddam perficiat, sed imperando mandat ut fiat, dum tamen non enatasset usque in alterum saeculum Adae peccantis transgressionale plantarium et mundi rudis infantia nulla praeteriti temporis macularetur ex causa. Sed eris tuae ordinationis tu solus conscius testis, cui licet et iusta omnia facere et secreta iudicia ordinare. Quid ergo hoc in tempore mundi aetas gesserit, edicamus.

Primum igitur angelica extorris caelo nequitia luxuriae calore torrefacta succenditur et contra naturae foedera humano amplexui commiscetur. Fit partus inparili glutinatus ex coitu et contra naturae foedera gigantea moles enormi admodum porrigitur statu; accipit ex materno semine humanae similitudinis formam, sumit ex paterno coitu extensae proceritatis miram potentiam. Dehinc inter excrescentia haminum angelorumque peccata Noë solus [p. 136 Helm] iustior coram Deo repperitus arcae pater eligitur, arca matre seruatur, fit sui operis incola, fit serpentum collega, hospes praepetum, comes pecudum ac ferarum; ludentes filios cum cerastas draconesque conspexit et adsidentes garruliter elephantis neptes non timuit. Enatat futuri mundi seminalis entheca praeteritae nationis reliquias futuro saeculo productura, circumlatrant undique mortiferae undae salutare negotium, quo cum primo mundi interitu semen etiam perderent et futurum; sed iustorum securitas etiam pereunte saeculo nescit quicquam timere sollicitum. Nunc ergo, sicut primae mundi aetati sociatum statum ostendimus, dum ex Cain zeli toxicum concipit dumque ex eius germano lactis auxilium poscit, quod quidem ille sacrificat, ille potat, — quid ergo in secunda aetate res parilis competat, ostendamus. Sicut enim in pueris aetas insulsa erigitur, sic gigantea inconsiderata materies tollitur; sicut his instinctura cataclysmi praerogat scelus, ita pueris tinctura fontis diluit facinus: illic aqua angelicae transgressionis fit ultio, hic aqua fit genuini peccati dilutio: illic transgressor angelus concupiscit scelus, hic humanae concupiscentiae diluitur fructus: illic peccantis mundi materies in uno germine transplantanda in alium saeculum aquis purgatoriis enatat, hic unius Christi redemptione

pugnantis rudis homo ecclesiae fontanis renascitur sacramentis: illic ex mundo in arcam transilit ut cataclismum fugiat, hic ex inmundo ad ecclesiae arcam confugit, ut catecizatus hostem effugiat. Ille feras serpentesque [p. 137 Helm] innocuos arca concludit, iste leonum rugientia guttura draconumque cristas elato turgore surgentes ecclesiasticae arcae monumento conteruit. Ille legem accipit, ne comedat carnem in sanguine, iste legem suscipit, quo Christi carne saturetur et sanguine. Illum circumlatrat unda quo suffocet mersum, istum sanctificat aqua quo reddat purgatum. Cerne igitur omnia et ad liquidum consonantia et aequali pro<pe>modum iugalitate constricta. Illic praepetes duae ex arcae muro in legationis transmittuntur officium, quarum una oleae ramulo testificante regreditur et mittentis imperio famulata aquarum pacem annuntians gratulatur, altera morticinarum carniū comestione tardata lenante iniquo affectu, sicut nigra corpore, ita nigrior non redit mente. Non aliter etiam in homine, mundo minore, repperies, dum catholicus ramo crismatis ex oleastro ad fructiferam radicem insertus ecclesiam semper et cotidie rediturus memoriter retinet, hereticus autem, pollutis captus nequitiae exsecramentis ecclesiae matris reditum non solum non meminit, quantum etiam commonitus ex alio spernit. Felix ille ac multipliciter felix, siquidem inmodesta suae plantationis potatio patriarchae non fuisset scandalum. Didicit merulentus sanctitatem perdere, qua in medio undarum rugientium securior usus est adiutrice. Quid agimus, humana fragilitas. Pugnat sanctissimus patriarcha cum tumente pelago, [p. 138 Helm] cum minante caelo, cum rugiente profundo, cum aestuante cataclismo, et elementorum omnium uictor modico superatus turpiter prosternitur mero; aedificat arcam sapienter tricameram, quo unda expugnatrix non repperiat rimam, et tamen madidus merulentia nudata posteris monstrat turpiter iacendo pudenda. Sufficiat ergo hucusque, quantum res exigere potuit, secundae aetatis mundi atque hominum concinentias enarrasse.

ABEST C

Ordo adsumpti exigit operis, quo tertia mundi aetas hominisque similiter de trilustrio monstretur status seruato etiam tertiae litterae detrimento, ne non suo subripiens libro adsumti operis ordinem uexet.

Qui quidem liber ex Babyloniae fundatione sumebit initium Ninique regis uel Sameramidis reginae temporibus; turrem etiam famoso ambitu fundamine destinatam totiusque populi aequae unitate atque linguae adunatione dispositam, quae tegulato latere et Puteolano puluere uel bitumine eminentior surgit astrorum sublimitati propinquior et ipsam pene lunarem suis pulsans angulis orbitam — ibi etenim dispersa uniuersaliter linguarum uarietas medium interemit operis

adsumpti negotium, ut, dum quis extruens quod uellet inquireret, aliud qui deorsum fuerat obtulisset et, dum una esset adsumtio exurgentium, dispar fieret [p. 139 Helm] intentio operantium. O inmensa atque inaestimabilis diuina sententia. O profundi diuini sapientiae fontis. Vna uox, unus animus, unum etiam quod mortalitas adsumserat opus, et tamen in id quod gaudebat humanitas pluralitatem se repperisse ad implendum quod queperat, illud magis diuinitatis sapientia soluerat, qui uanos hominum impetus deridebat. Oboritur itaque inter sensuales mentium quiniones grande diuortium, ut aliud uox, aliud sensisset auditus. Exstitit lingua suae uoluntatis aduersa et quod loquendi sonus proruperat, aliud auris uelut si extranea reputabat. Fit in una eademque membrorum unitate diuisio; petit lingua quod auditus nequaquam intellegit, dat auditus quod lingua omnimodis non petiit: et dum inter se uterque arietat sensus, semiplenum desertum est opus. Eo etiam tempore Babyloniae muri famosa opinione prosiliunt, quos Sameramis uanae laudis elata turgore fertur instaurasse. Nini enim sui mariti post obitum antiqui operis fundamina in meliorem laborando perduxit statum, quae quidem melius morum ordines pingeret quam murorum ambitus extendisset. Erat enim et suorum adulterorum mortifera <et> morientium adultera; libidinis summa: filii etiam in luxuriam feruens matris honore sepulto sibi nurus effecta est. Sed non [p. 140 Helm] mirum ut, quem adulterio genuerat talique patre pepererat natum, illum etiam sibi iungeret et maritum, ut, quem uuluae hiatu pariens gemendo produxerat, illius etiam semina libidinis ardoribus uaporata ingluuie inguinum transuorabat. Ninus etiam uxoris iniquitatibus non dissimilis et dignus pestilentis feminae matrimoniis primus etiam inuadens limites proximorum primus regnandi in mundo sumsit exordium, primus Squitaram tranquilla et serena quiete uiuentes inuadens terminos alieno uaporauit ferrum in sanguine. Ille humana negotia pura mansuetudine peragentia aduersa bellorum strage turbauit. Quid ergo horum temporum qualitas humano ordini similet, exquiramus. Quemadmodum mundo turris inmensitas in auras erigitur, ita homini iuuenalis aetas elationibus subleuatur. Illis mirum opus linguarum partitione destruitur, illo litterarum inbutamento stultitia terminatur; illis rudis loquella adsumtionem eripuit, isto rudis littera sensum aperuit. Sameramis totius libidinis ardore torretur, et pueritia luxuriae lampada inmoderatis augmentationibus uaporatur. Illis diuinitas linguas uerborum uarietate distinxit, istis sapientia ad ingenium prudentiae subleuauit. Mundo Babylonia instruitur regnandi primordium, homini sapientia tribuitur gubernationis ornamentum. Ibi Sameramis regnat aduersa iustitiae, isto aetas inminet lena [p. 141 Helm] luxuriae. Illa et libidinis amore torretur et sanguinis effusione polluitur, at uero aetas aut amando aestuat aut litigio fermentata uaporat. Illa alienum rapax regnum inuadit, iste externae aut uxoris aut filiae quaerit amplexum. Ibi murorum ambitus in distentione admiranda porrigitur, isto iuuentutis status uirtute etiam

roborante firmatur. Quid igitur minus in huiusmodi similitudinibus aequiperabile forsā repperies? Sameramis flagitiorum fit domina, aetas [ruinae fit filia,] ruinae fit famula. Ergo homo mundus minor, in quo et natus ostenditur et similis repperitur; nil inter utrosque repperias forte distantiae. Restat ergo ut quarta mundi aetas atque hominis digerenda monstretur, quae quidem Abrahae similitudinem tempusque possideat.

ABEST D

Abraham igitur primum germen iustitiae, in quo maiestatis ineffabile testimonium claruit, et quasi iam noto obtemperantiam exhiberet, ita praeceptionis famulatum impleuit. Itaque iubetur relinquere subitanter quae habuit et erraneus quaeritare quae non nouit, praesertim cui et ignotus promiserat et incognitus imperabat. Probatur in remissione substantiae praecipiente quem non norat, probatur in poena corporis circumcisione operante cuius [p. 142 Helm] gratiam nesciebat, probatur in filii repetitione quem gratuita largitate non supplicans promeruerat; et quia in his tribus temptationibus firmior inuenitur, primitiuus gratiae pater scribitur. Largitur omnipotens filium et gratanter suscepit, repetit et libens obtulit; nec in acceptione ingratus exstitit nec in retributione sollicitus murmurauit. Non omisit filium quia festinauit omittere, saluificat non sollicitus cruciare; meliora etiam repperit non pauitans sua omittere. Iubetur igitur ex ignoto, festinat etiam imperii praeceptione permotus patriam linquere, rem amittere, parentes respuere, profugus exulare. In hoc tempore gestum aliud miraculum et narremus. Nonne huius aetatis cursu etiam Iob, ille praecelsi atleta certaminis et sataelicae superator uirtutis, in quo nec iniquitas locum repperit nec iustitia malum inuenit? In illo enim et tenebrarum princeps uictus erubuit et bonitatis auctor coronam quia oportuit retribuit, non quia uoluit praerogauit. Exstitit enim letus in filiorum morte, securus in omissione substantiae, patiens toleratō in uulnere, locuplex mente in nobilitatis amissione, fortis in flagellato corpore. Plura ergo recipit, cum non luget quae amisit; in his quia patienter amissa non gemit securior pluriora suscepit; et quamuis improprium coniugis sustineret incitamento peccati, tamen uictrix illa in omnibus iustitia et tolerantia et muliebris inproprietatis fermenta contriuit et sataelicam [p. 143 Helm] uirtutem pugnans obteruit et caeleste testimonium quia promeruit meruit.

Tamen quae sibi similia in his humana natiuitas quaerit, et enixius pertractemus. Postquam enim litteris mens inbuta quibuslibet ingeniis sensum in spem futurae cognitionis armauerit, statim contempto genuinae stultitiae nubilo uelut illic terrae propriae habitaculo bonorum actuum cupiet cogitare negotium, et ut illic Abrahae obtemperantia, ita hic spes bonitatis inquiratur profutura.

Posthaec carnis luxuriaeque in meretricibus absciso praepudio solum sui coniugii expetit matrimonium nec iuuenales amplexus iactare cupiet in erraticam gratiam, ubi amor amarus, fructus labilis et emticius semper ac uenalis affectus. Posthaec seminale commercium omnibus patribus generaliter gratum, qui sunt filii tamen caelesti affectu, plus apud sapientem electo, incipiet esse postremum. Omnis enim sapiens et recte intellegens plus opificis sui excellentiam ueneratur quam filiorum amore constringitur; anteponitur enim ille omni affectui et qui nihil suorum uult amittere, illum amplius paratus sit obseruare, sicut Salomon ait: 'Initium sapientiae timor est maiestatis'. Igitur quam conueniens humanis moribus omnis saeculorum excursus, nota; apud iuuenales animos sapientia concupitur, [nota] apud Abraham caelestis repromissio [p. 144 Helm] expectatur; illic caro gentilis praepudium accipit, hic aetas cum proficit circumcisionem malae uoluntatis inuenit; illic filius pro amore sacro spernitur qui est seminis paterna suauitas, hic luxuriae amor finitur quae est erroris grata malignitas.

FÁBIO PLANCÍADES FULGÊNCIO

∅

DAS IDADES DO MUNDO E DO HOMEM

PRÓLOGO

Foi, certamente, oportuno, ó mais excelente dos homens, neste nosso curso perene de tempo pelo qual recentemente somos governados, pensar ao invés de ficar em silêncio, e não se dedicar à eloquência, principalmente quando nada além do ganho de dinheiro move as ações, e a perene ambição de auferir lucro seja quotidianamente supurada pelas mentes humanas²¹. Para quem tem sentimentos de cobiça, com efeito, não é mais elegante a linguagem de quem diz, entretanto é mais doce a de quem oferece. Entre estes, o lamento dos lamentosos não é observado, o gemido dos miseráveis não recebe compaixão, mas o cálculo que dura toda a noite é computado, com o propósito de que cada tostão seja devidamente recolhido.

Com efeito, para uma mente cobiçosa também a voz se torna baixa. E crê, confesso, com Deus por testemunha, que eu quis recusar neste opúsculo a tua prescrição, se não tivesse imposto a meu engenho isto: não ser, de modo nenhum, imaginado desobediente a teu império. Seja a partir de tal momento, portanto, contente a este ônus, que colhemos por ti nos floridos jardins das Piérides, e que tu, assim como Euristeu, impuseste, me impondo um suor hercúleo.

Também assim, ó leitor, pedimos que tu te incumbas atento a nosso opúsculo, a fim de que, se – o que não acredito mesmo – o trabalho imposto não tiver sido, a teu juízo, desagradável para ler, eu terei produzido, felizmente, uma obra poética²². Se, ao contrário, o discurso se entenebrece grosseiramente pela obscura névoa da inabilidade, é necessário que sejam migradas na cinza do silêncio muitas lamparinas de largas vigílias e noites prolongadas até o crepúsculo, desprovidas de um êxito honrável²³.

²¹ Embora a existência de um interlocutor seja relativamente comum em prólogos, a ornamentação estética que reveste a forma como ele se apresenta, associada a um tom de lamentação em face de conjunturas conturbadas, merece destaque na produção fulgenciana, tendo em vista sua recorrência nas obras que compõem todo o conjunto creditado ao Mitógrafo. *Mythologiae* (*myth. praef.* p. 3), diz-se “*cito itaque nunc aut quod amiseris fleas aut quod edas inquiras quam quod dicas inuenias*” (Por essa razão facilmente agora ou chorarias pelo que perdeste ou procurarías o que comer em vez de encontrar o que dizer). Na *Sermonum* (*serm. ant. praef.* p. 111), encontra-se “*Ne de tuorum praeceptorum domine, serie, nostra quicquam curtasse inoboedientia putaretur*” (Para evitar que a minha desobediência, ó senhor, fosse julgada de ter cortado algo da série de tuas recomendações). Por fim, na *Continentiae* (*Virg. cont.* p. 84), registra-se “*Esto ergo contentus, mi domine, leuiori fasciculo quem tibi Hesperidum florulentis decerpsimus hortulis*” (Logo, ficarás contente, meu senhor, com o pequeno mimo o qual colhemos para ti do florescente jardim das Hespérides).

²² O termo ‘*opusculus*’ (‘opúsculo’) também aparece na *Continentiae* (87, I).

²³ Conforme Manca (2003), essa temática da vigília literária é *topos* comum, aparecendo em *Hor. cam.* 3, 8, 14, *Apul. met.* 2, 11, 10; *Mart.* 8, 3, 17; *Iuu.* 1, 51; *Auson.* 15, 1, 5. Fulgêncio se utiliza

Portanto, meu senhor – por causa, aqui, de nosso libelo, o qual eu pareço iniciar, ou pelo qual pareço suportar forçosamente uma obra duríssima, neste encargo marcado por extraordinária grandiosidade, onde a elevada altura do engenho teve, preferivelmente, que se exercitar de modo exaustivo – conveio, como tu vês claramente, não ser escravo de um arranjo ordenado das letras do alfabeto, de modo que a disposição desta obra prodigiosa não tivesse abandonado a elegante eloquência²⁴. Desde que a mente, de fato, se dedique às letras que devem ser evitadas, ela produziria uma obra menos louvável. Sem dúvidas, é suor de um espírito agitado, em que não será lícito pôr cada elemento elegante que tenhas encontrado, enquanto as letras que são evitadas tenham constrangido. Com efeito, imagina, de teu engenho intelectual, se porventura tu serás sufocado pelos ardores da inspiração, quando entre aquilo que procuras encontrarás o que não queres.

Portanto, uma vez sendo escravo, por uma imposição, ao encargo prescrito, começo melhor me expressando menos elegantemente, e não me separando, de nenhum modo, da ordem das coisas tomadas antecipadamente. Portanto, te suplico, Senhor, não julgues que eu tenha me exprimido rudemente, ainda que a fala não seja proferida sublimemente. Existe, em realidade, em nós, um enorme e copioso rio de eloquência, que extraordinariamente coloriria nossa obra, se não obstasse a restrição da empreitada proposta. Com efeito, tu disseste ter lido vinte e quatro volumes de livros do poeta Xenofonte, em livros individualizados, fragmentados por letras individualizadas, obra, sem dúvidas, extraordinária, que nós todos que participamos daquela ocasião celebramos. Mas ali, casualmente, não havia uma ordem dos nomes que devesse ser subtraída com suas letras. Ademais, entre os gregos, é lícito efetuar substituições nas letras,

de uma *captatio benevolentiae* – estratégia comum no gênero prólogo – buscando garantir a simpatia do leitor ao reconhecer a possibilidade de sua obra ser considerada desagradável, mesmo que tenha sido elaborada com uma grande dedicação. Essa estratégia retórica é comum na obra do Mitógrafo, que a utilizou na *Sermonum* (*serm. ant. praef. p. 111*) – conforme apontado na segunda seção deste trabalho – através do emprego de um termo restritivo ao qualificador ‘*absolutum*’ (‘completo’), seguindo-se os ensinamentos de Almeida (2018).

²⁴ Manca (2003) recorda que a expressão “*noster libellus*” é típica da literatura satírica, encontrando registro em autores como Juvenal e em Marcial. A forma empregada em latim é “*opus durissimum*” (obra duríssima), parte do título da presente pesquisa. Interessante é perceber que a estrutura lipogramática muitas vezes passa despercebida quando não divulgada pelo autor. Talvez por possuir consciência disso e também por querer frisar o caráter grandioso de sua empreitada, Fulgêncio reitera continuamente as dificuldades enfrentadas na escritura do lipograma. É perceptível, entretanto, uma mudança de tom, pois se antes ele assumia uma postura mais humilde, compondo a *captatio benevolentiae*, agora o lipogramista já demonstra uma certa vaidade.

quando quem quer que seja se vê constrangido pelas tenazes da imposição, como ‘e’ por ‘i’ e ‘o’ por ‘u’, o que, entre os líbicos, se verifica proibido.

O que, então, eu suportei com o nome do primeiro homem e de sua mulher ou de seus dois filhos, ou com qual suor me mantive compelido até a morte, de forma que não fosse, absolutamente, lícita a menção daqueles por seus nomes, os quais a ordem da escritura exigiria que fossem mencionados! Mas me será dito: não seria uma obra extraordinária, se a dificuldade deste efeito, que deve ser perseguido, não intervisse.

Portanto, deixados de lado os princípios do libelo, desses nossos feitos, se dê a continuação que deve ser conduzida. Por conseguinte, entre os Hebreus, o alfabeto dispõe de vinte e dois elementos. A profusão de nossa língua, mas que é também aquela de Roma, é enriquecida, similarmente, por um único a mais, mas se, em verdade, tu acrescentasses o sinal sucessivo da terceira letra, necessariamente teria sido indicada toda a potência da língua grega²⁵. Portanto, visto que nestas obras precedeu o engenho grego, é oportuno seguir, sucessivamente, a ordem média da nossa língua, em que não há duas vezes doze ou duas vezes onze, mas subtraído um elemento aos gregos e adicionado um aos hebreus, se indica a ordem única em registro líbico. Portanto, a estes vinte e três caracteres de letras, nos quais se obtém curso universal da fala, é necessário que comparemos, diferenciados os tempos, as ordens do próprio mundo e do homem.

Com efeito, nisso, se encontra, em nosso livro, uma disposição coerente de todas as coisas, e não só o homem se desenvolve, como também o mundo que vive e a série das letras que se segue, de modo que quando tiveres examinado as seções unitárias do conteúdo da obra, dispostas na ordem dos acontecimentos, encontrarás não só os costumes dos homens plenamente listados, mas também os desenrolamentos elucidados do mundo, e as sequências, quanto às letras, são, similarmente, congruentes entre si, e, o que admirarás mais excelentemente do que todos estes, nos livros individuais, foram abolidas, religiosamente, as letras individuais, no primeiro a primeira, no segundo a segunda, e assim até que o último livro, fragmentando a si, tenha perdido o último elemento.

²⁵ Este é um caso que exemplifica bem o rebuscamento fulgenciano, dada a enorme elaboração retórica para expressar, poeticamente, que seu alfabeto líbico-latino possui 23 (vinte e três) letras e o grego 24 (vinte e quatro).

Com efeito, nosso estilo de narrar se limita, domesticado pelas tenazes desta proibição, a que, todavia, deve ser habilmente lapidado para que, com isso, não sejamos acusados pelo juízo dos leitores de ter, agora, em qualquer sentido, incorrido naquilo de que propusemos fugir.

Portanto, se segundo a ordem alfabética e o modo de falar dos gregos, em que a partir do primeiro elemento até o último, ω ômega, se acrescenta 800 à soma, tu terás querido conferir as lições iniciais da nossa escola e terás considerado que o cômputo, para as letras romanas e líbicas do oriente, deve ser conjugado, de nenhum modo as sequências poderão equivaler-se²⁶. Com efeito, o ‘k’ e o ‘h’ não correspondem ao grego. Também o uso do sinal aditivo ‘cuf’, que o grego interpôs aos números, o alfabeto dos Rômulos não encontra.

Então, em nossas letras os caracteres se contrapõem, se segundo aqueles tu contares até o último elemento ‘z’, 500, com que indicarão o período de doze vezes cinquenta de existência do mundo. Mas se, em realidade, contares doze vezes doze, será necessariamente indicado o curso da vida do homem. Igualmente, quando tiveres multiplicado por vinte e três, tu encontrarás o número de nove meses e seis dias, que indica o tempo estabelecido para o nascimento do homem, de modo que de onde se assuma o primórdio da gênese, daí também se assinaria o curso da morte.

Portanto, como os costumes e os acontecimentos cometidos pelo homem estão inscritos em vinte e três lustros, e toda a ordem discursiva se obtém a partir de vinte e três elementos, assim também, no mundo, há um movimento de vinte e três períodos de tempo que devem ser dispostos, de modo que, como foi dito, sejam observadas, nos livros individuais, não só as letras específicas, mas também os costumes e as vidas dos homens, e se demonstrem, com lucidez, os feitos do próprio mundo.

²⁶ Note-se que o termo usado por Fulgêncio para aludir aos romanos é ‘*Romuleis*’, um adjetivo que faz referência a Rômulo, primeiro rei lendário de Roma. É interessante perceber como a estética fulgenciana apresenta uma preocupação sensível com a História e com a tradição na qual se insere. Assim, não figura ser à toa um emprego que remete a um passado tão longínquo da civilização romana, tido, até mesmo, por mítico. Nesse caso, por uma questão de fluidez textual, optou-se por uma estratégia simplificadora (‘letras romanas’, ao invés de ‘letras dos Rômulos’), pois a palavra ‘*Romuleis*’ contrasta com o adjetivo ‘*Libicis*’ (‘líbicas’), de tal sorte que não seria muito harmonioso combinar um adjetivo simples com uma locução adjetiva (letras dos Rômulos e líbicas), também não parecendo convir o uso da forma inusual ‘romúleas’, que poderia causar um estranhamento muito desproporcional à simplicidade do que está sendo enunciado. Mais adiante, entretanto, a estrutura ‘dos Rômulos’ será trazida – em atenção à relevância cultural que encerra – quando da tradução de um outro uso de Fulgêncio do vocábulo ‘*Romuleis*’.

AUSENTE A

Logo, o primeiro tempo do mundo deve ser referido desde o primeiro homem, infelicíssimo desdenhoso do preceito divino, e desde seu cônjuge, envolvente de um simples ser. Nisso, por um viés, o desonesto bicho ofídico se expõe embusteiro dos dois, por outro, o ente feminil é reconhecido como primórdio de morte por seus míseros sucessores. Com efeito, de que serviu pro bicho ofídico ter de nenhum modo perecido sozinho, ou pro homem ter comido o fruto proibido, ou pro ser femíneo ter obtido o consentimento do homem, exceto que o peso do justo juízo de Deus tivesse decorrido?²⁷

É certo que o excelentíssimo construtor de todo o universo de jeito nenhum introduziu um engodo no fruto proibido, porém, com o intuito de que o homem vivesse de modo deleitoso, informou-o sobre o lenho do discernimento. Com efeito, observe, pois, que o embuste do bicho ofídico surge sob o credo no honor divino, e o ente feminil é compelido pelo prometimento de eterno viver, e o homem guloso é impelido pelo lenocínio do gosto doce, no sentido de comer o pomo²⁸.

²⁷ Vide Gênesis 3. Para um estudo dos recursos linguístico-literários empreendidos por Fulgêncio e pelo tradutor, incluindo o uso de aliteração, paralelismo, circunlóquios e variante lipogramática de cunho popular, deve-se conferir o capítulo *Tradução Lipogramática*. Note-se, ainda, que, segundo Manca (2003), a forma verbal latina utilizada se refere ao verbo *comedere*, o que revela o processo de apropriação do léxico bíblico por parte de Fulgêncio, tendo em vista que, na *Vulgata*, tal vocábulo é muito frequente, com mais de 500 ocorrências, se comparado aos termos *manducare* (com cerca de cinquenta ocorrências), e *edere*, com apenas cinco. Tal comentador da obra fulgenciana ainda salienta que a justa punição divina (*iusta Dei ultio*) é *topos* frequente na latinidade tardia, como se pode verificar nos livros II, 136, 19; VI, 147, 22; VII, 153, 6 e 12 da obra em análise, bem como em Fulgêncio de Ruspe, em *ad Trasam* 3, 36, 2, em que há menção a uma *iusta Dei ultio de peccato primi hominis* (a justa punição de Deus em relação ao pecado do primeiro homem), além de Gregório de Tours (PL 71, c. 283 e 432), dentre outros.

²⁸ Para um exame acerca da apropriação do léxico bíblico pelo Mitógrafo e de algumas escolhas tradutórias lipogramáticas, indica-se a leitura do capítulo *Tradução Lipogramática*. Frise-se, ademais, que, conforme Ilari (1997, p. 122), o largo emprego de sufixação nominal com registro de formas diminutivas, mas portadoras de um valor meramente expressivo, foi uma tendência do latim vulgar que interferiu no processo de estruturação dos romances, como fartamente observado na língua italiana. Assim, o termo '*muscipulum*', embora apresentando uma desinência diminutiva, não guarda necessária referência a uma coisa de pequenas dimensões. Note-se, por fim, que esse vocábulo significa ratoeira, tendo sido traduzido por engodo em decorrência da restrição lipogramática. Considerando, todavia, o pertencimento de Fulgêncio à África vandálica, tem-se uma pista indicativa de uma maior abrangência do referido fenômeno. Além disso, é importante ressaltar que, segundo Manca (2003), o uso metafórico ligado à ideia de armadilha para ratos, aparece uma única vez na Bíblia [Sab. 14, 11], também sendo empregado por Sêneca na epístola 48, 6 e reinserido na *De aetatibus* nos livros V, 145, 26 (o engano de Lia) e VIII, 156, 9 (desobediência de Saul). Quanto ao uso por Fulgêncio de '*quod* + elemento indicativo', é também oportuno recordar os ensinamentos de Ilari (1997, p. 112), que frisa ter sido essa uma

Logo, o ocioso fruto do regozijo, que, em tempos remotos, conseguiu ser, entre os genitores, o gigolô dos pomos, ele próprio, entre os filhos, soube ser como o gigolô do ciúme, que extingue por meio de homicídio o precedente e reduz o pósteros, destruindo-o²⁹.

Oh! Ninguém vive seguro defronte o engenho do ofídio, de modo que o próprio homem, que despontou como o princípio do viver, fosse pros pósteros veredito de morte, e o ser fêmeo, genitor dos viventes, fosse visto como fonte de perecimento por seus descendentes. Que mundo! Que homens! Seu início é morte, e seu fim o juízo. Com efeito, em que o curso do viver foi útil pro homem, visto que lhe foi imposto um tempo finito? Com efeito, tudo o que de modo nenhum consegue ser perene vive por quê? Oh homem, suplico-te, pois, que chores, posto que vives! Com efeito, é incerto como o vento o que te enobreces, visto que nem o dinheiro segue quem morre, nem os títulos servem pros defuntos³⁰.

Quem nu vem pro mundo, é deposto nu do mundo. Que o honor figure perene no tempo em prol do único Deus invisível, que repele o excelso, erige o oprimido e sempre destrói o projeto dos homens, conduzindo-o pro precipício. Porém, Deus é em todo modo indiscutivelmente justo, indiscutivelmente pio. Com efeito, o que o desbrijo do mundo, em termos hipotéticos, produz ou concebe, supondo que lhe coubesse viver perenemente?³¹

tendência sintática tomada pelo latim vulgar e que marcou o processo transicional de formação dos romances. Tal pesquisador ressalta que, no latim clássico, as orações subordinadas substantivas antecedidas de verbos sensitivos (com noção de dizer, pensar, perceber, sentir etc.) se formavam com um acusativo sujeito de oração infinitiva, não sendo, portanto, antecedidas por conjunção integrante.

²⁹ Vide Gênesis 4. Tal passagem faz referência às duas fases da vida de Caim, o qual, antes de se entregar à pérfida paixão fratricida, fora agricultor.

³⁰ Vide Filipenses 3:19. É de se ressaltar o efeito retórico produzido por Fulgêncio através de uma estética de lamentação, que denuncia o descompasso das ações humanas com o projeto divino. Igualmente, deve-se expor que, conforme Manca (2003) sinaliza, Fulgêncio faz largo uso da interjeição ‘o’, além de apóstrofes ou interpelações no caso vocativo, como evidenciado nos livros III, 139, 1-2 (*o immensa atque inestimabilis diuina sententia. O profundi diuini sapientiae fontis*), V, 144, 19-20 (*o admirandum auctoris ac sacratum iudicium*) e 24 (*o homo; numquid in dabis iudicium Domino?*), VI, 147, 14-15 (*o diuinitatis ordo secretum*); VII, 152, 2 (*o fletus concipiens et oratio pariens*), VII, 152, 14-15 (*o diuina secreta admirandaque iudicia*), IX, 161, 10 (*o quam praeclsa sunt tua, Deus, atque stupenda secreta*); XII, 171, 14 (*o gratus et purus aduentus*). Quanto ao uso de operadores argumentativos, à tradução de ‘fieret’ por ‘fosse’ e à do participio futuro ‘finiturum’ pelo participio passado ‘finito’, recomenda-se o estudo do capítulo *Tradução Lipogramática*.

³¹ Vide Jó 1:21, Eclesiastes 5:15 e Lucas 1:52. Conforme a sinalização de Manca (2003), as referências metafóricas que Fulgêncio utiliza quanto à nudez e à saída do útero materno são de inspiração bíblica, como observado em Ecl. 5, 14 (*sicut egressus est nudus ex útero matris suae sic reuertetur et nihil aufere secum de labore suo*) e em Gb., 1 e 21 (*nudus egressus sum ex utero*

Contudo, neste momento, devemos perquirir em que esse princípio do mundo coincide com o êxito do homem em surgir do útero. Nesse posto, o gérmen novel do primeiro útero, movido pelo veneno do ciúme, persegue cobiçoso o inocente filho de mesmo genitor. No momento em que esse menino é infligido por outro, porém, mesmo que inócuo, exprime um êxito do genuíno ciúme. O primeiro homem entende como emitir os diferentes sons dos nomes dos seres terrestres e dos que vivem no céu. O pequeno inocente entende como proferir docemente certos construtos sonoros, mesmo que simples³².

Logo, foi definido o primeiro tempo do mundo, com término em Enoque, conduzido em virtude do poder divino. Pelo que, de modo seguro, isso incide inclusive sobre os inocentes. Com efeito, Deus reconhece com zelo sobretudo o puríssimo senso dos inocentes.

AUSENTE B

No primeiro livro, no qual, certamente, forçados pelo estrito grilhão da norma, não só renunciamos à plena faculdade de falar, como inclusive, atingidos por um fórceps tenaz, perdemos os efeitos sonoros das sentenças e dos construtos retóricos, em que nem me foi lícito,

matris meae et nudus reuertar illuc. Dominus dedit, Dominus abstulit; sit nomen Domini benedictum). Ele também indica a ocorrência presente nas *myth.* 39, 68, no que diz respeito ao valor alegórico da cauda do pavão, em que se condena a vaidade (*in obitu hominis nudatio operum eius*), sendo tal fórmula derivada de Sir, II, 29, não de Salomão, como sugerem alguns autores, em confusão propiciada pela antiga atribuição do termo *Ecclesiasticus* tanto ao livro da Sabedoria, quanto à Sirácide ou Eclesiástico. Frise-se, ainda, que Ciaffi (apud MANCA) considera, como *lectio difficilior*, a forma *obitu* ao invés de *finis*. Segundo Braun (1997 apud MANCA 2003), a invisibilidade representa a própria incognoscibilidade divina, assumindo relevante papel contra a idolatria, derivando de I Tim., 1, 17 (*regi autem saeculorum inmortalis inuisibili soli Deo honor et gloria in saecula saeculorum amen*).

³² No que concerne à tradução de *perscrutemur* (sejamos perscrutados) por “devemos perquirir”, leia-se o capítulo *Tradução Lipogramática*. Sublinhe-se, ainda, que a imagem do útero no contexto de representação do processo de criação divina é significativa, tendo em vista que as noções de mundo e de homem se mesclam, demonstrando o elo entre as idades do mundo e as do homem. Conforme Manca (2003), a temática da inveja é constante na *De aetatibus*, sendo representada tanto pelo vocábulo *zelum*, como pelo termo *inuidus*, como pode ser observado em I, 133, 4 (*inuidus*); I, 133, 17 (*leno inuidiae*), VII, 151, 8 (*toxicata zelotypo*), II, 134, 21; II, 136, 12; XIII, 175, 3; XIV, 178, 11, guardando especial enfoque no livro V, com cinco ocorrências (144, 14; 144, 22; 145, 1; 145, 13; 146, 5). Tal pesquisador também aponta a recorrente alusão ao *zelum* nas *myth.*, como demonstrado em 1, 12, 6 (*liuens zelo*); 20, 13 (*amoris zelum*); II, 49, 6 (*zelataque*); III, 64, 5 (*zelotipa*); III, 64, 6-10-12 (*zelum*); 66, 13 (*zelandando*). Ainda segundo Manca (2003), enfim, das 30 vezes em que Fulgêncio emprega o verbo *discere*, 19 estão na *De aetatibus*, demonstrando-se a singularidade de *topos* quanto à aquisição de conhecimentos por parte do homem experimentador. Acrescente-se a isso, o fato de a obra em estudo ser a mais cristã de seu legado, o que também contribui para uma maior especificidade linguística, vinculada, igualmente, à temática abordada.

por algum tempo, nomear Adão, nem foi permitido aludir sua esposa e os díspares irmãos, um afligido pelo crime de fratricídio, por causa do veneno da inveja, o outro primicério, mártir dos inocentes³³.

Por isso, investiga-se agora a segunda idade do mundo, a qual tem início com a feliz transferência de Enoque, acolhido como residente do paraíso, em que a morte, ainda que tenha possuído todos os frutos do mundo com ávida voracidade, distanciou-se defraudada, mas por uma só vez³⁴.

É necessário que prossigamos até as rugientes ondas do gigantesco dilúvio e as gotas advindas do céu, vingadoras dos delitos. Em tal circunstância, encarcerado na feliz prisão da arca salvadora e levado como herdeiro das eras pretéritas, Noé, que inclusive foi feito condutor do tempo futuro, é lançado, em segurança, por um naufrágio propício. Este, sem dúvida, mereceu, de modo santo, não só ter que fugir do mundo morrente, como reinar no que estava nascendo³⁵.

Quão melhor teria sido, meu Deus, construir pela segunda vez o novo mundo e terminar em Noé, ainda que justo, com qualquer sorte de morte? Principalmente porque nunca a fadiga está presente em Deus e em sua criação, nem Deus se cansa de realizar algo, mas, com sua imposição, manda que seja feito, contanto que o viveiro do pecado de Adão não tivesse escapado das águas até uma outra era, e a infância do novo mundo não fosse maculada por causa do tempo pretérito. Mas tu serás testemunha consciente de tuas ordenações, para quem é permitido não só fazer todas as coisas justas, como inclusive ordenar raros juízos. Sendo assim, declaremos o que a idade do mundo teria produzido neste tempo.

Então, pela primeira vez, a angélica indolência, exilada do céu, incendeia-se, inflamada pelo calor da luxúria, e, contra as leis da natureza, conjuga-se em amplexo ao ser humano. Do incomum coito resulta a prole cicatrizada, e, contra as leis da natureza, a massa gigantesca é inteiramente estendida em uma enorme estatura. Herda da semente materna forma semelhante

³³ Conforme Manca (2003), referências a correntes são uma constante no legado fulgenciano, tanto em sentido material (*aet. mund.* X, 165, 16; *myth.* II, 47, 5; *myth.* I, 19, 3), como em âmbito sexual (*myth.* II, 41, 23; II, 47, 13; III, 75, 3; VII, 150, 22).

³⁴ Vide Gênesis 5:24. Enoque foi um patriarca descendente de Adão que, supostamente, tornou-se pai aos 65 anos e morreu com 365 anos, vivendo no período disposto entre 3382-2017 a.C.

³⁵ Vide Gênesis 6–9. Segundo Manca (2003), a preferência por ‘*cataclysmus*’ a ‘*diluium*’ decorre da busca por evitar o ‘u’ intervocálico, que poderia ser considerado uma violação ao regramento lipogramático por sua aproximação com a letra ‘b’.

à humana, assume do coito paterno a surpreendente força da grande altura. Em seguida, entre os pecados excrescentes dos homens e dos anjos, Noé, o único considerado pessoalmente justo por Deus, é eleito pai da arca, é salvo pela mãe arca, torna-se residente de sua construção, colega das serpentes, hóspede dos seres alados, companheiro de animais domésticos e inclusive das feras. Viu os filhos jogando com cerastas e dragões, e não temeu os netos sentando, efusivamente, com elefantes³⁶.

A arca seminal, para conduzir avante os restos da nação passada para a era vindoura, escapa navegando do mundo futuro, e as ondas mortíferas – que com a ruína do mundo, em um primeiro momento, destruiriam não só a semente, como inclusive o futuro –, estrondam por todos os arredores o encargo salvador. Entretanto, a tranquilidade dos justos, até mesmo na era morrente, não consegue temer qualquer movimento agitado.

Agora, portanto, assim como expusemos a situação associada à primeira idade do mundo, quando, a partir de Caim, acolhe em si o veneno da inveja, e quando, a partir de seu irmão, suplica auxílio de leite – que, de fato, um oferece em sacrifício, e o outro toma – exponhamos, portanto, o que aspiraria uma circunstância semelhante na segunda idade³⁷.

Como, decerto, nas crianças, a maturidade se erige insípida, assim se ergue a imprudente índole dos gigantes. Como, a estes, a catástrofe inflamada do dilúvio paga os pecados, assim, às crianças, a imersão na fonte lava o malfeito. Lá a água se torna punição da transgressão angélica, aqui a água se torna refutação do pecado original. Lá o anjo transgressor anseia o pecado, aqui o fruto da humana concupiscência é diluído. Lá a natureza do mundo pecador que deveria ser transplantada, em um só gérmen, em outra era, escapa nadando na água purgadora. Aqui pela redenção do único Cristo pugnador, o humano renasce restaurado a partir dos fontanos sacramentos da Igreja. Lá salta do mundo na arca para fugir do dilúvio, aqui se refugia do

³⁶ Vide Gênesis 6:2–4 e 8–9.

³⁷ Vide Gênesis 4:1–8. Note-se, mais uma vez, que, em um pequeno trecho, Fulgêncio repete a conjunção conclusiva *'ergo'* (portanto). Essa preocupação em estruturar o texto com muitos conectivos textuais é uma marca típica do campo jurídico, em que se busca transparecer, no escrito, elementos da oratória ligados à persuasão argumentativa. O advogado precisa concatenar os componentes de seu discurso de forma lógica e bem estruturada, de modo que é comuníssimo, mesmo na oralidade, o abundante uso de síndetos. Esse mesmo feito é empreendido pelo narrador ficcionalizado, que parece estar – durante toda a obra – tentando convencer o leitor de seu ponto de vista. Também merece atenção o uso do operador argumentativo *'quidem'*, traduzido como 'de fato'. Antes dessa ocorrência, predominam os casos com o operador *'enim'*, geralmente aqui traduzido como 'com efeito'.

mundo na arca da Igreja para, catequizado, fugir do Inimigo. Aquele prende feras e serpentes inofensivas na arca, este, com a recordação da arca eclesiástica, aterrorizou as gargantas rugientes dos leões e as cristas dos dragões, surgentes com elevada turgescência. Aquele aprende a lei: não coma carne com sangue. Este assume a lei: que se sacie através da carne e do sangue de Cristo. A onda estronda ao redor daquele, pelo que o sufocaria afogado. A água santifica este, pelo que o renderia purificado. Atente, pois, que todas as coisas não só são consonantes como a água, mas inclusive são aproximadamente iguais por uma estreita ligação³⁸.

Ali dois (seres) alados são enviados do flanco da arca para (realizar) o dever de legação, dos quais um regressa testificante com um raminho de oliveira e, ordenado pelo poder do mandante, alegra-se anunciando a paz das águas. O outro, atrasado, a alimentar-se das carnes de carniças,

³⁸ Perceba-se a repetição do operador argumentativo ‘*sicut*’ (‘como’). O Mitógrafo empregou o particípio futuro ‘*instinctura*’ (que está para ‘enfurecer’), traduzido pelo adjetivo simples ‘inflamada’. Essa escolha decorre da busca por evidenciar o oximoro formulado a partir do contraste entre ‘*instinctura*’, que denota uma noção de fúria ligada ao fogo e ‘*cataclismi*’, que já está ligado à cólera das águas. Esses dois elementos (fogo e água) antagonizam-se entre si e, ao mesmo tempo, em uma coexistência paradoxal, representam símbolos bíblicos da purificação. A “imersão na fonte” refere-se ao batismo, o qual diz respeito a um ato purificador que, conforme a tradição católica, já deve ser realizado logo na infância. Neste trecho, também se verifica um paralelismo cruzado, conhecido por quiasmo, entre os termos ‘*pueris*’ (‘crianças’), ‘*gigantea*’ (‘gigantes’), ‘*his*’ (‘a estes’, ou seja, os gigantes) e ‘*pueris*’ (‘crianças’), antecidos, respectivamente, pelos operadores argumentativos ‘*sicut enim*’ (‘como’, ‘decerto’), ‘*sic*’ (‘assim’), ‘*sicut*’ (‘como’) e ‘*ita*’ (‘assim’). Em latim, encontra-se “*Sicut enim in pueris aetas insulsa erigitur, sic gigantea inconsiderata materies tollitur; sicut his instinctura cataclismi praerogat scelus, ita pueris tinctura fontis diluit facinus*”. A tradução também reflete o jogo quiasmático, conforme evidenciado em “**Como, decerto**, nas **crianças**, a maturidade se erige insípida, **assim** se ergue a imprudente índole dos **gigantes**. **Como**, a **estes**, a catástrofe inflamada do dilúvio paga (os pecados), **assim**, às **crianças**, a imersão na fonte lava o malfeito”. Em similar sentido, buscou-se preservar o jogo fulgenciano empreendido a partir da aproximação entre os termos “*aquis purgatoriis*” (‘água purgadora’) e “*Christi pugnantis*” (‘Cristo pugnador’), vinculados pela semelhança sonora dos vocábulos ‘*purgatoriis*’ (‘purgadora’) e ‘*pugnantis*’ (‘pugnador’). Ainda se verifica um paralelismo muito elaborado, que foi estruturado com a repetição de verbos de mesma raiz (‘*fugiat*’, ‘*confugit*’ e ‘*effugiat*’) – diferenciados unicamente por préverbios –, do substantivo ‘*arcam*’ (‘arca’), do termo ‘*ex mundo*’ que varia para ‘*ex immundo*’ e do vocábulo ‘*ut*’ que introduz, primeiramente, ‘*cataclismum*’ e, em seguida, ‘*catecizatus*’, conforme destacado a seguir: *illic ex mundo in arcam transilit ut cataclismum fugiat, hic ex immundo ad ecclesiae arcam confugit, ut catecizatus hostem effugiat*. Buscou-se preservar a figura retórica na tradução: Lá salta **do mundo** na **arca** para **fugir** do **dilúvio**, aqui se **refugia** do **mundo** na **arca** da Igreja para que, **catequizado**, **fuja** do Inimigo. Sublinhe-se, ademais, que a palavra ‘Inimigo’ se refere a Satanás. Por fim, Fulgêncio ressalta o giro hermenêutico do antigo para o novo testamento, em que a existência de Cristo, entendido como o cordeiro de Deus que retira o pecado do mundo, dispensaria sacrifícios animais, no que se destaca a existência do paralelismo articulado pelos termos ‘*accipit*’ (‘aprende’) e ‘*suscipit*’ (‘assume’).

seduzido por um iníquo desejo, assim como negro pelo corpo, (ainda) mais negro pela mente, não retorna³⁹.

Não diferentemente, inclusive no homem, mundo menor, constatarás ainda que o católico – enxertado pelo ramo da crisma, desde o oleastro à frutífera raiz – conserva sempre a Igreja, quotidiana e fielmente a retornar. O herege, todavia, capturado pelas viciosas imprecações da infidelidade, não só não se recorda do retorno à mãe Igreja, como inclusive desdenha os atos advertidos por outrem. Sortudo ele! Em muitos modos sortudo, se a carraspana desmedida de suas plantações não tivesse sido considerada escândalo para o Patriarca. Aprendeu, alcoolizado, a não mais ter respeito religioso, o qual, mais seguro no meio das ondas rugientes, foi praticado pela Ajudante⁴⁰.

O que fazemos, humana fragilidade! O santíssimo patriarca luta com o mar revolto, com o céu ameaçador, com a imensidão marinha rugiente, com o dilúvio espumejante, e, mesmo vencedor de todos os elementos, se deita de modo indecente, mediocrementemente derrotado pelo vinho. Constrói, sapientemente, uma arca tricameral, para que a onda destruidora não encontre uma fenda e, contudo, mostra aos filhos jazendo, encharcado e alcoolizado, as partes íntimas, indecentemente⁴¹.

Que seja, pois, suficiente ter descrito até aqui os arranjos da segunda idade do mundo, no que a matéria pôde requerer.

AUSENTE C

A ordem da obra empreendida exige que seja narrada a idade do mundo de número três, e, semelhantemente, o estado do homem a partir do lustro posterior ao segundo, através também da mantida supressão da letra subsequente, de modo que a retirada a seu livro não arruíne a ordem da obra empreendida.

³⁹ Vide Gênesis 8:6–12.

⁴⁰ Vide Gênesis 9:20–21. A referência realizada por Fulgêncio à Igreja como mãe deriva, possivelmente, de uma leitura de Tertuliano, *Ad martyr* as 1.1, e *De oratione* 2.6 (WASHINGTON, 1943 apud WHITBREAD, 1971).

⁴¹ Vide Gênesis 6:16.

Este livro, indubitavelmente, vai assumir sua origem a partir da gênese da Babilônia, quanto aos tempos do rei Nino e da rainha Semíramis, e da torre destinada, desde sua base, ao famoso giro de palavras e disposta uniformemente na unidade de todo o povo e na fusão da língua⁴².

A torre, a partir do ladrilho, da poeira de Pozzuoli e do betume, surge mais proeminente, mais próxima à sublimidade dos astros e quase atingindo a própria órbita lunar, através de suas extremidades⁴³. Ante isso, em realidade, a dispersa variabilidade das línguas, em ligame, suprime ao meio a atividade da obra empreendida, na medida em que quando o obreiro indagasse o que desejasse, aquele que estivera em baixo, teria lhe dado algo diverso, e quando uma só fosse a vontade dos obreiros, o propósito dos operários resultaria diferente.

Ó imenso e inestimável juízo divino! Ó sabedorias de profundas fontes divinas! Uma só voz, um só ânimo, também uma só obra que os mortais tinham assumido, e, todavia, nisso, quanto mais a humanidade deleitava-se em ter obtido uma pluralidade de formas para terminar o que tinha instaurado, mais a sabedoria da Divinidade – que zombava dos vãos ímpetus dos homens – dissolvia-o. Surge, portanto, um grande antagonismo, no quinteto dos sentidos, de modo que um indivíduo tivesse sentido a voz, e o outro, a orelha. A língua apresentou-se oposta à sua vontade, e a orelha reputava estranho o que a fala havia fomentado. E, ao mesmo tempo, nessa mesma unidade dos órgãos, a divisão é produzida. A língua pede o que a orelha não entende de nenhuma forma. A orelha dá o que a língua de nenhum modo pediu. E – enquanto, entre si, ambos os sentidos lutam – a obra é abandonada pela metade.

Até então, ao mesmo tempo, os muros despontam para a Babilônia junto a uma notabilidade infamante, e se fala que a arrogante Semíramis os teria feito por vanglória. Em realidade, após o óbito de seu marido Nino, ela, empenhando-se, levou as bases daquela antiga obra a um estado melhor, mas, sem dúvidas, ela é que estaria melhor, se representasse os ditames das boas maneiras ao invés de ter prolongado o desejo de expansão dos muros.

Em verdade, ela era mortífera a seus amantes e adúltera dos moribundos, o topo da volúpia. Também a seu filho era ardente de luxúria e, sepultada a honra de mãe, tornou-se nora de si

⁴² Conforme Whitbread (1971), Semíramis, rainha mitológica da Assíria, foi descrita por Heródoto, Diodoro da Sicília e Orosius, que, por sua vez, foi seguido por Fulgêncio em determinados aspectos.

⁴³ Faz-se alusão à pozolana, que recebe esse nome em alusão à comuna italiana de Pozzuoli. Ela diz respeito a um material de origem piroclástica, usado em construções civis.

mesma. Mas não há nada de extraordinário, dado que agregaria a si por marido, quem ela tinha gerado por adultério e por tal pai tinha parido um filho, logo que, também deste – o qual ela tinha parido gemendo, dando à luz por uma fenda da vulva – abrasada pelos ardores da volúpia, engolia o sêmen dos órgãos genitais pela garganta.

Também Nino, não diferente quanto às iniquidades da esposa e digno de matrimônios junto a uma mulher lesiva, pela primeira vez, invadindo os limites dos povos vizinhos, firmou a premissa da atividade de reinar. Pela primeira vez, invadindo as fronteiras dos antigos pastores nômades iranianos, que viviam em uma quietude tranquila e serena, abrasou o ferro em sangue estrangeiro. Ele agitou as atividades humanas que estavam em pura mansidão através do extermínio promovido nas guerras por adversários assassinos.

Investiguemos, então, de que modo a qualidade desses tempos se assemelha à natureza humana. A título de exemplo, no mundo, a imensidão da torre se ergue no ar. Dessa mesma maneira, a jovial idade se subleva ao homem, por meio da soberba. Àqueles, a surpreendente obra é destruída pela divisão das línguas. Àquela, através do ensino das letras, a estupidez termina. Àqueles, uma nova linguagem impediu a união. A esta, a palavra da Bíblia ilumina a mente.

Semíramis inflama-se pelo ardor de toda volúpia, e a juventude abrasa-se, desenfreadamente, pela fogueira da luxúria. Àqueles, a Divinidade distinguiu as línguas por meio da variedade das palavras. A estes, a sabedoria sublevou ao engenho do juízo.

No mundo, a Babilônia institui o primórdio da atividade de reinar. Ao homem, a sabedoria atribui honra para o governo. Ali Semíramis reina avessa à justiça. A este, domina a idade, sedutora da luxúria. Ela não só se inflama através do amor da volúpia, mas também se suja pelo derramamento de sangue. Ademais, em verdade, a idade ou ferve amando, ou se abrasa inflada no litígio. Aquela invade ávida o reino estrangeiro, este vai atrás do amplexo de uma outra esposa ou filha⁴⁴. Ali se estende o âmbito dos muros, admiráveis em dimensão. A este, o estado de juventude também se assegura robusto pela virtude. O que, então, por exemplo, julgarás ao menos equiparável em semelhanças a tal natureza? Semíramis se torna senhora dos delitos, e esta idade se torna serva da ruína.

⁴⁴ Em latim, é evidente o caráter aliterante com repetição de /ks/, grafado ‘x’: *rapax regnum inuadit, iste externae aut uxoris aut filiae quaerit amplexum.*

O homem é, portanto, um mundo menor, de onde não só se mostra filho, mas também se nota semelhante, e não repararias, entre ambos, nada muito distante. Resta, então, que se mostre a quarta idade do mundo e do homem, a qual deve ser delineada, e que, ademais, abrangeria o tempo de Abraão e suas similitudes.

AUSENTE D

Abraão foi, então, o primeiro germen atinente à justiça, e, nele, sobressaiu o inefável testemunho relativo ao Ser majestoso. Assim, cumpriu solicitações, como se externasse submissão a alguém que já lhe fosse familiar⁴⁵. Por conseguinte, lhe é imposto largar para trás, repentinamente, as coisas que tinha e ir procurar, errante, as que, até então, não conhecia⁴⁶. Mas, principalmente, não só lhe era ignoto quem prometera, como também era incógnito quem chefiava.

É posto à prova com a instrutora remissão quanto a seus pertences, por quem não conhecia. Foi posto à prova com pena corporal pela eficaz circuncisão, cuja graça ignorava⁴⁷. É posto à prova pelo requerimento relativo ao filho, que, não suplicante, recebera por gratuita benevolência, e – já que nessas três tentações é visto como o mais fiel – é exposto, nas escrituras, como o primeiro pai a portar a graça⁴⁸.

O Onipotente lhe outorgou um filho, e Abraão o acolheu com gratulação. O Altíssimo o solicita em retorno, e ele, contente, o oferece. Não foi ingrato no acolhimento, nem se queixou vacilante na restituição. Não renunciou o filho porque se apressou em renunciá-lo, salva-o, porque não vacilou em fazê-lo morrer, e, por fim, obteve coisas melhores, não temente em renunciar o que tinha. Em suma, prescrições feitas por um ignoto, e então se apressa, impaciente pela imposição soberana, a largar para trás a pátria, a renunciar o patrimônio, a renegar os pais e a exilar-se prófugo⁴⁹.

Nesse tempo, ocorreu um outro fato miraculoso. Também o narremos. Não é certo que no curso referente à essa era também existiu Jó, aquele atleta que integrou uma sublime luta e vitorioso

⁴⁵ Vide Gênesis 12.

⁴⁶ Vide Hebreus 11:8.

⁴⁷ Vide Gênesis 17.

⁴⁸ Vide Gênesis 22.

⁴⁹ Vide Romanos 4:9–13 e Gênesis 22.

quanto à força satânica, em que nem a malevolência achou lugar, nem a justiça encontrou malfeito? Certamente com ele, não só o Príncipe que governa as Trevas se ruborizou, pelo fracasso, como também o Autor que gera a Benevolência retribuiu com a coroa, porque assim foi oportuno, mas não a conferiu antes porque Abraão a quis⁵⁰.

Ele se mostrou, realmente, eleito mesmo na morte referente aos filhos, calmo no esquecimento quanto a seus bens, paciente em tolerar ferimentos, rico na mente, como na privação referente à nobreza, forte no chaguento corpo.

Recebe, então, mais coisas, visto que não chora as que esqueceu. Dessas coisas, porque pacientemente postas para trás, não se lamentou e, mais seguro, assumiu a maior parte. Embora suportasse o insulto feito pela esposa, em incitação à heresia, aquela justiça, sempre vitoriosa, suplantou não só as coisas tolerantes, mas também os fermentos relativos ao insulto feminil, bem como não apenas arrasou, combatente, a satânica força, como também mereceu o celeste testemunho, posto que se comportou bem⁵¹.

Entretanto, a geração humana procura saber quais, entre esses, são semelhantes a si. Que também os examinemos, feito o esforço para esclarecer. Por certo, logo que a mente, sapiente com as letras, munuiu, com muita inteligência, o juízo para a esperança relativa ao conhecimento futuro, subitamente, expulsas as trevas referentes à insensatez originária, como ali, com a habitação na própria terra, almejará cogitar o exercício tocante aos bons atos, e, como ali, tem-se o respeito pertencente a Abraão, assim aqui, busca-se uma proveitosa esperança quanto à benevolência.

Posteriormente, inciso o prepúcio referente à carne e à luxúria com as prostitutas, anseia apenas o matrimônio com sua esposa, e não cobiçará lançar-se aos amplexos juvenis para conseguir uma enganosa satisfação, em que o amor é amargo, a fruição é efêmera, e os afetos são sempre compráveis ou venais.

Posteriormente, o comércio sexual – geralmente bem aceito por quaisquer pais, para os que são, entretanto, filhos por um afeto celestial, junto ao Sapiente por escolha – iniciará seu próprio fim. Certamente, qualquer ser sapiente e retamente inteligente venera a excelência relativa ao

⁵⁰ Vide Gênesis 1,6.

⁵¹ Vide Jó 42, 10 e Jó 2, 9–10.

Construtor mais que a si, quanto ao que se une ao amor referente aos filhos. Certamente, aquele se antepõe a qualquer afeto, e quem coisa alguma quer renunciar mais esteja pronto a segui-lo, conforme prescreveu Salomão: O início referente à sapiência é o temor relativo ao Ser majestoso⁵².

Portanto, observa quão conforme aos costumes humanos é o curso pertinente a quaisquer épocas. Junto aos ânimos juvenis anseia a sapiência, junto à Abraão se espera a promessa quanto à salvação celestial. Ali a carne pagã recebe o prepúcio, aqui a era avança e conhece com a circuncisão relativa à maléfica tentação. Ali, pelo sacro amor, renuncia o filho, que é para o pai o encanto pertinente a seu sêmen, aqui termina o amor concernente à luxúria, que é a benquista malevolência atinente ao engano.

⁵² Vide Jó 28, 28; Provérbios 1:7, 9:10; Salmos 110 (111):10 e Eclesiastes 1:16.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo de uma ótica tradutória de viés pós-estruturalista, buscou-se fomentar a movimentação epistêmica no itinerário prático que desembocou no texto de chegada lusófono. Assim, realizou-se a primeira tradução para a língua portuguesa e a primeira do mundo sob a forma de lipograma dos quatro livros iniciais da obra *De aetatibus mundi et hominis* (“Das idades do mundo e do homem”), atribuída a Fábio Placíades Fulgêncio.

Além do fato de ser duplamente pioneira, essa tradução possui a qualidade de tensionar criticamente uma série de critérios adotados em seu processo criativo de concepção, desde a adoção de arcaísmos de cunho classicizante a de termos populares, sugestivos do fenômeno de mudança linguística, apenas para citar dois dos muitos exemplos. Desse modo, o presente suplemento transcriador assume uma feição rizomática enquanto engrenagem para a produção de saberes e de reflexões, deslocando o próprio eixo de compreensão da figura do escritor, ao questionar diretrizes logocêntricas pautadas na noção paradigmática de equivalência.

Em tais termos, o tradutor-criador, certo de sua não-neutralidade, não buscou substituir o texto de partida latino por outro que lhe equivalesse, perseguindo, simplesmente, a figura de Fulgêncio. Almejou-se, em realidade, dar nova vida ao Mitógrafo, agitando dimensões culturais dentro de uma rede intertextual maior, com o fornecimento de mais uma possibilidade de leitura para o público.

Ademais, também se viu necessário adentrar no particular problema de autoria textual. Se na atualidade é relativamente fácil obter um conjunto preciso de dados biográficos dos autores contemporâneos, o mesmo não pode, em muitos instantes, ser dito quanto a textualidades antigas. Nesse sentido, em inúmeros casos, como no de Fábio Placíades Fulgêncio, até a concepção da existência do autor se faz, sobretudo, a partir de sua própria obra, por esta ter sido um dos poucos elementos supérstites.

Desse modo, um estudioso de escritos pertencentes a temporalidades remotas e, especialmente, da produção fulgenciana deve ter muita cautela e criticidade quanto ao processo de transmissão textual, tensionando continuamente os subsídios fornecidos pela tradição. Assim, a partir de uma série de indagações, incluindo aspectos de cunho estilístico, propiciou-se uma inflexão na hipótese unitária, que considerava o Mitógrafo e o Ruspense como um único sujeito.

Hoje a maior parte da crítica já defende a existência de dois autores diversos, o que acabou despertando o interesse de alguns pesquisadores pela busca de sinais e vestígios sugestivos de dados biográficos. Essa empreitada se demonstra, por óbvio, conturbada e, muitas vezes, questionável, mas possui o mérito de também proporcionar um maior conhecimento da produção estética de seu compositor.

Este trabalho também investigou a inserção da obra traduzida no cenário da tradição lipogramática, considerando sua longa relevância. Assim, foram resgatados autores que, desde a Grécia Antiga, provocam curiosidade e fascínio, em uma investigação de natureza vestigial e indiciária. Ressalte-se, entretanto, que ainda são poucos os estudos realizados quanto à matéria, sendo perceptível a existência de inúmeras lacunas carecedoras de maiores perquirições.

Justamente em decorrência dos inúmeros espaços em branco existentes é que esta pesquisa, tomada por todo um fluxo rizomático de contribuições, amplia-se para um projeto maior, tendo em vista um conjunto de potencialidades das quais o estudo de Fulgêncio se reveste. Assim, ouvindo os ecos reverberados por um robusto *corpus*, este trabalho foi aprovado, em sede de mudança de nível para o doutorado, para servir de base para uma futura Tese, em que haverá uma ampliação das discussões aqui ventiladas – investigando-se o pertencimento da *De aetatibus* à tradição literária experimental – e a tradução de todos os dez livros restantes.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.
- AGOZZINO, T. Secretum quaerere veritatis. Virgilio, vates ignarus nella Continentia Virgiliana, in *Studi classici in onere di Quintino Cataudella III*. Catania: Università di Catania, Facoltà di Lettere e Filosofia, 1972, pp. 615-630.
- ALMEIDA, S. A 'Expositio Sermonum Antiquorum', de Fulgêncio, o Mitógrafo: estudo introdutório, tradução e notas. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) PPGLitCult, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.
- AMARANTE, J. *O livro das Mitologias de Fulgêncio. Os mitos clássicos e a filosofia moral cristã*. Salvador: Edufba, 2019.
- AMARANTE, J. L'architettura orizzontale dei tre libri delle *Mythologiae* di Fulgenzio, *SIFC* 2, 2018, pp. 157-200.
- AMARANTE, J. A explicação fulgenciana para o surgimento dos deuses: um amálgama pagão-cristão? *Revista Hypnos*, São Paulo, v. 41, 2º sem., 2018, pp. 215-236.
- AMORIM, L. Tradução e adaptação reescrevendo os limites da transgressão. In: _____. *Tradução e adaptação: encruzilhadas da textualidade em 'Alice no País das Maravilhas' de Lewis Carrol, e 'Kim', de Rudyard Kipling*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- ARROJO, R. O que efetivamente pode ensinar o professor de prática de tradução. In: COSTA, L. (org.). *Limites da Traduzibilidade*. Salvador: EDUFBA, PPGLL, 1996, pp. 91-97.
- ARROJO, R. *Oficina de tradução: A teoria na prática*. São Paulo: Ática, 2007.
- BERTINI, F. *Autori latini in Africa sotto la dominazione vandalica*. Genova: Tilgher, 1974, pp. 131-145.
- BORGES, R.; SOUZA, A. S. Filologia e edição de texto. In: BORGES, Rosa et al. *Edição de texto e crítica filológica*. Salvador: Quarteto, 2012. pp. 15-59.
- CAMPOS, H. *Da transcrição poética e semiótica da operação tradutora*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011.
- DELEUZE, G. Platão e o simulacro. In: _____. *Lógica do sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salinas. São Paulo: Perspectiva; EDUSP, 2015, pp. 259-271.
- DERRIDA, J. *Torres de Babel*. Tradução Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- ENO, R. Fulgentius of Ruspe: selected works. *Revista Fathers of the Church*; v. 95, 1996.

FÉRES, J. *Entre La Disparition e o Sumiço de Georges Perec*: Tradução acompanhada de 25 a 26 notas do tradutor. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

FERREIRA, A. O paradigma da descrição na tradução etnográfica: Levi-Strauss tradutor em ‘Tristes Tropiques’. *Revista Acta Scientiarum*. Language and Culture. Maringá, v. 36, n. 4, 2014, pp. 383-393.

FERREIRA, A.; ROSSI, A. Antropofagia, Mestiçagem e Estranhamento: Tradução em (Dis)curso. *Revista Cadernos de Tradução*. Florianópolis, n. 31, 2013, pp. 35-55.

FOUCAULT, M. *Language, Counter-Memory, Practice*. Tradução de Donald F. Bouchard e Sherry Simon. Ithaca: Cornell University Press, 1977.

FRANCO JUNIOR, H. Modelo e imagem: o pensamento analógico medieval, *Bulletin du centre d'études médiévales d'Auxerre*, n 2, 2008. Disponível em <<http://journals.openedition.org/cem/9152>>.

FRANCO JUNIOR, H. Ave Eva! - inversão e complementaridade de um mito medieval. *Revista USP*, n. 31, 30 nov. 1996, pp. 52-67.

FRANCO JÚNIOR, H. *A Idade Média, Nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

FRIEBEL, O. *Fulgentius der Mythograph und Bischof*. Paderborn, 1911.

FULGENTII, F. *Opera*. Edição de Rudolf Helm. Lipsiae: Teubner, 1898.

GENTZLER, E. *Teorias Contemporâneas da Tradução*. Tradução de Marcos Malvezzi. São Paulo: Madras, 2009.

GAFFIOT, F. (Coord.) – *Dictionnaire Gaffiot*. Paris: Hachette, 1934.

GEMBLOUX, S; TRITEMIUS, J. *De scriptoribus ecclesiasticis*. Frankfurt: Witte, 1974.

GENTZLER, E. *Teorias contemporâneas da tradução*. Tradução de Marcos Malvezzi. 2.ed. São Paulo: Madras, 2009.

HAYS, G. *Fulgentius the Mythographer*. 402 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Cornell University, New York, 1996.

HAYS, G. The Date and Identity of the Mythographer Fulgentius. *Journal of Medieval Latin*. n. 13, 2003.

HELM, R. *Der Bischof Fulgentius und der Mythograph*. Rh, Mus. 54, 1899.

HELM, R. *Fabii Planciadis Fulgentii V.C. Opera*. Leipzig: 1898.

HOMMEY, J. *Liber absque litteris De aetatibus mundi et hominis, absque A. absque B., etc*. Lutetiae Parisiorum, 1696.

- ILARI, R. *Linguística Românica*. São Paulo: Ática, 1997.
- JAKOBSON, R. *Linguística e Comunicação*. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2003.
- JUNGMANN, E. *Die Zeit des Fulgentius*. Berlin: 1877.
- JUNGMANN, E. *Quaestiones Fulgentianae. Act. Soc. Philol. Lips.* n. 1. 1870.
- LEDDA, G.; RAIMONDI, E. Introdução. In: ECO, Umberto (org.). *Idade Média: bárbaros, cristãos e muçulmanos*. Introdução à Idade Média. 3. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote: Milão, 2012.
- MANCA, M. *Le età del mondo e dell'uomo*. Allessandria: Edizioni dell'Orso, 2003.
- MATTIACCI, S. 'Divertissements' poéticos tardoantichi: i versi di Fulgenzio Mitografo, *Paideia* 57 (2002), pp. 252-280.
- MATTIACCI, S. Le origini della versificazione ritmica nella tarda antichità latina. In F. Stella (a cura di). *Poesia dell'alto medioevo europeo: manoscritti, lingua e musica dei ritmi latini. Atti delle euroconferenze per il Corpus dei ritmi latini (IV-XI sec.)*. Arezzo 6-7 novembre 1998 e Ravello 9-12 settembre 1999. Firenze: SISMEL edizioni del Galluzzo, 2000.
- MERRILLS, A. *Vandals, Romans and Berbers: New Perspectives on Late Antique North Africa*. Aldershot, 2004. pp. 101-132.
- MODÉLAN, Y. La chronologie de la Vie de saint Fulgence de Ruspe et ses incidences sur l'histoire de l'Afrique vandale. In: *Mélanges de l'École française de Rome. Revista Antiquité*, tome 105, n°1. 1993. pp. 135-188
- MOREIRA, R. *A "Exposição dos conteúdos de Virgílio", de Fulgêncio: estudo introdutório e tradução anotada*. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) PPGLitCult, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.
- NICOLAU, M. Les deux sources de la versification latine accentuelle, *ALMA* 9, 1934, pp. 57-87.
- PENNISI, G. *Fulgenzio e la Expositio sermonum antiquorum*. Firenze: Felice Le Monnier, 1963.
- PEREC, G. *La Disparition*. Paris : Denoël, 1969.
- PEREC, G. *O sumiço*. Tradução de Zéfere. 1. ed. -- Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- PIZZANI, U. *Fulgenzi: definizione di parole antiche*. Roma: Ateneo, 1968.
- PYM, A. *Explorando Teorias da Tradução*. Tradução de Rodrigo Borges de Faveri, Cláudia Borges de Faveri e Juliana Steil. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- REIFFERSCHIED. *Mittheilungen aus Handschriften*. Heildeberg: RhM, 1868.

REIFFERSCHIED. *Anecdorum Fulgentianum*. Bratislava, 1883.

RODRIGUES, C. *Tradução e Diferença*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

ROSA, F. *Fulgenzio: Commento all'Eneida*. Milano-Trento: F. R., 1997.

SKUTSCH, V. Fulgentius. *Revue philologique*, vol 7, 1910.

STELLA, F. A poesia latina. In: ECO, Umberto (org.). *Idade Média: bárbaros, cristãos e muçulmanos*. Introdução à Idade Média. 3. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote: Milão, 2012.

VALERO MORENO, J. M. La Expositio Virgiliana de Fulgencio: poética y hermenéutica. *Revista de poética medieval* 15 (2005), pp. 112-192.

VENUTI, L. A formação de identidades culturais. In: VENUTI, Lawrence. *Escândalos da Tradução*. Bauru: EDUSC, 2002. p. 129-167

VENUTI, M. *Il prologus delle Mythologiae di Fulgenzio*. Introduzione, testo critico, traduzione e commento. Napoli: Paolo Loffredo Iniziative Editoriali s.r.l., 2018.

VENUTI, M. *Il prologo delle Mythologiae di Fulgenzio: Analisi, traduzioni, commento*. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Università degli Studi di Parma, Parma, 2009.

VENUTI, M. Alla ricerca di indizi 'storici' nel prologo delle Mythologiae di Fulgenzio...? *Littérature, politique et religion en Afrique vandale*, vol 6. Paris: Institut d'études Augustiniennes, 2016.

VIAL, C. *Vocabulário da Grécia antiga*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013.

WHITBREAD, L. G. *Fulgentius, The Mythographer*. Ohio: State University Press, 1971.

WOLFF, É. *Fulgence, Virgile dévoilé*. Villeneuve-d'Ascq : Presses Universitaires du Septentrion, 2009.

WOLFF, É.; DAIN, Ph. *Fulgence, Mythologies*. Villeneuve d'Ascq: Septentrion Presses Universitaires, 2013.

WOLF, M.. *A Vontade de Poder: tradução no campo de tensão entre poder e ética*. Tradução de Rosvitha Friesen Blume. Santa Catarina: Tubarão, 2013.

ANEXO 1

ESCORÇO DO PROCESSO TRADUTÓRIO

Como já mencionado, esta pesquisa visa não apenas à elaboração de uma tradução lipogramática, mas também a discussão de seu processo tradutório. Quanto a isso, já foi sinalizado que o largo uso de notas explicativas auxilia na interlocução dessa problemática entre tradutor e leitor. Ocorre, todavia, que as notas da versão de tradução proposta foram elaboradas com base em um princípio de reserva, em que se busca esmiuçar e elucidar apenas questões consideradas mais críticas, a exemplo das que envolvem figuras de linguagens e registros de matriz filológica, dentre outros.

Com base nisso, torna-se evidente a impossibilidade de sinalizar, em notas explicativas, cada obstáculo enfrentado, especialmente quando relativo a questões de ordem lipogramática. Isso tornaria a leitura extremamente enfadonha, podendo gerar até mesmo uma repulsa do leitor pelas notas. Ademais, essa atitude poderia também ser interpretada como banalizante, vulgarizando-se o uso de um instrumento que deveria ser adotado, conforme muitos pesquisadores, em consonância com a parcimônia ligada ao estabelecimento coerente de critérios. É inviável, portanto, a indicação, no rodapé, de cada escolha, cada artigo, cada pronome, verbo ou adjetivo.

Por outro lado, com essa lógica mais econômica, o prejuízo para o conhecimento do processo tradutório é mais intenso, tendo em vista a peculiaridade da tradução em relevo. O simples fato de o texto de partida ter sido feito em latim medieval, já gera a necessidade de uma veemente reflexão quanto às preferências eletivas veiculadas. Afora isso, a estrutura lipogramática impulsiona o tradutor a constantemente pensar em novas possibilidades expressivas.

A fim de contornar esses problemas, decidiu-se trazer à balha o incomum acréscimo de um escorço do processo tradutório, que representa uma espécie de esboço da tradução, trazendo dados de uma etapa anterior àquela final ofertada, também com alguns comentários em notas. Aqui, são evidenciadas algumas alternativas que seriam de raciocínio mais imediato, mas que foram objeto de rejeição por comprometerem a estrutura lipogramática. Essas opções surgem isoladas por colchetes e grifadas em cinza, com as letras obstaculizadoras negritadas, sendo seguidas pela proposta final tomada.

É óbvio que o leitor menos interessado no entrave constritor poderá ignorar esta última parte do trabalho, mas essa atitude não é recomendada para aqueles que almejam se aventurar na campanha tradutória empreendida, os quais veriam furtada a chance de aprender um pouco mais sobre a complexidade da qual se reveste uma tradução lipogramática.

PRÓLOGO

Foi, certamente, oportuno, ó mais excelente dos homens, neste nosso curso perene de tempo pelo qual recentemente somos governados, pensar ao invés de ficar em silêncio, e não se dedicar à eloquência, principalmente quando nada além do ganho de dinheiro move as ações, e a perene ambição de auferir lucro seja quotidianamente supurada pelas mentes humanas⁵³. Para quem tem sentimentos de cobiça, com efeito, não é mais elegante a linguagem de quem diz, entretanto é mais doce a de quem oferece. Entre estes, o lamento dos lamentosos não é observado, o gemido dos miseráveis não recebe compaixão, mas o cálculo que dura toda a noite é computado, com o propósito de que cada tostão seja devidamente recolhido⁵⁴.

Com efeito, para uma mente cobiçosa também a voz se torna baixa. E crê, confesso, com Deus por testemunha, que eu quis recusar neste opúsculo a tua prescrição, se não tivesse imposto a meu engenho isto: não ser, de modo nenhum, imaginado desobediente a teu império. Seja a partir de tal momento, portanto, contente a este ônus, que colhemos por ti nos floridos jardins das Piérides, e que tu, assim como Euristeu, impuseste, me impondo um suor hercúleo⁵⁵.

Também assim, ó leitor, pedimos que tu te incumbas atento a nosso opúsculo, a fim de que, se – o que não acredito mesmo – o trabalho imposto não tiver sido, a teu juízo, desagradável para ler, eu terei produzido, felizmente, uma obra poética. Se, ao contrário, o discurso se entenebrece grosseiramente pela obscura névoa da inabilidade, é necessário que sejam migradas na cinza do

⁵³ Note-se que o Mitógrafo adotou a forma passiva ‘*suppuretur*’, que poderia ser traduzida com o sentido de ‘expelir’, ‘exteriorizar’ ou ‘deixar aflorar’ (algo ruim). Este tradutor considerou, todavia, mais interessante o emprego de ‘supurar’, pois – ao mesmo tempo que mantém um registro filológico – esse vocábulo contribui retoricamente, enfatizando a podridão da mente humana, já que faz referência à excreção de pus.

⁵⁴ A noção obrigacional, na versão latina, não deriva do uso de um advérbio de modo, mas sim do gerundivo ‘*colligendae*’, que está concordando com ‘*pecuniae*’ (a pecúnia que deve ser recolhida).

⁵⁵ A fim de valorizar a marca oral do escrito fulgenciano, enfatizando, noutra via, elementos que sugerem o estado de concorrência linguística hodierno, optou-se pela tendência geral de utilização de próclise após pausas e em início de períodos, largamente difundida no português brasileiro, em detrimento do uso de ênclise e mesóclise.

silêncio muitas lamparinas de largas vigílias e noites prolongadas até o crepúsculo, desprovidas de um êxito honrável⁵⁶. Portanto, meu senhor – por causa, aqui, de nosso libelo, o qual eu pareço iniciar, ou pelo qual pareço suportar forçosamente uma obra duríssima, neste encargo marcado por extraordinária grandiosidade, onde a elevada altura do engenho, teve, preferivelmente, que se exercitar de modo exaustivo – conveio, como tu vês claramente, não ser escravo de um arranjo ordenado das letras do alfabeto, de modo que a disposição desta obra prodigiosa não tivesse abandonado a elegante eloquência⁵⁷. Desde que a mente, de fato, se dedique às letras que devem ser evitadas, ela produziria uma obra menos louvável. Sem dúvidas, é suor de um espírito agitado, em que não será lícito pôr cada elemento elegante que tenhas encontrado, enquanto as letras que são evitadas tenham constrangido. Com efeito, imagina, de teu engenho intelectual, se porventura tu serás sufocado pelos ardores da inspiração, quando entre aquilo que procuras encontrarás o que não queres⁵⁸.

Portanto, uma vez sendo escravo, por uma imposição, ao encargo prescrito, começo melhor me expressando menos elegantemente, e não me separando, de nenhum modo, da ordem das coisas tomadas antecipadamente. Portanto, te suplico, Senhor, não julgues que eu tenha me exprimido rudemente, ainda que a fala não seja proferida sublimemente. Existe, em realidade, em nós, um enorme e copioso rio de eloquência, que extraordinariamente coloriria nossa obra, se não obstasse a restrição da empreitada proposta. Com efeito, tu disseste ter lido vinte e quatro volumes de livros do poeta Xenofonte, em livros individualizados, fragmentados por letras individualizadas, obra, sem dúvidas, extraordinária, que nós todos que participamos daquela ocasião celebramos. Mas ali, casualmente, não havia uma ordem dos nomes que devesse ser subtraída com suas letras. Ademais, entre os gregos, é lícito efetuar substituições nas letras,

⁵⁶ Um bom exemplo do caráter sintético do latim é o adjetivo *'peruigiles'*, em que apenas o prefixo *'per'* já confere um sentido de totalidade e abrangência. Assim, esse vocábulo significa 'que dura toda noite' ou 'que está acordado ou em vigília por toda a noite'. Nesse caso, a tradução por "largas vigílias" garante uma maior fluidez textual e também aproxima a tradução do texto de partida por uma estratégia filológica, conferindo ares estrangeirizadores.

⁵⁷ Perceba, leitor, que – em valorização ao prisma oral do texto – elegeram-se um registro mais coloquial para a tradução do termo "*ubi ingenii potius exerceri debuit celsitudo*" (em que excelsa estatura do engenho deveu melhor exercitar-se), empregando-se 'onde' para *'ubi'* e 'teve que se exercitar' para *'exerceri debuit'*.

⁵⁸ A escolha do termo 'constrangido' ao invés de outros vocábulos mais comuns como 'imposto' ou 'forçado' decorre da busca por ressaltar o caráter restritivo da literatura lipogramática. Quanto ao termo *'Conice'* ('imagina'), impende destacar que se trata de uma palavra latina também adotada no âmbito jurídico com o sentido de "tratar uma causa".

quando quem quer que seja se vê constrangido pelas tenazes da imposição, como ‘e’ por ‘i’ e ‘o’ por ‘u’, o que, entre os líbicos, se verifica proibido⁵⁹.

O que, então, eu suportei com o nome do primeiro homem e de sua mulher ou de seus dois filhos, ou com qual suor me mantive compelido até a morte, de forma que não fosse, absolutamente, lícita a menção daqueles por seus nomes, os quais a ordem da escritura exigiria que fossem mencionados! Mas me será dito: não seria uma obra extraordinária, se a dificuldade deste efeito, que deve ser perseguido, não intervisse.

Portanto, deixados de lado os princípios do libelo, desses nossos feitos, se dê a continuação que deve ser conduzida⁶⁰. Por conseguinte, entre os Hebreus, o alfabeto dispõe de vinte e dois elementos. A profusão de nossa língua, mas que é também aquela de Roma, é enriquecida, similantemente, por um único a mais, mas se, em verdade, tu acrescentasses o sinal sucessivo da terceira letra, necessariamente teria sido indicado toda a potência da língua grega. Portanto, visto que nestas obras precedeu o engenho grego, é oportuno seguir, sucessivamente, a ordem média da nossa língua, em que não há duas vezes doze ou duas vezes onze, mas subtraído um elemento aos gregos e adicionado um aos hebreus, se indica a ordem única em registro líbico. Portanto, a estes vinte e três caracteres de letras, nos quais se obtém curso universal da fala, é necessário que comparemos, diferenciados os tempos, as ordens do próprio mundo e do homem.

Com efeito, nisso, se encontra, em nosso livro, uma disposição coerente de todas as coisas, e não só o homem se desenvolve, como também o mundo que vive e a série das letras que se segue, de modo que quando tiveres examinado as seções unitárias do conteúdo da obra,

⁵⁹ Saliente-se, aqui, a existência de um paralelismo entre os termos ‘*melius*’ (‘melhor’) e ‘*minus*’ (‘menos’), que articula uma *captatio benevolentia* vinculada à necessidade de concessões para a feitura do lipograma. Além disso, é notável a existência de um paralelismo anafórico marcado pela repetição do termo ‘*singulis*’. Na tradução, também se realizou o recurso retórico, embora com distinção morfológica de gênero, com o uso de ‘individualizados’ e ‘individualizadas’. Observe-se, ainda, que a palavra ‘*licet*’ costuma ser traduzida por formais mais difusas no meio popular, como “é possível” ou “é permitido”. A escolha da expressão “é lícito”, por sua vez, justifica-se em decorrência da valorização do texto de partida em um viés estrangeirizador de cunho latinizante e também por acentuar uma marca linguística que, atualmente, é comuníssima no meio jurídico, de tal sorte que essa tradução contribui com a percepção de que o Mitógrafo teria conheceria elementos desse campo do saber.

⁶⁰ Note-se que se preservou a marca tradutória consagrada do gerundivo, com o termo “deve ser conduzida”, a fim de destacar justamente esse elemento que é constante na obra de Fulgêncio e lhe confere ares muito estruturais e sistemáticos. De fato, em sua exposição, o lipogramista parece um advogado, tentando defender sua tese de forma bem ordenada, ou um professor, conduzindo seu leitor-aluno em um passo a passo bem arranjado.

dispostas na ordem dos acontecimentos, encontrarás não só os costumes dos homens plenamente listados, mas também os desenrolamentos elucidados do mundo, e as sequências, quanto às letras, são, similarmente, congruentes entre si, e, o que admirarás mais excelentemente do que todos estes, nos livros individuais, foram abolidas, religiosamente, as letras individuais, no primeiro a primeira, no segundo a segunda, e assim até que o último livro, fragmentando a si, tenha perdido o último elemento.

Com efeito, nosso estilo de narrar se limita, domesticado pelas tenazes desta proibição, a que, todavia, deve ser habilmente lapidado para que, com isso, não sejamos acusados pelo juízo dos leitores de ter, agora, em qualquer sentido, incorrido naquilo de que propusemos fugir⁶¹.

Portanto, se segundo a ordem alfabética e o modo de falar dos gregos, em que a partir do primeiro elemento até o último, w (ômega), se acrescenta 800 à soma, tu terás querido conferir as lições iniciais da nossa escola e terás considerado que o cômputo, para as letras romanas e líbicas do oriente, deve ser conjugado, de nenhum modo as sequências poderão equivaler-se. Com efeito, o ‘k’ e o ‘h’ não correspondem ao grego. Também o uso do sinal aditivo ‘cuf’, que o grego interpôs aos números, o alfabeto dos Rômulos não encontra.

Então, em nossas letras os caracteres se contrapõem, se segundo aqueles tu contares até o último elemento ‘z’, 500, com que indicarão o período de doze vezes cinquenta de existência do mundo. Mas se, em realidade, contares doze vezes doze, será necessariamente indicado o curso da vida do homem.

Igualmente, quando tiveres multiplicado por vinte e três, tu encontrarás o número de nove meses e seis dias, que indica o tempo estabelecido para o nascimento do homem, de modo que de onde se assuma o primórdio da gênese, daí também se assinaria o curso da morte⁶².

⁶¹ O uso do termo ‘domesticado’ – além de trazer um registro filológico aproximativo do vocábulo de partida (*domitus*) – é oportuno por sugerir a domesticação tradutória, visto que, por óbvio, a cultura de chegada impactou nas escolhas deste tradutor, que realizou uma série de domesticações. Para a tradução do gerundivo *seruiendum* (que deve ser servido/cuidado/zelado/curado), elegeu-se a estrutura “que deve ser lapidado”, justamente por sublinhar a ideia de esforço contínuo ligado à constante lima poética que opera nesse fazer artístico do Mitógrafo, em consonância com a *ars* horaciana.

⁶² Para tradução de *generis* (‘gênero’, ‘origem’, ‘estirpe’, ‘família’, ‘descendência’, ‘linhagem’, ‘povo’), escolheu-se a forma ‘gênese’, por incrementar o arcabouço lexical de matriz litúrgica. É perceptível, ainda, um jogo antitético entre *generis primordium* (primórdio da gênese) e *mortis*

Portanto, como os costumes e os acontecimentos cometidos pelo homem estão inscritos em vinte e três lustros, e toda a ordem discursiva se obtém a partir de vinte e três elementos, assim também, no mundo, há um movimento de vinte e três períodos de tempo que devem ser dispostos, de modo que, como foi dito, sejam observadas, nos livros individuais, não só as letras específicas, mas também os costumes e as vidas dos homens, e se demonstrem, com lucidez, os feitos do próprio mundo.

AUSENTE A

Logo, o primeiro tempo do mundo deve ser referido desde o primeiro homem, infelicíssimo desdenhoso do preceito divino, e [sua mulher, sedutora] desde seu cônjuge, envolvente de um simples ser. Nisso, por um [lado] viés, [a desonesta serpente] o desonesto bicho ofídico se [apresenta] expõe embusteiro dos dois, por outro, [a mulher] o ente feminil é reconhecido como primórdio de morte por seus míseros sucessores. Que serviu [para a serpente] pro bicho ofídico [o fato de que não pereceu] ter de nenhum modo perecido sozinho, ou pro homem [o fato de que comeu] ter comido o fruto proibido, ou pro ser feminil [o fato de que obteve] ter obtido o consentimento do homem, [senão que a punição] exceto que o peso do justo juízo de Deus tivesse decorrido?

É certo que [aquele] o excelentíssimo [criador de todas as coisas] construtor de todo o universo [não introduziu] de jeito nenhum introduziu [uma armadilha para ratos/ratoeira] um engodo no fruto proibido, [mas] porém com o intuito de que o homem vivesse [deliciosamente/aprazivelmente] de modo deleitoso, [dissuadiu/advertiu/avisou] o informou sobre [a árvore] o lenho do discernimento. Observe, pois, que o embuste [da serpente] do bicho ofídico é inserido [sob a esperança da honra divina] sob o credo no honor/respeito divino, e o ente feminil é compelido [pela promessa de vida eterna], pelo prometimento de eterno viver, e o homem guloso é impelido pelo lenocínio do gosto doce, [a comer/ a alimentar-se do pomo] no sentido de comer o pomo⁶³.

ordo’ (curso da morte), demarcando-se a oposição entre o início e o fim, a vida e a morte, dentro de uma cadeia sequenciada da existência do homem e do Mundo, denotando a poética da angústia associada à certeza do esgotamento existencial humano com o conseqüente juízo final, elementos diretamente ligados à estética experimental.

⁶³ Apesar de o termo latino ‘*honor*’ guardar correspondência com o vocábulo ‘honor’ em português, sua tradução se faz, em geral, pela palavra honra, atualmente mais difundida na comunidade lusófona. Ocorre que a empreitada lipogramática proíbe o uso deste vocábulo, momento em que

Por conseguinte, [aquele] o ocioso [enteado da letícia] fruto do regozijo, que, [outrora] em tempos remotos, tornou-se conhecido por ser, entre os genitores, o [lenão/cafetão/rufião/proxeneta] gigolô dos pomos, [aprendeu a ser] instruiu-se como o próprio gigolô [da inveja/inveja] do ciúme, que [aniquila/mata] extingue por meio de homicídio o [mais velho] precedente e [arruína o mais novo, matando-o] reduz o pósteros, destruindo-o.

Oh! Ninguém [está em uma posição segura ante o engenho da serpente] vive seguro defronte o engenho do ofídio, de modo que o próprio homem, que despontou como o princípio [da vida] do viver, fosse [aos/para os] pros pósteros [sentença] veredito de morte, e o ente feminil, [gerador] genitor dos viventes, fosse visto como extermínio por [sua prole] seus descendentes.

Que mundo! Que homens! Seu início é morte, e seu fim o juízo. [Que coisa] Em que o curso [da vida] do destino [aproveitou] foi útil [ao] pro homem, [para o qual foi decretado] visto que lhe foi imposto um tempo [que há de acabar] finito? Tudo o que [não] de modo nenhum revelou ser perene vive com que propósito? Oh homem, suplico-te, pois/por conseguinte, que chores por, (nesses termos), viver! É incerto como o vento o que te enobreces, posto que nem o dinheiro segue quem morre, nem [as honrarias] os títulos servem pros defuntos. Quem percorre o mundo nu [sai] é deposto nu do mundo. Que [a honra] o honor [seja] figure perene no tempo [ao] em prol do único Deus invisível, que repele o excelso, erige o oprimido e sempre destrói o projeto dos homens, conduzindo-o [para o nada] pro precipício⁶⁴. Porém Deus é em todo modo [verdadeiramente/deveras] indiscutivelmente justo, [verdadeiramente/deveras] indiscutivelmente pio. Com efeito, o que [cumpriria ou acometeria], em termos hipotéticos,

se elegeu, oportunamente, uma estratégia tradutória consagrada, relacionada ao uso de arcaísmos de natureza classicizante. Nesse sentido, importa destacar que o uso de termos que remetem ao latim produz um efeito singular, tendo em vista que insere um estranhamento por parte do leitor, que passa a identificar a assunção do texto de uma identidade histórica localizada noutra sincronia, no que diz respeito a um aspecto sígnico de viés semiótico, em que o termo assume uma personalidade valorativa própria para muito além de seu significado. Por fim, quanto à simplificação dos ditongos como em *'perpetue uite'*, ao invés de *'perpetuae uitae'* (vida perpétua ou eterna), quanto ao uso do paralelismo verbal entre *'compellitur'* ('é compelido') e *'inpellitur'* ('é impelido') e quanto à tradução da expressão "*in comestionem pomi*" por "no sentido de comer o pomo", aconselha-se a leitura do capítulo *Tradução Lipogramática*.

⁶⁴ No que diz respeito à tradução de *'nihilum'* (nada) por 'precipício' e ao uso da expressão compensatória 'em termos hipotéticos', aconselha-se a leitura do capítulo *Tradução Lipogramática*.

sucede ou concebe [a temeridade] o desbrijo do mundo, supondo que lhe coubesse viver [eternamente] perenemente?⁶⁵

[Mas agora] Contudo, neste momento, [sejamos perscrutados] devemos perquirir em que [para si] esse princípio do mundo [coloque em acordo] coincide com o êxito do homem [que sai do útero] em surgir do útero. [Ali/em tal lugar] Nesse posto, o gérmen novel do primeiro útero, (movido) pelo veneno do ciúme, persegue cobiçoso o inocente [irmão] filho de mesmo genitor. Contudo, [Enquanto] no momento em que esse menino é infligido por outro, mesmo que inócuo, exprime um êxito do genuíno ciúme.

O primeiro homem [aprende] entende como [proclamar/anunciar/pronunciar] emitir os diferentes sons dos nomes dos [animais] seres terrestres e dos [pássaros] que vivem no céu. O pequeno inocente [aprende a] entende como proferir docemente (certos) construtos, mesmo que simples⁶⁶.

Logo, foi [decretado] definido o primeiro tempo do mundo [até] com término/fim/termo/desfecho em Enoque, [evocado] conduzido em virtude [da potência divina] do poder divino. Contudo, isso compete [também] inclusive pros inocentes. [Em verdade]

⁶⁵ Ressalta-se, novamente, um jogo simétrico, agora formulado pelo uso dos vocábulos *ingreditur* e *egreditur*, relacionados às formas vernáculas ‘ingresso’ e ‘egresso’. Se antes o paralelismo se articulou por via de verbos passivos (*compellitur*, *inpellitur*), agora Fulgêncio emprega dois verbos depoentes, também de mesma raiz, modificados apenas por prevérbios. Em latim, tem-se *nudus qui mundum ingreditur, nudus mundo egreditur* (“quem nu ingressa ao mundo, nu sai do mundo”). Dessa maneira, impedido de traduzir *egreditur* com verbos como ‘sai’, ‘abandona’, ‘deixa’ ou ‘larga’, optou-se por desfazer a lógica depoente de significação ativa, recorrendo a uma estrutura verbal passiva (é deposto). Os verbos depoentes se situam em uma ordem semântico-nocional controversa, tendo em vista que, muitas vezes, não exprimem uma ação projetada intencionalmente pelo sujeito, como ocorre com as noções de ‘morrer’ (*mori*) e de ‘nascer’ (*nasci*). Note-se o uso do termo ‘em prol’ suplementando o texto de partida. Ante isso, deve-se expor que a opção mais normativa “ao único Deus invisível” não deve proceder por conter a letra ‘a’, instante em que a estrutura ‘em prol’ funciona tanto na ordem lipogramática, quanto na manutenção de um diálogo semântico entre os termos, já que, conforme a ótica fulgenciana, tudo deve se realizar em proveito de Deus.

⁶⁶ O termo latino ‘*uterinum*’ diz respeito aos irmãos, que compartilham o mesmo útero materno. Dessa forma, seguindo a restrição lipogramática, que impede o uso do termo irmão, e atentando para a reconstituição de uma imagem metafórica, consubstanciada no texto de partida, escolheu-se a expressão circunloquial ‘filho de mesmo genitor’. Há, em Fulgêncio, emprego constante da noção de útero e de imagens que remetem a um processo de constituição e de surgimento partindo de elementos embrionários, em alusão ao impulso criador de Deus.

Decerto, Deus [nada ama acima] reconhece com zelo sobretudo o puríssimo senso dos inocentes⁶⁷.

AUSENTE B

[Agora, visto que na primeira obra] No primeiro livro, no qual, certamente, [obrigados] forçados pelo estrito grilhão da norma, não só renunciámos à plena faculdade de falar, [mas também] como inclusive, atingidos por um fórceps tenaz, perdemos os efeitos sonoros das sentenças e dos construtos retóricos, em que nem me foi lícito, por algum tempo, nomear Adão, nem foi permitido aludir sua esposa e os díspares irmãos, um afligido pelo crime de fratricídio, por causa do veneno da inveja, o outro primicério, mártir dos inocentes⁶⁸.

Por isso, investiga-se, agora, a segunda idade do mundo, a qual tem início com a feliz transferência de Enoque, [recebido] acolhido como [habitante] residente do paraíso, em que a morte, ainda que tenha possuído todos os frutos do mundo com ávida voracidade, distanciou-se defraudada, mas por uma só vez.

É necessário que prossigamos até as rugientes ondas do gigantesco dilúvio e as gotas advindas do céu, vingadoras dos delitos. Em tal circunstância, encarcerado na feliz prisão da arca salvadora e levado como herdeiro das eras pretéritas, Noé, que [também] ainda foi feito condutor do tempo futuro, é lançado, em segurança, por um naufrágio propício. Este, sem

⁶⁷ Fulgêncio emprega a variante lipogramática *evocitum* para o termo *evocatum*. Note-se, ainda, que o regramento lipogramático exigiu uma maior elaboração tradutória do trecho *nihil enim Deus super innocentum purissimum diligit sensum* (com efeito, Deus nada ama acima do puríssimo senso dos inocentes). É válido ressaltar, igualmente, a preocupação em denunciar determinados fenômenos filológicos, tendo em vista que, se por um lado, o presente empreendimento tradutório apresenta arcaísmos de efeito latinizante, por outro, o termo ‘zelo’ foi adotado para sinalizar o distanciamento semântico em relação ao ‘*zelum*’ latino (ciúme, inveja), muito empregado por Fulgêncio.

⁶⁸ Na tradução da forma latina ‘*primicerium*’, optou-se pelo registro de prisma filológico com o vocábulo ‘primicério’, usado para designar o primeiro em qualquer função ou dignidade. Essa escolha também se demonstrou interessante por ter um caráter mais específico do que palavras como ‘primeiro’, ‘primevo’, ‘originário’ ou ‘antecedente’. Ademais, é importante observar como Fulgêncio continua utilizando figuras de linguagem e circunlóquios mesmo quando não está diante de um obstáculo lipogramático. Por óbvio, a existência de restrições eleva a necessidade de subterfúgios retóricos, mas essa linguagem indireta é uma marca fulgenciana, presente, inclusive, em suas outras obras. Esse aspecto estilístico salta aos olhos nesta passagem, pois Fulgêncio – afirmando não ter podido, no livro inicial (Ausente ‘A’), referir-se a Adão, sua esposa e seus filhos – continua sem adotar os nomes ‘*Eva*’ e ‘*Cain*’, ainda que agora a constrição seja apenas quanto ao uso da letra ‘b’.

dúvida, mereceu, de modo santo, não só ter que fugir do mundo morrente, como reinar no que estava nascendo⁶⁹.

Quão melhor teria sido, meu Deus, construir pela segunda vez o novo mundo e terminar em Noé, ainda que justo, com qualquer sorte de morte. Principalmente porque nunca a fadiga está presente em Deus e em sua [obra] criação, nem Deus se cansa de perfazer algo, mas, com sua imposição, manda que seja feito, contanto que o viveiro do pecado de Adão não tivesse escapado das águas até uma outra era, e a infância do novo mundo não fosse maculada por causa do tempo pretérito. Mas tu serás testemunha consciente de tuas ordenações, para quem é permitido não só fazer todas as coisas justas, como [também] inclusive ordenar raros juízos. Sendo assim, declaremos o que a idade do mundo teria produzido neste tempo.

Então, pela primeira vez, a angélica indolência, [banida] exilada do céu, incendeia-se, [abrasada] inflamada pelo calor da luxúria, e, contra as leis da natureza, conjuga-se em [abraço] amplexo ao ser humano. Do incomum coito resulta a prole cicatrizada e contra as leis da natureza a mole/a massa gigantesca é inteiramente estendida em uma enorme estatura. Herda da semente materna forma semelhante à humana, assume do coito paterno a surpreendente força da grande altura. Em seguida, entre os pecados excrescentes dos homens e dos anjos, Noé, o único considerado pessoalmente justo por Deus, é eleito pai da arca, e é salvo pela mãe arca, torna-se residente de sua [obra] construção/empreitada e se torna colega das serpentes, hóspede dos seres alados, companheiro de animais domésticos e [também] inclusive das feras. Viu os

⁶⁹ Perceba-se que se buscou manter, na tradução, o efeito aliterante imitativo do som das ondas do mar. É interessante notar que se no primeiro livro o som sibilante mimetizava o silvo da serpente, agora esse recurso retórico já é empregado pelo lipogramista em alusão às vagas oceânicas devastadoras. Em latim, Fulgêncio utiliza “*usque in gigantei cataclysmi rugientes undas et ultrices scelerum expromtatas caelitus guttas perducamus necesse est*”, traduzido como “é necessário que prossigamos até as rugientes ondas do gigantesco dilúvio e as gotas advindas do céu, vingadoras dos delitos”. Note-se, assim, que na tradução de ‘*cataclysmi*’, utilizou-se ‘dilúvio’, ao invés de ‘cataclismo’. Embora essa troca represente um prejuízo à aliteração, ela se justifica pelo fato de o vocábulo dilúvio ser, hoje, extremamente representativo da história de Noé, o que não pode ser dito de ‘cataclismo’, que já se encontra em relativo desuso. Por isso – atentando para a cultura de chegada e buscando ressaltar um termo que se demonstra central, quanto ao núcleo semântico da narrativa – este tradutor cedeu parcela da plasticidade sonora, atingindo exatamente a palavra chave da figura de linguagem. Contornou-se essa situação através do intenso uso de sons sibilantes, inclusive no termo ‘gigantesco’, opção intencionalmente tomada para a tradução da palavra ‘*gigantei*’, que nem apresenta o registro aliterante.

filhos jogando com cerastas e dragões, e não temeu os netos sentando, efusivamente, com elefantes⁷⁰.

A arca seminal, que está para conduzir avante os restos da nação passada para a era vindoura, escapa navegando do mundo futuro, e as ondas mortíferas – que com a ruína do mundo, em um primeiro momento, destruiriam não só a semente, como [também] inclusive o futuro –, estrondam por todos os arredores a [incumbência] o encargo salvador. Entretanto, a tranquilidade dos justos, até mesmo na era morrente, não consegue temer qualquer movimento agitado⁷¹.

Agora, portanto, assim como expusemos a situação associada à primeira idade do mundo, quando, a partir de Caim, acolhe em si o veneno da inveja, e quando, a partir de seu irmão, suplica auxílio de leite – que, de fato, aquele oferece em sacrifício e o outro [bebe] toma – exponhamos, portanto, o que aspiraria uma circunstância semelhante na segunda idade.

Como, decerto, nas crianças, a maturidade se erige insípida, assim se ergue a imprudente índole dos gigantes. Como, a estes, a catástrofe inflamada do dilúvio paga os pecados, assim, às crianças, a imersão na fonte lava o malfeito. Lá a água se torna punição da transgressão angélica,

⁷⁰ *Elegitur* foi traduzido por ‘é eleito’, pois essa estrutura consegue, em um só tempo, sinalizar um registro do texto de partida e pôr em evidência um vocabulário de matriz religiosa, visto que é relativamente comum expressões como “eleitos por Deus”. Nesse sentido, merece destaque que esta tradução também buscou atentar para o emprego de linguagem litúrgica, componente estético relevante por dialogar diretamente com o conteúdo da obra. A palavra ‘Cerasta’ (gênero *Cerastes*) diz respeito a cobras peçonhentas encontradas em desertos norte-africanos e na península arábica. A referência a esse animal é, desse modo, sugestiva do local de produção da obra, configurando, portanto, uma pista de natureza geográfica para o conhecimento de seu autor. Afora isso, sublinhe-se que a alusão a uma criatura local também demonstra uma afetação do texto pela cultura de entorno. Note-se, por fim, o paralelismo aliterante entre os participios presentes ‘*ludentes*’ e ‘*adsidentes*’ que foi traduzido pelo contraste entre os gerúndios ‘*jogando*’ e ‘*sentando*’. Ademais, é importante recordar que, no latim, os participios possuem uma carga notadamente verbal, razão pela qual é comum que sua tradução seja feita pelo gerúndio.

⁷¹ Fulgêncio adota o termo ‘*seminalis*’. Nesse sentido, a tradução ‘seminal’ reforça um arranjo lexical sofisticado, em que são utilizados continuamente termos que remetem a noção de origem, de gênese e de criação. Ademais, o lipogramista emprega novamente o recurso da aliteração, agora para simular as ondas. Dessa maneira, fica evidente seu esmero estético, almejando estruturar uma série de imagens, com o transporte do leitor para o cenário narrado. Assim, ao mesmo tempo que o truncamento linguístico parece gerar um afastamento (não é fácil ler Fulgêncio), o uso intenso de recursos plásticos traz uma aproximação, o que pode também sugerir uma certa preocupação didática. Por um lado, o rebuscamento reforça a mística religiosa de seu texto, mas, por outro, o descritivismo ajuda o leitor a se inserir na história, sentindo melhor o escrito. Aprenda-se o jogo antitético estabelecido entre os termos ‘*securitas*’ (tranquilidade) e ‘*sollicitum*’ (agitação), o que corrobora o estado de angústia existencial da visão cristã medieval, contribuindo com a arquitetura poética da obra.

aqui a água se torna refutação do pecado original. Lá o anjo transgressor anseia o pecado, aqui o fruto da humana concupiscência é diluído/lavado. Lá a natureza do mundo pecador que deveria ser transplantada, em um só gérmen, em outra era, escapa nadando na água purgadora. Aqui pela redenção do único Cristo pugnador, o homem renasce restaurado a partir dos fontanos sacramentos da Igreja. Lá salta do mundo na arca para que fuja do dilúvio, aqui se refugia do mundo na arca da Igreja para que, catequizado, fuja do Inimigo. Aquele prende feras e serpentes inofensivas na arca, este, com a recordação da arca eclesiástica, aterrorizou as gargantas rugientes dos leões e as cristas dos dragões, surgentes com elevada turgescência. Aquele aprende a lei: não coma carne com sangue. Este assume a lei: que se sacie através da carne e do sangue de Cristo. A onda estronda ao redor daquele, pelo que o sufocaria afogado. A água santifica este, pelo que o renderia purificado. Atente, pois, que todas as coisas não só são consonantes como a água, mas [também] inclusive são aproximadamente iguais por uma estreita ligação.

Ali dois seres alados são enviados do flanco da arca para realizar o dever de [embaixada] legação, dos quais um regressa testificante com um raminho de oliveira e, o ao poder do mandante, alegra-se anunciando a paz das águas. O outro, atrasado, a alimentar-se das carnes de carniças, seduzido por um iníquo desejo, assim como negro pelo corpo, (ainda) mais negro pela mente, não retorna. Não diferentemente, [também] inclusive no homem, mundo menor, [descobrirás] constatarás ainda que o católico, enxertado pelo ramo da crisma, desde o [zambujeiro] oleastro à frutífera raiz, conserva sempre a Igreja, quotidiana e fielmente a retornar. O herege, todavia, capturado pelas viciosas imprecações da infidelidade, não só não [lembra] se recorda do retorno à mãe Igreja, como [também] inclusive desdenha os (atos) advertidos por outrem. Sortudo ele! Em muitos modos sortudo, se a [bebedeira] carraspana desmedida de suas plantações não tivesse sido considerada escândalo para o Patriarca. Aprendeu, [bêbado/ébrio/embriagado] alcoolizado, a não ter mais respeito religioso, o qual, mais seguro no meio das ondas rugientes, foi praticado pela Ajudante⁷².

O que fazemos, humana fragilidade! O santíssimo patriarca [combate] luta com o mar revolto, com o céu ameaçador, com a imensidão marinha rugiente, com o dilúvio espumante, e,

⁷² A opção pela forma ‘enxertado’ ressalta a apropriação do léxico ligado à agricultura, tendo em vista o uso pelo lipogramista do vocábulo ‘*insertus*’, ligado à noção de cultivo. O vocábulo ‘oleastro’ assume dupla função tradutória. Em primeiro lugar, garante a estrutura lipogramática, visto que o termo atualmente mais comum para designá-lo é ‘zambujeiro’, que contém a letra ‘b’. Além disso, tal arcaísmo também colabora com o prisma filológico-classicizante.

(mesmo) vencedor de todos os elementos, deita-se de modo indecente, mediocrementemente derrotado pelo vinho. Constrói, [sabiamente] sapientemente, uma arca tricameral, para que a onda destruidora não [descubra] encontre uma fenda, e, contudo, mostra jazendo aos filhos, encharcado e alcoolizado, as partes íntimas, indecentemente.

Portanto, que seja suficiente ter descrito até aqui os arranjos da segunda idade do mundo, no que a matéria pôde requerer⁷³.

AUSENTE C

A ordem da obra empreendida exige que seja [descrita] narrada a [terceira] idade do mundo de número três, e, semelhantemente, o estado do homem [a partir do terceiro lustro] a partir do lustro posterior ao segundo, [com] através também da [conservada] mantida supressão da [terceira] letra subsequente, de modo que a [subtração/remoção/eliminação/abolição] retirada a seu livro não arruíne a ordem da obra empreendida⁷⁴.

Este livro, [certamente] indubitavelmente, vai assumir [seu início] sua origem a partir da [fundação] gênese da Babilônia, quanto aos tempos do rei Nino e da rainha Semíramis, e da torre destinada, desde [a fundação/alicerce] sua base, ao famoso giro de palavras e disposta uniformemente na unidade de todo o povo e na [conjugação] fusão da língua⁷⁵.

A torre, [com] a partir do ladrilho, da poeira de Pozzuoli e do betume, surge mais proeminente, mais próxima à sublimidade dos astros e quase atingindo a própria órbita lunar, [com] através de suas extremidades. Ante isso, em realidade, a dispersa variabilidade das línguas, em [conjunto/conexão/associação/relação] ligame, suprime ao meio a atividade da obra

⁷³ Mais uma vez, o narrador ficcionalizado assume a figura de um professor ou advogado, abordando sua narrativa segmentada em “matérias”.

⁷⁴ Percebe-se, no texto de partida latino, um paralelismo com aliteração em ‘t’ estruturada a partir dos termos ‘*tertia mundi aetas*’ (‘terceira idade do mundo’), ‘*trilustrio*’ (‘terceiro lustro’) e ‘*tertia litterae*’ (‘terceira letra’). Ocorre que, em razão da restrição em ‘c’, não foi possível registrar essas escolhas tradutórias, instante em que se optou por subterfúgios circunloquiais, como “idade de número três” ao invés de “terceira idade” e “lustro posterior ao segundo”, ao invés de “terceiro lustro”. Para o último caso, a saída foi ainda mais particular, estando vinculada a uma leitura dos livros em conjunto, ressaltando o caráter consecutivo do lipograma. Assim, utiliza-se “letra subsequente”, ao invés de “terceira letra”

⁷⁵ Em ‘vai assumir’, buscou-se adotar o futuro perifrástico ao invés do simples, a fim de evidenciar o atual estado de concorrência linguística, ressaltando, igualmente, uma marca de coloquialidade. O uso do termo ‘gênese’ é oportuno por reforçar o arcabouço linguístico de prisma litúrgico.

empreendida, na medida em que quando [aquele que constrói] o obreiro indagasse o que desejasse, aquele que estivera em baixo, teria lhe dado algo diverso, e quando uma só fosse a [escolha] vontade dos obreiros, [a intenção] o propósito dos operários resultaria diferente.

Ó imenso e inestimável [sentença] juízo divino! Ó [sapiências] sabedorias de profundas fontes divinas! Uma só voz, um só ânimo, também uma só obra que os mortais tinham assumido, e, todavia, nisso, quanto mais a humanidade deleitava-se em ter [encontrado] obtido uma pluralidade (de formas) para terminar o que tinha [começado/iniciado] instaurado/inaugurado, mais a sabedoria da Divinidade – que zombava dos vãos ímpetos dos homens – dissolvia-o. Surge, portanto, um grande [divórcio/separação/incompatibilidade/divergência/oposição] antagonismo, [entre os cinco sentidos] no quinteto dos sentidos, de modo que um indivíduo tivesse sentido a voz, e o outro, a orelha. A língua apresentou-se oposta à sua vontade, e a orelha [considerava outra coisa, como estranho] reputava estranho o que a fala havia fomentado⁷⁶. E, ao mesmo tempo, nessa mesma unidade dos órgãos, a divisão é produzida. A língua pede o que a orelha não entende de nenhuma forma. A orelha dá o que a língua de nenhum modo pediu. E – enquanto, entre si, ambos os sentidos lutam – a obra é abandonada [incompleta] pela metade.

Até então, ao mesmo tempo, os muros despontam para a Babilônia [com] junto a uma notabilidade infamante, e se fala que a arrogante Semíramis os teria [construído] feito por vanglória. Em realidade, após o óbito de seu marido Nino, ela, empenhando-se, levou as bases daquela antiga obra a um estado melhor, mas, sem dúvidas, ela é que estaria melhor, se representasse os ditames [dos bons costumes] das boas maneiras ao invés de ter prolongado o desejo de [avanço] expansão dos muros.

Em verdade, ela era mortífera a seus amantes e adúltera dos moribundos, o topo da volúpia⁷⁷. Também a seu filho era ardente de luxúria e, sepultada a honra de mãe, tornou-se nora de si mesma. Mas não há nada de extraordinário, dado que [conjugaria como] agregaria a si por marido, quem ela tinha gerado por adultério e por tal pai tinha parido um filho, logo que,

⁷⁶ A tradução de ‘reputabat’ por ‘reputava’ exerce tripla função, na medida em que configura arcaísmo de cunho latinizante, permite a incolumidade da estrutura lipogramática (considerava) e também contribui com a assunção poética, por parte do narrador, de alguém que detém conhecimentos jurídicos, visto ser comum nesse campo seu emprego.

⁷⁷ Note-se a repetição do operador argumentativo ‘enim’. Ademais, deve-se recordar que, no primeiro livro, traduziu-se, em geral, com o vocábulo ‘decerto’, o que foi modificado por ‘em verdade’ por razões lipogramáticas.

também deste – o qual ela tinha parido gemendo, dando à luz por uma fenda da vulva – abrasada pelos ardores da volúpia, engolia o sêmen dos órgãos genitais pela garganta.

Também Nino, não diferente quanto às iniquidades da esposa e digno de matrimônios [com] junto a uma mulher lesiva, pela primeira vez, invadindo os limites dos povos vizinhos, [estabeleceu] firmou a premissa da atividade de reinar. Pela primeira vez, invadindo as fronteiras dos [citas] antigos pastores nômades iranianos, que viviam em uma quietude tranquila e serena, abrasou o ferro em sangue estrangeiro. Ele agitou as atividades humanas que estavam em pura mansidão [com] através do [massacre/genocídio/matança] extermínio promovido nas guerras por adversários assassinos⁷⁸.

Investiguemos, então, de que modo a qualidade desses tempos se assemelha à natureza humana. A título de exemplo, no mundo, a imensidão da torre se ergue no ar. Dessa mesma maneira, a jovial idade se subleva ao homem, por meio da soberba. Àqueles, a surpreendente obra é destruída pela divisão das línguas. Àquela, através do ensino das letras, [a estultícia] a estupidez termina. Àqueles, uma nova linguagem impediu a união. A esta, a palavra/a letra/a Bíblia ilumina a mente⁷⁹.

Semíramis inflama-se pelo ardor de toda volúpia, e a juventude abrasa-se, desenfreadamente, pela [chama] fogueira da luxúria. Àqueles, a Divinidade distinguiu as línguas por meio da variedade das palavras. A estes, a sabedoria sublevou ao engenho [da prudência/sagacidade] do juízo.

No mundo, a Babilônia institui o primórdio da atividade de reinar. Ao homem, a sabedoria atribui honra para o governo. Ali Semíramis reina avessa à justiça. A este, domina a idade, sedutora da luxúria. Ela não só se inflama [com] através do amor da volúpia, mas também se

⁷⁸ Em latim, a forma adotada foi “*pestilentis feminae*” (‘mulher pestilenta’). Ocorre que o termo ‘pestilenta’, na língua portuguesa, está muito carregado do sentido de ‘fedorenta’, opção que conferiria até um tom burlesco à tradução. Tendo isso em vista, optou-se pela palavra ‘lesiva’, a qual é de natureza jurídica. É curioso perceber que o vocábulo latino ‘*exordium*’ é típico da retórica. Em atenção a esse elemento – que denota a apropriação do autor de conhecimentos de mais um campo do saber – foi escolhida a palavra ‘premissa’, comum nos estudos de retórica hodiernos. Assim, mesmo em face de sincronias distintas, buscou-se uma aproximação dos termos pelo âmbito epistêmico que ocupam. Fulgêncio adota o termo ‘*Squitarum*’, que se refere ao povo iraniano cita, o qual não pode ser expressamente referenciado por nítida razão lipogramática.

⁷⁹ ‘*Littera*’ possui uma conotação religiosa, também sendo usada no sentido de Bíblia ou escrituras sagradas.

suja pelo derramamento de sangue. Ademais, em verdade, a idade ou ferve amando, ou se abraça inflada no litígio⁸⁰. Aquela invade ávida o reino estrangeiro, este [procura] vai atrás do [abraço] amplexo de uma outra esposa ou filha. Ali se estende o âmbito dos muros, [coisas admiráveis] admiráveis em dimensão. A este, o estado de juventude também se assegura [como] robusto pela virtude. O que, então, por exemplo, [encontrarás] julgarás ao menos equiparável em semelhanças a tal natureza? Semíramis se torna senhora dos delitos, e esta idade se torna serva da ruína.

O homem é, portanto, um mundo menor, de onde não só se mostra filho, mas também se nota semelhante, e não repararias, entre ambos, nada [forte de distância] muito distante. [Remanesce] Resta, então, que se mostre a quarta idade do mundo e do homem, a qual deve ser [traçada] delineada, e que, ademais, abrangeria o tempo de Abraão e suas similitudes.

AUSENTE D

Abraão foi, então, o primeiro gérmen [da justiça] atinente à justiça, e, nele, [distinguiu-se] sobressaiu o inefável testemunho [da Majestade] relativo ao Ser majestoso. Assim, cumpriu/realizou [a escravidão de ordem/ordens] solicitações, como se externasse [obediência] submissão a alguém [já conhecido] que já lhe fosse familiar. Por conseguinte, é-lhe [requerido] imposto [deixar para trás/abandonar] largar para trás, repentinamente, as coisas que tinha e ir procurar, errante, as que, até então, não conhecia. Mas, principalmente, não só lhe era [desconhecido/ignorado] ignoto quem prometera, como também era incógnito quem [ordenava/mandava] chefiava⁸¹.

[É provado] É posto à prova com a instrutora [perda] remissão [de seus pertences] quanto a seus pertences, por quem não conhecia. Foi posto à prova com pena [do corpo] corporal pela eficaz circuncisão, cuja graça [desconhecia] ignorava⁸². É posto à prova [pela devolução] pelo requerimento [do filho] relativo ao filho, que, não suplicante, recebera por gratuita

⁸⁰ Sublinhe-se, mais uma vez, o uso de uma palavra comum na seara jurídica.

⁸¹ Considerando a dificuldade de usar participípios, em decorrência da restrição em ‘d’, adotou-se o pretérito mais que perfeito sintético (prometera), ao invés do analítico (tinha prometido), atualmente mais difundido no Brasil. Ademais, o termo ‘incógnito’ é um elemento latinizante que também garante a estrutura lipogramática (desconhecido, ignorado).

⁸² Remissão significa “perdão”, sendo muito usado no campo religioso, como em “remissão dos pecados”, e na área jurídica, como em “remissão da dívida”. Assim, em um só tempo, o uso desse vocábulo contribui largamente com o construto plástico-linguístico da obra, também servindo para garantir sua estrutura restritiva (perdão).

[generosidade] benevolência, e – já que nessas três tentações [é considerado] é visto como o mais fiel – é [descrito] exposto, nas escrituras, como o primeiro pai [da graça] a portar a graça⁸³.

O Onipotente lhe [deu] outorgou um filho, e Abraão o acolheu com [gratidão] gratulação⁸⁴. O Altíssimo [pede-lho de volta] o solicita em retorno, e ele, [de bom grado] contente, o oferece. Não foi ingrato no acolhimento, nem se queixou vacilante na restituição. Não renunciou o filho porque se apressou em renunciá-lo, salva-o, porque não vacilou em fazê-lo morrer, e [ainda], por fim, obteve coisas melhores, não [temendo] temente em renunciar o que tinha. Em suma, [é ordenado] recebe prescrições feitas por um [desconhecido] ignoto, [e ainda] e então se apressa, [excitado da ordem de império] impaciente pela imposição soberana, a [deixar/abandonar] largar para trás a pátria, a renunciar o patrimônio, a renegar os pais e a exilar-se [refugiado/vadio/vagabundo/nômade] prófugo.

Nesse tempo, ocorreu um outro fato [surpreendente/prodigioso/extraordinário] miraculoso. Também o narremos. Não é [verdade] certo que no curso [dessa] referente à essa [idade] era também existiu Jó, aquele atleta [de] que integrou uma sublime luta e [vencedor] vitorioso [da] quanto à força satânica, em que nem a [iniquidade] malevolência achou lugar, nem a justiça encontrou malfeito? [Decerto] Certamente com ele, não só o Príncipe [das] que governa as Trevas se ruborizou, [vencido/derrotado/suplantado] pelo fracasso, como também o Autor [da Bondade] que gera a Benevolência retribuiu com a coroa, porque assim foi oportuno, mas não a [deu] conferiu antes porque Abraão a quis⁸⁵.

⁸³ Sublinhe-se que o uso de ‘*repetitione*’, típico do léxico latino jurídico, está ligado à noção de devolução e de requerimento, algo observável em expressões modernas, como em ‘repetição do indébito’. Mesmo atentando para tal viabilidade tradutória, o presente tradutor considerou a possibilidade de esse emprego gerar uma certa dificuldade de entendimento por parte do público em geral, o que comprometeria a fluidez do escrito, razão pela qual optou pela forma ‘requerimento’, que, diferentemente de ‘devolução’, também atende à imposição lipogramática. ‘*Temptationibus*’ é termo de matriz religiosa, do que decorreu o uso tradutório de ‘tentação’, contribuindo-se com a arquitetura da obra.

⁸⁴ ‘Outorgou’ é outro termo comuníssimo no meio jurídico e que garante o lipograma (deu). O termo ‘restituição’ (devolução) é também fartamente registrado entre os operadores do Direito. Ademais, verifica-se um paralelismo especial, construído com um contraste entre palavras iguais (‘renunciar’ x ‘renunciar’) e depois com termos opostos (‘salvar’ x ‘fazer morrer’/‘torturar’/‘afligir’). Note-se, enfim, que, atualmente, a palavra ‘temente’ é muito adotada em contextos religiosos, como na expressão “temente a Deus”, uso bíblico muito difundido.

⁸⁵ O emprego, na tradução, do termo ‘miraculoso’ para ‘*miraculum*’ exerce tripla função, visto que resgata o registro latino, contribui com o conjunto lexical de cunho religioso e conserva o lipograma (‘surpreendente’, ‘prodigioso’, ‘extraordinário’). Perceba-se que, comumente, o caso genitivo é traduzido com o auxílio da preposição ‘de’, indicando-se o caráter restritivo do adjunto

Ele se Mostrou, [decerto] realmente, eleito mesmo na morte [dos] referente aos filhos⁸⁶, calmo no esquecimento [de] quanto a seus bens, [paciente tolerador na ferida] paciente em tolerar ferimentos, rico na mente, como na [perda] privação [da nobreza] referente à nobreza, forte no [flagelado/açoitado/ferido/chagado] chaguento/aflito corpo.

Recebe, então, mais coisas, visto que não chora as que esqueceu. Dessas coisas, porque pacientemente [perdidas/abandonadas/deixadas] postas para trás, não se lamentou e, mais seguro, assumiu a maior parte.

E embora suportasse o insulto [da] feito pela esposa, em incitação [do pecado] à heresia, aquela justiça, [em tudo] sempre [vencedora] vitoriosa, suplantou não só as coisas tolerantes, mas também os fermentos [do] relativos ao insulto feminino, bem como não apenas arrasou, combatente, a satânica força, como também mereceu o celeste testemunho, posto que se comportou bem.

Entretanto, a geração humana procura saber quais, entre esses, são semelhantes a si. Que também os examinemos, feito o esforço para [desembaraçar] esclarecer. Por certo, [depois] logo que a mente, sapiente com as letras, [teria/tenha munido] munuiu, com [cada/toda/qualquer] muita inteligência, o juízo para a esperança [do conhecimento futuro] relativa ao conhecimento futuro, subitamente, [desprezada a escuridão] expulsas as trevas [da insensatez originária] referentes à insensatez originária, como ali, com a habitação na própria terra, [desejará] almejará/quererá/ambicionará cogitar o exercício [dos bons atos] tocante aos bons atos, e, como ali, (tem-se) [as coisas que obedecem] o respeito [de Abraão] pertencente a Abraão, assim aqui, busca-se uma proveitosa esperança [de bondade] quanto à benevolência⁸⁷.

adnominal. Nesse sentido, verifica-se que a imposição lipogramática exigiu novas alternativas para a tradução desse caso, razão pela qual foram empregados termos como ‘relativo’ e ‘referente’. Note-se, ainda, que se buscou variar esses termos, justamente por não se buscar marcar muito o texto com a repetição de um mesmo elemento, o que poderia gerar uma perda improfícua de fluidez. Embora, geralmente, para a tradução de ‘*aetatis*’ se considere a forma ‘idade’, elegeu-se o vocábulo ‘era’ em atenção ao regramento estrutural da obra. Frise-se a adoção de uma saída verbal para o genitivo. Assim, na tradução de “*tenebrarum princeps*”, ao invés de usar “Príncipe das Trevas”, empregou-se “Príncipe que **governa** as Trevas”, incluindo um verbo e tornando o genitivo um elemento acusativo.

⁸⁶ ‘*Opifex*’ significa autor, criador. A opção por ‘construtor’ é retomada da tradução do livro inicial.

⁸⁷ Mudou-se o tempo verbal para garantir o lipograma, traduzindo ‘*armauerit*’ pelo pretérito perfeito (‘munuiu’), ao invés do condicional (‘teria munido’), do pretérito perfeito do subjuntivo (‘tenha munido’) ou do futuro perfeito (‘terá munido’ ou ‘tiver munido’).

[Depois/ em seguida] Posteriormente, [cortado] inciso o prepúcio [da carne] referente à carne e à luxúria com as prostitutas, [deseja] anseia apenas o matrimônio com sua esposa, e não cobiçará lançar-se aos amplexos juvenis para conseguir uma enganosa satisfação, em que o amor é amargo, a fruição é efêmera, e os afetos são sempre compráveis ou [vendáveis] venais⁸⁸.

Posteriormente, o comércio sexual – geralmente bem aceito por [todos/cada] quaisquer pais, para os que são, entretanto, filhos por um afeto celestial, junto ao Sapiente por escolha – [dará início a ser o fim] iniciará seu próprio fim. Certamente, [todos os homens] qualquer ser sapiente e retamente inteligente venera a excelência relativa ao [Criador] Construtor mais que a si, quanto ao que se une ao amor [dos] referente aos filhos. Certamente, aquele se antepõe a qualquer afeto, e quem [nada] coisa alguma quer [perder] renunciar mais esteja pronto a segui-lo, conforme [disse] prescreveu Salomão: O início [da] referente à sapiência é o temor [da Majestade] relativo ao Ser majestoso.

Portanto, observa quão [apropriado/adaptado] congruente/conforme aos costumes humanos é o curso [de todas as idades] pertinente a quaisquer épocas. Junto aos ânimos juvenis/joviais anseia a sapiência, junto à Abraão se espera a promessa [de] quanto à salvação celestial. Ali a carne pagã recebe o prepúcio, aqui a [idade] era avança e conhece com a circuncisão [da maléfica vontade] relativa à maléfica tentação. Ali, pelo sacro amor, [despreza-se] renuncia o filho, que é para o pai o encanto [de] pertinente a seu sêmen, aqui termina o amor [da luxúria] concernente à luxúria, que é [a apreciada] a benquista [malignidade] malevolência [do engano] atinente ao engano.

⁸⁸ Além de retomar o termo latino ‘*uenalis*’, o adjetivo vendável é também oportuno por sua natureza jurídica, aparecendo em expressões como “valor venal do imóvel”.

ANEXO 2

DEMAIS LIVROS LATINOS

Embora na unidade perquisitiva aqui apresentada a título dissertativo, não se tenha dedicado à tradução dos livros que vão de ‘E’ a ‘O’, considerou-se oportuno evidenciar o texto de partida latino em sua integralidade, para que seja facilitada, por parte do leitor, a localização de elementos textuais que são citados ao longo da pesquisa.

Essa escolha deriva do fato de que tanto na discussão das estratégias lipogramáticas adotadas por Fulgêncio, como nas notas da versão final ofertada, são realizadas referências a passagens integrantes de livros que não foram objeto de tradução. Desse modo, poderá o leitor mais especializado recorrer ao texto latino, colmatando alguma eventual curiosidade.

ABEST E

Nunc nostris in manibus mundi ordo quintus obuoluitur, cui humana uita similis coaptatur. Hoc igitur cursu iustorum hominum instituta monstrabimus, ubi primi duo unita partus fusura probati, minor maioris subplantator crura subducit, ut aut primus in lucis iubar prosiliat aut fratris uiuificos partus in auersum tardando concludat. Quid ultra? Monstrat nondum homo sui cordis inuidiam; nam cui adhuc uita non fuit, liuoris toxicum non natus adsumsit. Numquidnam diuina iustitia in matris uulua prior formatur inuidia quam figura? Aut quo liuor in loco habitaculum accipit, ubi adhuc anima non fuit? Nascitur paruus qui nasci uoluit primus; optauit primordia si possit uinci natura. O admirandum auctoris ac sacratum iudicium: oditur maior qui nihil incurrit, amatur minor qui adhuc in uulua positus concipit. Nullus nascitur, unus diligitur. Nulla fuit minoris iustitia, nulla maioris constitit culpa, cur diuinitatis dispar sit gratia. An quia dicit apostolus: O homo, numquid tu dabis iudicium domino? Igitur paruus fuit quod adhuc uulua inclusus odium monstrat, nisi ut [p. 145 Helm] primatum fratris inuidus rapiat. Fatigato rubidam cocturam dum in muscipulum parat, commutat prandium cum primatu subtilis ac lassatos in agro cursus non doluit fratris. Paruum hoc fuit nisi ut alias amplius moliatur insidias. Oblato subtili prandio matris armatur consilio, fallit tactum orbati, pilosi furans machinam corii subripit patri, donum abstulit callidus primitiui. Sanctificatur in fructibus, consancitur suis fratribus primus, confirmatur inimicis omnibus dominus. Quam igitur culpam innoxius habuit, qui nihil malignum suspicans patris prandium campo uagabundus inquirat? Numquidnam oportuit matris astutia, fratris captura innocua circumscribi simplicitas? Nam ut agnosco non fratri inuidit, non patri subripit, non prandium postulanti distraxit, non inordinatos primatus optauit. Additur quia dum armatus fratri iam coniugato occurrit, scandalum aliquod non arripuit, osculum primus pacificum obtulit, iniurias oblitus omisit, illum cum coniugibus ac filiis traicit. Quam in his omnibus diuinitati culpam incurrit? Aut cur non tam munificus placuit? Sit igitur sui consilii sacra illa diuinitas conscia, quam humana non possit conspici natura. Vidit igitur in spiritu dominus quod humanus numquam inspicit oculus. Quid dicam Liam sororis inuidam ac pulchrioris thoro subpositam lippam, dum maior minoris inuadit sponsum, noctis opitulato suffragio sororium fallax corripit thorum, ac sic matutino sponsus conprobato muscipulo duplato matrimonium conparat famulatio. Paruum hoc fuit nisi quod mandragorio malo nocturnum liuida nundinatur concubitum. [p. 146 Helm] Aut quid pluribus: duarum coniugum litigantium scandalo duplas matronarum rixa porrigit concubinas, quarum partus cum naturalibus filiis socius adoptatur. Quanto liuoris toxico humana constringitur captiua natura; ut soror sorori dum parat inuidiam, ancillam sibi sociam maluit quam matronam. Quomodo

igitur hic mundi ordo hominis similitudo sit, conquiramus. Numquidnam non propria in his ordinibus mundi imago monstratur, dum in Lia matronalis inuidia, dum in pulchra casualis fortuna, dum in Iacob liuor fratrum, dum in maiori quoddam fortuitum; in Iob passionum indicia ac futura corona, in Iacob communis hominum uita, dum concubinarum amori non parcitur, dum uxoris uoluptatibus famulatur. Nota igitur quod in mundo unus pulchro sortitur coniugio, alius horridiori damnatur consortio; illic filiorum gratia diuino tribuitur aliquando solatio. Subito iustum malis damnatum conspiciamus, subito impium bonis [diuitiis] ampliatum notamus; aliquando infimior in altum porrigitur, aliquando sublimis post tumidas pompas prostratus ab omnibus conculcatur. Sit solo domino laus, incommutabili bono; nam humanitas non nouit unito sortiri proposito.

ABEST F

Pone nunc sextam mundi aetatem libri delimitationibus terminandam, quae et diuinitatis testimonio declaratur et humanitatis plenitudine pingitur. In hoc enim temporis scemate Christus noster apparere dignatus est monstrans [p. 147 Helm] in utraque substantia integram plenitudinem uirtute corporis et sapientia animi, ut, uere dei uirtus et sapientia, Christus sit homo plenissimus. In hac ergo aetate et Aegyptiaca cruciatio et Moiseica contritio, sed etiam legislatio declaratur. Primum itaque Israhelitica seruitus duro laterum ergastulo cruciatur et negatis iniunctae mercennalis operae paleis ad quaeritandam stipulam castigante praeposito dei populus spargitur. Damnantur in mortis sententiam semina masculina; sed ecce in papirea cistula per crepidinem aluei salus enatabat Hebraici supplementi, donec regis nata uagientis paruuli murmure trahitur et uenustate pulchritudinis Moiseicae dulcorata moriturum excipit adoptiuum statimque scirpeo protractum paruulum calato matri contradit nutriendum. O diuinitatis ordo secretus; sciebatne regina quod interitus patris ac patriae in hac cistula delitesceret aut mater nouerat quod salus Hebraica aluei margine uagiens heularet? Sed ecce innocentiae transactis crepundiis et pueritiae iam maturatis crepusculis iuuenilis uaporatur alacritas. Denique primum Israheliticae libertatis indicium Aegyptico monstrat concitus homicidio, quem calce percussus ac sabulo obrutus inciuilis iniuriae ultione mactauit hoc primum gustum propinans Hebris de interitu populi persequentis. Exhinc alienas timore exulatus adpetit regiones, pastorale mercimonium sustinet Madianiticus aduena, cuius imperiis seruitura [p. 148 Helm] dependerant elementa. Igitur postquam Deus et Aegyptiacam iniquitatem maturam inspexit et Hebraicos labores maturos agnouit, accedebat his Moisi probata iustitia diuinae gratiae praemiis muneranda. Extemplo Sinai montis caligantibus nebulis

aestuans uapor et tonitruali mugitu rugientia cauernosi montis arcana puidos diuinitatis testabantur aduentus; ignis quoque hilaro remigamine coruscantior crispatis anhelu uibramine ligulis uirentes rubi ramulos innocua cursilitate lambebat et diuinis gressibus uernularem praebens obsequium cum herbis ludibundus innoxiiis praelambitionibus crispabatur. Posthaec diuinae quoque uocis sacra dulcedo medium admirandi candoris silentium scindens enituit, — si quidem uox illa dici poterit, cui sola diuinitas testis est quae emisit et Moysi beatus auditus qui meruit — dicens: ‘Duros populi mei ex operationis ergastulo gemitus intellexi et aquaticae mortis exilio praedamnatos masculorum partus intendi; ob quam rem elegi te Egipticum perditorem, Israheliticum ducem, elementorum imperatorem, magorum dominum, plagarum magistrum, maris etiam et scissorem et dominum’. Itaque descendit Aegyptiaci interitus deus qui Aegyptiaci criminis migrauerat reus. Praebent obsequium elementa unius hominis imperio seruitura; uirga etiam adest in obsequium ducis, in qua omnis substantia pependerit dominantis; primum enim et in draconem commutata migravit et magicos potentata dracones absorbit, discit lignum contra naturam animatum inrepere, discit ligni materies animatas bestias transuorare. Desudat natura esse quod non erat, dum tamen Moyses ostenderet quod [p. 149 Helm] iubebat. Vnda Niliaca rubratur in sanguine, pluuiiales guttae durantur in lapide, terrae puluis ulceratur in uulnere, animatur limus in ranis, cinis caligatur in nebulis, uentus crassescit in cynomiis ac locustis, perdit apud Aegyptios sua iura lux perenni in nocte damnata; migratur ab Hebreis nox triduo exilio religata. Illic tenebrae nec lucem admiserunt nec ipsae decesserunt, hic lux captiua perenniter praestitit et sua iura nocti non tribuit. Momentaneo etiam noctis interitu primitiua interimuntur Egyptica et agni sanguine inlita Iudaica tuta sunt limina. Et quid multis opus est: tandem ille princeps Israeliticum sitiens sanguinem rubriacis debriatus potionibus tumuit et aquaticae mortis innocentibus auctor marino coopertus uelamento dormiit. Posthaec nubes in ducatu praemittitur, mannae ros matutinum conpluitur, imber carneus contra naturam pinnigero guttarum stillamento dilabatur. Quae tua clemens bonitas, Deus meus; si pluuiialis stilla decideret: quando terra madidata conciperet, quando seges solis uaporatu candesceret, quando calamus maturitatem ceream excepisset; et ne haec esurienti tarditatem quampiam procurasset, esca parata dilabatur, mannae sapor, prout uoluntas exigerat, temperatur. Non opus est tritura molendi, non uaporatio disquoquendi: esca parata et caelitus missa, sola prandentibus mora aut uoluntas erat aut mensa; discit etiam uolucris pluuias non ut liquida poculis deseruire, sed dentibus mandenda succedere. Exaratur digito petra legalibus titulis mancipata. [p. 150 Helm] Sed haec omnia humani similitudinem non carent ordinis; quippe dum iam aetate plenissima matrum hominum genus Aegyptiacae aetatis tenebras caruerit et primitiua peccata agni sanguine considerato necauerit, rubri maris aestu salsique animi tumore

transacto dulcis sapientiae manna depascitur et legalibus praeceptis inbutus columna scientiae lucido ducatu praebente uiam uitae securam ingreditur et promissionum terram laborum dispendiis desideranter optatur. Igitur post Moysen eremi ducem et Aegyptiacum percussorem, dum nobis diuinus timor legis cognitione claruerit, statim a Iesu bono duce suscipimur, a quo etiam repromissae beatitudinis terram inducimur.

ABEST G

Tricesimus humanae uitae annus obuoluitur librorum nostrorum uolumine disponendus, in quo quidem rationalia uitae instituta monstranda sunt fluctuantis aetatis ebullitionibus defecata, illum huic mundi conferens tempus, ubi iudicum dominatui dependebat Hebraicus populus. Ibi etenim Annae conceptionalis uiscerum carceratus perenniter torpor partificum perdiderat mercimonium, et sterilitatis neruo catenata natura bonae fecunditatis exul[at]at fermentum, quod et marcidulis coeuntibus uulua folliculis seminum liquores despueret et pulchritudo sterilitatis fuscata nebulo maritalem adfectum in odium uerteret. Instabat etiam ex aduerso sororis aemula creando fecunditas [p. 151 Helm] et frequentibus conceprix tumida puerperiis animum tormentabat adflictae consortis; sed ecce diuina clementia tristitiarum medelatrix interuenit et adflictorum salutare antidotum Deus non cessat adesse propitius. Accipit namque sterilis unam de sacrificiis partem et triplarum portiuncularum munere cumulatam infremuit maestificata sororem, et quamuis maritali animata solatio, inerat tamen ulcerulenta cicatrix zelotipo toxicata cauterio. Posthaec quantum doloris acredo dicitauerat, sacrario templi prostrata internis fletibus ac secreto cordis aestuantis affectu caelestis portae assulam tacita clamoritate pulsabat. Sed ecce ille indormitabilis medicus, cui non uocis admonitio, sed secretorum debetur inspectio, auris secreta admirabiliter pura, quam non instruit uerbale commercium, quam non latet secretale silentium, penes quem taciturnitas clamoso personat strepitu et conscientia quantumque obscura sit nescit celare secretum, adest sterilitatis aridae fecundator, oculorum lacrimantium desiccator, desideriorum concessor, dans uotum optantium et humilitates subleuans infirmorum. Ecce enim inter tam sacra admirandaque commercia mulieris petentis et domini concedentis, dum dolens quae desiderat quaerit et dominus desiderata concedit, sacerdos interuenit et inconsideratione praepropera merorem mentis merulentiam credit mulieris; sed dum scisset quod potandi non erat culpa, sed plorandi fuerat poena, exoptator etiam ipse causae iam factus est inpetratae et quia deus per se loqui noluit, sacerdotis ore quod promiserat confirmauit. Itaque Annae uiceribus incubans uernacula olim sterilitas forinsecus pellitur et fertilitas uuluae domicilium ubi numquam interfuit habitare iubetur. Discit mater esse

quod [p. 152 Helm] non nouit, et fecunditas cum sterilem nouum commercium nundinauit. O fletus concipiens et oratio pariens obsecratione flebili maritante: in templo filium concipit, quod in lecto maritum amplexibus coiens non inuenit. Apparet itaque nihil esse de naturae munere praesumendum, ubi diuinitatis cessat auxilium. Sed ecce qualem supplicantibus dare oportuit dominum prolem, talem natiuitas contulit Samuelem; ex templo petitus, de templo conceptus, templo etiam traditur seruiturus; placet Deo moribus, cui ante placuerat nasciturus. Iam enim sacerdos displicebat in filiis et male parcendo suboli non pepercerat sibi; omnis enim qui frequenter indulserit multas culpas acquirit et qui particulae ruenti non suffulciet, totum quod sanum est secum trahit. O diuina secreta admirandaque iudicia, quae quantum clementia contributiones dum commodat, non habet modum, tantum dum peccatorum incursu succenditur, percussione non est remedium; quippe duorum errantium culpa nec arcae testamenti parcitur nec milium innocentum interitus temperatur. Tantane duorum hominum exundauerant scelera, quo et sacra sanctorum contaminationibus incircumcisorum polluenda perducerent et populorum nihil tale peccantium copiositas innumeranda succumberet? Sed diuinitas, sicut in mundi opere laboris non fuit incapandam uniuersitatem efficere, ita nulla detrimenti cura est unius culpa intercedente incursu mundi partem absumere; neque enim ut sibi utilem bonum quaerit aut <ut> suis utilitatibus aduersam malitiam punit; [p. 153 Helm] sed utique quaerit bonos pro se, punit malos pro se; nam abest ut euidenti rerum manifestatione consideres, potens est in <...> malorum finem secundae mortis punitione damnare et bonorum inmerentem exitum perpetuae uitae commoditate ditare. Denique cerne quod quamuis testamentalem arcam ipse captiuitate damnauerit, ultionem tamen nequaquam in contaminatoribus temperauit. Inicit podicibus tumentia uulnera, ulcera putredinis uirulentia toxicata. Redibetur cum praemio facinus et uictoria aduersariis leta poenale fit scelus. Carent tormentaliter heulantes quod laeti inuaserant triumphantes et illud quod putabatur corona uictoriae, tormentalis ultio facta est poenae; quaerit remedium, quo iure quod uicerat careat, et tormentum putat, si possideat quod praedarat. Dat dotem suo damno uitulas cum uehiculo, format ex auro et poenam et locum et suae uictoriae cruciatu staurat interitum. Redit arca pereuntibus aduersariis quae perierat cadentibus suis. Qualis in Deo ira quae nec sibi pepercit, qualis uictoria quae nonnullo ante triumphans de hostibus redit. Cerne itaque secretum Dei iudicium; hic puerilis adfectatur infantia, illic senilis damnatur socordia; hic e somno Heli elicitus nuntius praemandatur et sacerdos promittitur, ille accepto nuntio exanimis ex cathedra propellitur et eius posteritas perenni sacerdotio repulsatur. Huius itaque uniuersos temporis ordines sequi ualde prolixum est. Quid enim memorem tam flexuosam rerum obuolutarum historiam, [p. 154 Helm] ubi excipit Samson inuincibilem criniti muneris palmam, dum leone

fortior, ferro durior, solus etiam milleno hoste superior Dalilae superatus mollescit amplexu. Quos non uirtutum muros libido prosternat, quae Nazareo et diuini muneris comam abscidit et priuatum lumine tenebris exulauit et quibus ante timor fuerat ludibrium reddidit. Omitto et Manue filium diuini nuntii enuntiatione conlatum, quem mater non petitem suscipit, pater obseruandum ad monitus expauit, Israel subitum defensorem promeruit, Filisteus etiam interfectorem inuenit. Prosternuntur trecentis milia milium, et discit belli uictoria urceo triumphare, non ferro. Quid uero haec omnia humanae uitae competat statui, demonstramus. Nonne in tricesimo quinto humanae aetatis anno res uertitur? Filiis laboratur; ut nunc quosdam in laetitia parentum natos ut Samuhelem inuenies, nunc etiam ut Ophni et Finees non solum in patris quantum etiam in filiorum detrimento repperies. Ad uero matrimonii ordines — quantas sterilitas damnat et forma commendat, alias ornat fecunditas, maculat foeditas. In omnibus laudanda est diuina temperies, quod et tristitiae ex parte praebet solatium ne plus consumat et superbiae modum temperat ne plus adsumat.

ABEST H

Praeteritus liber iudicum instituta moresque digressus sequentis libelli ordinem peperit, in quo regnorum status cursusque principum gradatim a nobis disponatur necesse est; illic namque solita callositatis duritia coturnata Iudea asperatas in proteruitatem ceruices erigit et Deum prouocare [p. 155 Helm] in suis malis operibus non desciscit; nam Samuelem adgressa regem sibi postulat adibendum et ab illis umanus quaeritur principatus, quibus turpe fuerat ut illis rex fieret Deus. Ergo postquam Samuel sacratus antistes Deo popularem perduxit adfectum — licet nulla sit internuntii indigentia qui abstrusa nouit rimari secreta, tamen ordo exigerat ut sacerdotem Deus instrueret, quo populi adfectum aut sperneret aut impleret. Sed ecce paternorum iumentorum inquisitor oberrans asinas quaerit et regnum inuenit et cui Israelitica fuerat summa uirtutis, pecus quaerendo uilissimum etiam ipse fuerat uilis. Quanto aliud melius praeparabat diuinitas quam quod Saulis laboranter quaerebat indignitas. Igitur sacerdotem inquisiturus adgreditur et iumentorum deperditione tristatur. Sed sacerdos non asinarum fugam, sed regni porrigit gratiam. Sperat se patri redditurum quod perdidit et repperit quod pater aliquando nec abuit nec sperauit. Denique cornu illud diuina censura sacratum, in quo et regni enteca ebulliens parturibat et sacerdotale misterium diuinis aestuationibus nuptiabat, profetam testem foederis allicit et insperato capiti fermentum diademati germinis inrorauit, et ne sola esset mundana conlatio, ante profetare didicit quam regnauit. Denique indicabat electionem diuinae prouidentiae inormis status et quantum maiestas de regni qualitate succreuerat, tantum

proceritas mensura omnibus eminebat. Denique donec diuinae praeceptionis norma seruata est, et regni eius maiestas effloruit et uictor de ostibus triumphauit. Sed ecce inobedientia, totius [p. 156 Helm] bonitatis nouerca, quae cuncta bonorum operum a mundi principio didicit extirpare fundamina, sicut in alios, ita etiam Saulis inuida principatum obsedit et sicut primum caelesti regno exulauit diabolus, deinceps mundi nouellum suo paradiso Adam efficit peregrinum, postea Faraonis inpetus et Aegyptiacos currus rubriacis debriatos interfecit liquoribus salsaque potionis madefactos crapula infernalibus inuitauit ad prandia, [sic] Saul quoque et adipatae gregis laqueatum adfectu et taurorum pinguium muscipulatum adpetitu regno expulit, morte damnauit et quod duplo deterius, Pitonici spiritus consultorem unctum domini supplantauit. Quid etenim opus fuerat parcere regi aduerso? An parcendo clementior uideri poterat Deo? Sed quae sunt ista tua, Deus, secreta misteria, in quibus humana uaccillat ignorando natura. Inimicus erat Agag domino, inimicus etiam et Saul factus fuerat Deo; parcat Saul Agag regi et displicet Deo, parcat Dauid Sauli et complacet; ille regnum ueniam dando perdidit, iste regnum ueniam dando promeruit. Aut in utroque damnanda erat super Deum benignitas aut in utroque placita bonitas. Sed nilominus in Saule praedae adfectus inerat ut seruaret aduersum, et non tantum benigne placere subdito uoluit quantum praedae affectus interfuit; quod in Dauid patientiae bonitas inerat, non regnandi cupiditas [erat]. Denique inspicere quod Dauid Deo ultionem parcendo seruabat et Saul Dei ultionem male parcendo contemserat; Saulem enim Deus suae iniuriae elegerat uindicem, et Dauid Deum suae iniuriae quaerebat ultorem. Ideo ergo unus bene [p. 157 Helm] parcendo erigitur, alius male parcendo deicitur. Et quid pluribus: Surgit Dauid in regnum sui domini famulus, in principatum pastor uilissimus, patronus fratrum omnium minimus; ammonito pastorem audaciam, erutam leonum mandibulis praedam; Goliae etiam aerata cassis fundae rotatu stridulo perforata, dotilibus etiam titulis centum Filisteica collata praepudia. Quae tua in is, Deus, admiranda sunt dona; excedunt etiam modum credulitatis quaecumque larga bonitate concesseris. Paruulus leonis fit praedo, nudus uictor exultat armato, pastor triumphat ex genere giganteo, solus centeno coniugem dotat praepudio, seruus sui domini succedit in regno. Quanta in is tua superabundans gratia, domine Deus meus, quantum in is iterum mortalium ex aduerso reluctat occursum. Das indignis quae non debes, non recipis pro praestitis gratiarum actionem quam debes et recipis ab ingratis contumelias magis quas non debes. Erigis ex stercore pauperem, ut sedeat cum principibus; das triumphum in gentibus, das potentatum in ciuibus, et tamen adulter omicidii sociatur scelus. Feruet aduc innocentis cadauer interfectum in proelio et glandula libidinosi adulteri alieno grassatur in lecto; tot et tantarum non dicam maritus, sed admissarius coniugum unicum pauperi subripit matrimonium. Nullane animum libidinantis consideratio temperauit, non diuini ordinis augmentus aut praemium, non regale

propositum, [p. 158 Helm] non pluralitas coniugum, non uerecundiae quod maius est turpe fraumentum. Et tamen quanta in is omnibus diuina admiranda clementia, cuius modum nec dicendo explico nec amplexando saturor. Noluit ut iustus peccatum inultum dimittere; nouit ut pius in animam uindicare; admonendo compellit ad poenitentiam, damnat teraporaliter in substantia, ut in perpetuo temperet poenam; excipit in suo coniugio quod alieno ingesserat matrimonio et ubi plus et doloris esset et criminis, filius ultor paterni factus est sceleris; ut sicut seminis titillamento in libidinis exarsit incendium, ita sui seminis timore percussus fugiendo destituit regnum teste sole perpressus quod admiserat aliquando secretus. Sed, Deus meus, quid oc sibi uult tam secreta iterum tui iudicii dispensatio? Cur maculosi criminis suboles successu paterni fruitur regni? Numquidnam oportuerat ut aut Betsabe tam turpissimi sceleris fuscidine maculosa se regnante filio reginam aspiceret aut Salomon adulterinae uulucae contagione turpatus aut aedificandi templi meritum caperet aut sapientiae tensauros indagaret aut paterni regni successor ac potentior fieret? Cuius igitur patris? Alieni concubitus peruasoris, alieni sanguinis effusoris, ubi nulla legitima tori coniugia, nulla iuridica sponsalia, sed mortalis conscripta epistola adulterii fuerat lena et peruasio paranimfa; sed diuinitas fecit quod decuit, gratuitam misericordiam contulit, peccantibus ueniam relaxauit, [et] quia semper bonus est, etiam malis bona concessit. Sed uide quia criminis filius crimen incurrit et adulterinum germen non bono termino consummauit. [p. 159 Helm] Licet ab isopo usque in cedros Libani disputet, licet austri reginam suam sapientiam admirantem exspectet, quamuis templum ineffabile construat, spiritibus iubeat, prudentia confluat, iudiciis calleat, diuitiis fulgeat, auro rutillet, gemmis ardescat, tamen characteriauit in uita quidquid insitum traxerat de natura et libidinis cauterium genuina feculentiae inustione signatum uitae picturauit in regnum. Factus itaque concubinalis exercitus incubator, matronalis populi adsecutor, adulescentularum gregibus pastor, alienigenarum contra interdictionem amator et quod omnibus deterius est gentilium deorum in senectute iam non prudentissimus, sed imprudens cultor. Quid ultra referam tot regum ruinas, tot criminum scelera, tot transgressionum facinora, ut Acab alienae uineae auarus inuasor aequalem culpae sustinuerit poenale iudicium, et quamuis diuini miraculi oculatus testis extiterit, dum ardentia caeli fulgora et rotatos sacrificii ignes Elias in testimonium uerae deitatis extorsit, denique lucicolum sacerdotum interfectione perpetrata, relegata triennali exilio nubila profetico in momentum iterum redduntur imperio et quidquid arida sterilitate exhaustum siccauerat, imber regressus uiridanti germine reuestibat, — et tamen dum tot ac tantis manifestantibus testimoniis doceretur, Iezabelis tamen uirulentae persuasionis nocturna coniugis uenena sorbebat. Sed ecce diuina uindex dextera in idolorum [p. 160 Helm] cultricem reginam inueitur, et porcinis deuorata mandibulis in stabuli sterquilinio dispersa perspicitur.

Ergo quia regum omnium subsequendum facinora libri modum excedunt, ex ac paruarum causarum similitudine quis non humanos actus consideret, quantum et remuneretur bonitas et condempnetur malitia. Illud ergo quilibet efficiat, quod se in utroque percepturum sperat.

ABEST I

Sequens rerum gestarum ordo expostulat causae tenorem non perdere saeculo nunc usque corrente seruatum; nam et ultra excedens quadragena aetas nostrorum uerborum uolumen exspectat, quo suae causae termen conclusum adgaudeat. Oportet ergo nos hoc tempus exponere, quo penes Hebreos Machabaeorum ducum gerebatur excursus. Cernens namque Deus peccatorum perfectam populo oberrante mensuram, dum Gezabel lucorum sacerdotes Deo praeponeret et Manasses mordaces serrae dentes prophetarum corpore cruentaret et templo non deorum quam demonum formas adduceret, furore succensus extorres suo regno propulsat Hebreos, et quo modo externos deos adorandos optauerant, regnorum quoque externorum exules angulos oberrabant. Namque Nabuzardan coquorum praefectus, quo magis exprobramentum esset pugnae ac dedecus, ut sacer populus magnorum regnorum excelsus coquum pugnantem non posset ferre substratus, — hunc ergo Nabuchodonosor armato praeponens numero regem Hebreum oculorum decore fraudatum ferroque nexum cum [p. 161 Helm] suo exulat populo, deturpatum templum depraedat, sacrum altare conmaculat, arcam quoque foederum uerendarum tabularum lege sacratam pagano lustramento profanat, uasa quoque aurea, quae, reuerendo pro usu sacrorum effecta, facta sunt merulento barbarorum potu polluta. Sed ecce sacrata dextera consuetum non cessat praerogare solamen; Machabeos namque septem claro genere praesumptos admodum fratres armat ad bellum ostendens ut quod peccator totus cum suo rege facere non poterat populus, hoc paruus Deo fauente perageret numerus. O quam praecelsa sunt tua, Deus, atque stupenda secreta. Peccator populus pugnantem sustentare non potest coquum et regem suum contradet occidendum; ad uero Deo grata gens paruula Machabea totum Nabuchodonosor aduentante pondus non solum reluctando sustentat, quantum et corruente prospere superat, notans persequentem Hebreum, quem antea uelut neglectum despexerat, suo effuso cruore praelatum, quorum regem dudum adduxerat et ferro nexum et oculo perforatum. Cognoscat ex hoc humana natura nec aduerso cedere Deo fauore nec tempestate ut ante monstratum est. Betuleam amplam Hebreorum urbem omne uastato terrarum excursu dux Holofernes obsederat et murorum temptans ascendere aggeres armato clausos terrore pressabat. Erat namque ante oculos populorum certa de morte captura et fames exesa conrodens corpora uacua monstrabat ambulatum cadauera. Non fletus [p. 162 Helm] supererat

oculo, non humor palato, non succus membro; genua possederat tumor, ora conseruerat pallor et gressus catenauerat marcor, quo mortua membra tantum sepulchro fraudata solum loquendo mundanum crederentur habere mercatum. Fames domorum secreta peruaserat, mors portas obsederat, Olofernes agros prataque uastabat. Quam ergo salutem oppressus aut speraret aut peteret, dum mors agro domoque uagabunda regnaret? Sed ecce matronarum decus, casta puella, claustro murorum egressa salutem populo conlatura profertur, uultus decore armata, morum pudore praesumpta, deo compulsante succensa, Olofenaem caput processerat furatura. Errabat namque totum secuta per campum, regem laqueo postulans praefocandum. Quo reperto praebet blandum astuta sermonem, garrula uultum adultero seductorem. Adstat contra, oculorum captura, amor damnosus et mortalem laqueum praeparans uultus. Sed ecce rex potando lassatur, calore torretur, bractatur mero, quo madefacta guttura praebeat ferro. Ecce autem repente dum nulla uox ex aduentu pugnantum, nullus cruor emanat percussorum et tamen pugna nocte confecta est, caput pera gestatum est, matronale tropeum peractum est, regale thorum perfectum est, facta est una puella Hebreorum salus, fuga Persarum, perpetua nunc usque fabula saeculorum. Sed hoc proelio nulla uox ex aduerso pugnantum, nullus cruor emanat percussorum et tamen caput pera gestatur sola nocte adtestante sublatur. Decora namque forma tantum excellentum operum fuerat lena, quae caput a corpore segregatum, salutem lugentum adtulerat [p. 163 Helm] populorum. Hoc quoque non duco transeundum quod Hebreorum pro salute captorum consolator deus erexerat Mardocheum. Nam Hester ad regnum exoptata Ebreia, suum populum saluatura, Mardocheum auunculum elatura, Aman quoque prostratura, obt

ABEST K

Transacto igitur Iudaicae cursu historiae, quem quidem continuis decem litteris reseruatis ab orbe condito usque in hanc aetatem digerendo perduximus, cuius principium sicut propitia diuinitas operando extitit, ita irata terminum contulit — ergo gentiles adgressurus historias, quas nunc a momentaneis garrulitatibus fortuna prosperior subleuat, nunc irata supplantat momento usque in abyssum uergens, si quos successu prospero usque in caelum perduxerat, —

exhinc ergo sumemus initium, quo Iudaici regni perduximus terminum. Postquam enim Babylonico captiua Hierusalem successit imperio et alienis deseruiens idolis a Deo suo fornicata alieno etiam captiua deducta est regno — pertulit enim sui poenas sceleris et male seminatos [p. 164 Helm] fructus amarissimos sui comedit erroris —, tamen tam diu Babylonia fermentum suae potentiae tenuit, donec diuini populi templique dominici saporem praedae toxicum degustauit statimque cum propriis abortiuit quicquid ex sacratissima praeda audior transuorauit. Fuit enim illa Israhelitici uindex sceleris, tamen uae illi qui flagellum eligitur malis; et sicut Hierusalem suas deflet reliquias toto orbe dispersas et nullatenus usque in hodie redituras, ita Babylonia cum alienis etiam suas aborsa est pereundo diuitias. Ea igitur terapestate fortuna quodam aestu turbulentiae grauidata in paruo Macedonum regno clarissimum peperit nefas. Namque Alexander dubia sub opinione Philippi Macedonis filius incerti patris crimine maculatus exsurgit. Quidam enim ferunt, Dictanabo uaporante libidinis, clandestino Olimpiada magico compressisse figmento, alii quod draconis squamifero fermentante complexu uirulentum ediderit grauidata puerulum. Sed quid his opus est: ex quo Philippi in hoc negotio uacillauit auctoritas patris, nulla nominum inuentio opus est ad ornandum adulterium genetricis. Habere enim non dicitur uirum cui suppetunt multa nomina maritorum. Hic ergo quamuis patre tyrannice crudeliterque regnante ampliatum Macedonum regnum suscepit, tamen ultra mundi terminos aestuans insatiabile imperium protelauit; non contentus in id quod pater crudeli tyrannide peruaserat, sed mundum sibi breuiorem aestimans ultra saeculum aliquid exquirebat. Et primum quidem Babilonicum regnum arripuit mille annorum dominatu fulcitum, tot triumphis ac totius [p. 165 Helm] orbis uictoriis enthecatum. Illuc etenim et Israhelitica confluxerat gloria et Aegyptiaca olim famosa conmigrarat potentia, illuc Spartana, illuc Athtenaica atque insuperabilis uirtus deuoluta cesserat Scytica. De quo regno a uicis milies centum octoginta milia tribus proeliis cesa feruntur nec tamen tantae cladis sensit Babilonia detrimentum. Quis ferat haec, domine Deus meus, totius orbis ineffabilis conditor. Deficit sapputatio morientum in numero: aerumnae locus Partiaco non paruit regno. Si inestimabile est quod una prouincia perdidit, quis tua, orbis, opera sufficiens enarrabit. Igitur Alexandri rapidos regnandi ad cupiditatem animos tantae immensitatis multitudo non terruit, sed indubitanter pugnam insperatam arripuit, et insperato uictoriam dubitatam inuenit. Vincit in paruo quibus sufficere non poterat numerando; superat effugatum sequitur fugitium, inuenit uulneratum aureo catenarum ligamento constrictum. Praebet inanem misericordiae sepulturam illo; filias etiam quas sorores <...> Iuste quidem ille uitam perdidit, regnum amisit, qui maternum uiolans sacramentum suum se maluit esse uitricum, patrem etiam germanarum; nec puduit illuc partem turpissimam libidinans obicere corporis, unde primum prodierat imago

nascentis. Post haec regni etiam Persici uictoria non contentus, quo totius mundi confluxerat dominatus, qui posset et uniuersas auaritiae saturare uoragine — et nihil ultra post hunc quaereret qui etiam aliquando saturari non posset —, tamen Indicos fines ante cuiquam inaccessos sollicitat et ignotos nostro saeculo fines ardenti [p. 166 Helm] cupiditate penetrat. Et primum quidem feras in aciem belli propositas statuarum aere succenso debilitat et ignitis amplexibus rabidas fugat. Post haec Poro Indico rege captiuo Fasiacas primus inuadit latebras. Illic aurum fastiduit Macedo qui saturari non potuit toto orbe possesso. Dehinc nudos Bragmones, exustos Eoas, Foebeos Passadras, Caucasii montis incolas, Drancas et Vergetas, Hyrcaniae populos, Corasmos et Daas, Ocionitidis quidem Amazonas ut ferus adit, ut inportunus prouocuit, ut praedo peruasit; incognitam quoque saeculis Meroen et ultra Sieneticos uapores Falernis liquoribus ruptuantem inpatiens penetrat; Candacen Aethiopicam, quamuis praeceps, non tamen securus, sollicitat; Atlanteas Niliaci liquoris diffusitricas cataractas intrepidus exspectat. Quid dicam pertemtata Maeotide inertes thirofagos, asperos antropofagos, nudos etiam ictiofagos lacessisse. Solis quoque ac Lunae loquentia nemora regis ipsius interitum praedicantia laboriosus inuestigator accessit. Et quid pluribus: nulla secreta mundi misteria, nulla gens abstrusis terrarum angulis exulata, nulla Oceani semotior insula Atlantei marginis aestu roriflua, quae non Alexandrum aut dominum timuit aut repentinum expauit aut praedonem inuenit. Quisnam est, domine Deus meus, hominum tam inconsideratus appetitus. Lassatur peragrandando mundus, non erat iam quod humanis ostenderet oculis, et auaritiae [p. 167 Helm] non saturatur affectus. Paruum est uisu quaerenti Alexandro quod fecisse suffecerat Deo; posset et in caelum ascendere, si aut natura pinnarum concessisset aut semita. Et quia mundum peragrandando paruum sibi esse credidit, ideo tribus contentus sepulchri cubitis obdormiit. Discat ergo ex hoc humana natura nihil esse de potentia praesumendum, ex quo mors communiter heres est potentum et pauperum. Vidit enim et Aethiopicas uires et Atlanticas moles et Foebeos ignes et Scythicas glacies. Sed quid profuit omnia inuicta uincere et seruili ueneno succumbere. Huius actus huiusque mortem qui semper mente considerat, moriturum se esse non credat; numquam enim mortis malo terretur qui alieno malo considerato corrigitur.

ABEST L

Fracto ergo Persico Macedonicoque imperio ecce paruum adhuc ex increpundiis Roma subrigit uerticem turpi admodum criminosoque mancipata principio. Nam Rea geminorum mater, ex opere concors cum nomine, quae quidem non ex Marte deo compressa peperit — quamuis etsi Mars esset, deus esse non posset —, tamen consueuerat uana semper paganorum antiquitas

procreatos ex fornice deorum natos adscribere, quo meretricum crimina diuina uestirent iniuria: uere marmorea atque insensata diuinitas, quae sua addictione uniuersas uestiret criminum causas. Tamen quorum principatum Romanus ordo tripudiat et ad dedecus potius suae natiuitatis etiam historia currente scribere quoque non cessat, criminosa matre editi, criminosa nutrice producti, criminosa etiam uitae operibus non destiterunt frui. [p. 168 Helm] Denique ne a facinore coeptum primordium facinorosum caruisset augmentum, fraterno sanguine murorum prima rubuere fundamina, ut fratricidii cruore sancita magnificae urbis uerecundentur principia. Ecce etiam sacrarium criminibus uindicandis construitur, et ubi iustitia sanctitasque exerceri debuerat, inde facinorum nefanda purgantur. Fit exercitus criminum fructus et impunita iniquitas fit senatus; et ne disparia suae uitae sortirentur conubia, turpatis matrimoniis rapina facta est paranimfa. Quod in huiusmodi nuptiis esse poterat gaudium: maeret sponsa quod rapitur, socer aestuat quod praedatur, socrus ingemit quod orbatur, et ne etiam in raptore quodpiam existeret gaudium, necdum est securus sponsus ne pugnando fiat diuortium. Quid post haec referam natos Brutum inbrute necantem, externi matrimonii Tarquinius corruptorem, ubi ferrum matrona testem sui adhibuit criminis et quia uiuere diffamata non poterat, ante in se nefas quam in commissoris sanguine uindicauit. Omitto Fabium Metenniae interfectorem potius quam maritum, qui paruo contactam mero coniugem trucidat et resignatae ynotece parricidanti cruore sacrificat. Quid referam Curtium offam uoraginis et terrenae abruptiois; hiatum quid profuit saturasse armati incitamento decoris: nunquam terra sarciret quod ruperat, dum tamen uanus non omitteret quod uiuebat. Exurit Mucius ineffaciter dexteram et quia praeferru inaniter concupit, curtatus brachio inaniter uixit: quam fatua [p. 169 Helm] uanitas sacrificat uanae famae miseri sui corporis poena et ut nomine tantum opinatus existeret, membrorum facta est turpata ruina. Quid referam Cannense interitum terno modio digitorum exuuiis diffamatum, dum Carthago Romanis potentatibus utitur et Cremera senatoriae mortis diffusionibus augmentatur, quid urbis inruptum anserinae uocis indicio erutum, quid Marianae pestis scidium ciuico sanguine satiatum. Feruet Pompeiana uictoria Mitridatis toxico, concursu piratico, Tigrae maerente Armenico, Pontico etiam Viridomaro tristante captiuo. Primus igitur et Iudaicas opes praedo peruasit et dominici sacrarii ornamenta Romanis usibus subdidit. Quid referam Scipioneas Punici triumphu uictorias, dum opima Cartaginis antiquaque potentia sibi pugnando periit, Romae pugnanti proficit — Roma enim ante exhausta uincendo recuperauit quod perdidit, at uero Carthago ante uictrix nunc exusta et quod rapuit reddidit et quod habuit perdidit —, quid Corinthicae maiestates uictoriae, quid Cimbricas mortes, Teutonicas rabies; et ne omnia prosequar: creuit Roma semper suo studens dispendio et dum sibi parcere non nouit, domina effecta est mundo. Quantum Romano sanguine satiatum est Viriatus, aspersus est

Poenus; omitto nefas Partiacum, aurata morte principem condemnatum, ubi auatitia quod iniusto uoto quaesierat iusta poena repperit et cupiditas dum concupitis fruitur bibendo non uixit, — nouum, fateor, Persarum iudicium, ut cupiditas dum ex id quod desiderat fieret saturata, ipsa sibi saturitas facta est poena. Quid Caesar, qui fatigato tot triumphis succedentibus mundo ipse tantum indefatigatus [p. 170 Helm] ciuico sanguine non pepercit, quia iam exterum quem funderet non inuenit, paruum credens, si dimidio mundo regnasset, nisi etiam totum genero interfecto peruaderet. Romanum ergo imperium suo exteroque sanguine enutritum, cuius semper iniuriis aut dandis uacuat aut accipiendis [non uacuit], creuitque semper alieno damno aut suo potius detrimento.

ABEST M

Noua saeculi aetas interuenit nostris libellis desiderabiliter exoptanda, cuius aduentu radiante lustrati, suaui Christi nascentis crepundia libro corrente narrentur necesse est, quippe ex quo et lux refulsit in tenebris, gloria in excelsis, pax in celis et letitia exorta est iustis. Ecce oc ut angelus edicit, pastor audit, Chaldeus agnouit, Erodes expauit. Quid ergo cessas, lingua? Erisne tacita tui conditoris in aduentu perducta? Quo reatu teneberis, si uociferantibus angelis tu tacebis? Ecce igitur descendit ros uerbale coruscans in negotio, latens in uerbo. Pulsat auditos uirgineos caelestis coniugii dispensator, ubi naufragia non passurus est pudor. Indicit nuptias in quibus nec diuinitas patris polluitur nec genetricis integritas uiolatur; fit aure casta conceptus, fit plenitudo uteri et nullus est pondus; et sic intacto pudoris sigillo prosilit partus. Sed ecce quid in hac desponsatione sacer pronubus [p. 171 Helm] edicat, agnoscat. ‘Aue’ inquit ‘gratia plena’, et illud quod sequitur. Fateor, tractans hoc ipsud obstipui, in desponsationibus suis quos ordines habeant caeli. Ecce ut uideo, nulla adhuc petendi fit enarratio, nulla de uocabulo sponsi cognitio, nulla de dotis quantitate conlatio: et gratiae fructu grauidata est uirgo. Sed ecce dotis celsitudo nuper edicitur et desponsator qui fuerit declaratur. Dicit angelus: ‘Spiritus sanctus superueniet in te’: ecce significatio certa uocabuli. At uero: ‘Regni eius non erit finis’: quae erit ultra dos ab hac dote superior, regnandi perennitate concessa. Post haec radiata in nostro saeculo diuina nituere crepuscula; exulat de nostris sensibus quidquid tenebrosa fuscetudine caligabat; recedit tristitia, fugatur angustia, ne consisteret regis procedentis in uia. O gratus et purus aduentus; si ut rex descenderet, fortior regibus appareret, si ut deus Iudeis claresceret, si ut ineffabilis sapientia scribas Fariseosque compungeret; sed ut lenis pastoribus apparuit, ut caelestis Caldeis inluxit, ut non superbus piscatores instruxit. Accessit egrotantibus diuinae salutis potentia et stupenda in saeculo radiata sunt opera. Denique nuptialis aqua uinolentis

ruboribus debriatur; Tiberiadis unda pedestri Petro fit durior strata, discit terra parturire oculos praegnante saliuua, discit fons sanguineus christificae uestis adtactu perenni constrictus gelare catena, adulterae uenia terrae conscribitur, leprae sordicula uerbo purgatur, latronis corona de cruciatu conquiritur. Et quid pluribus: suis cadauera pedibus gradiuntur, suis egrotis lectuli deportantur; praestat Petro piscis pecunias, cui nulla substantia, et hic in prandiis decoctus crescere [p. 172 Helm] discit, ubi nulla est uita. Verbo expulsa egritudo discedit; uerbo reuocita salus adcurrit; uerbo uertigo tranquillata languescit, uerbo fluctuans unda liquescit; et ne plura persequar, non licuit naturae non esse quod ille uoluit, non reluctauit natura non posse quod iussit. Post haec uero plenitudo Iudaici exitus celerior fieret, liuor de bonitate conquiritur et quia cecitas claritate refulserat, conlator lucis ab aduersariis inuidetur: uere tenebrae patronus, qui in suo figulo non dubitauit scelus. Flagellatur perpetua uirtus, uniuersalis conspuitur salus et crucis patibulo suspenditur Deus. Quis haec aut dicere auderet aut dicentibus crederet, quod Iudea tot periculis etuta, tot proeliis uindicata, tot beneficiis inlustrata haec suo deo facere poterat. Sed qualiter Iudeus adoptatus filius caderet et gentilis adoptiuus filius surrexisset, nisi quia tot beneficiis ingratus ille populus extitit et iste nullo praeunte obsequio gratuita gratia consecutus euasit.

ABEST N

Oportuerat quidem ut temporum ordo dictabat Caesarum actus uitasque describere; sed quia illos siue Deo siue apostolis turpe fuit praeficere, postremo ergo loco quae praetertermisimus postmodum edicemus. Igitur postquam Iudea salutis remedium patibulo crucis adfixit et mortis medellam quam habere magis debuerat caruit, a Deo suo exulata proicitur et eius loco pereger filius adoptatur. Statim itaque fidei doctores apostolos dirigit et sacraei spiritus flammeo coruscos adtactu uerbi caelestis praedicatores statuit et baptismatis dilutores elegit. Statim [p. 173 Helm] ergo caelesti horreo fruges certatim segregatis paleis successere; spargitur sectura cum lacrimis et pressurae <cum> gaudio colligitur messis. Mittitur retia, retrahitur perfecta, captura omisso maris liquore salsissimo, de qua Christus et exucatas peccato assas epulas comedat et mellis fauo admixtas caelesti adparatu suscipiat. Vide igitur quod et ad dexteram partem retia captura iactatur et certissima computatio trahitur quia decem legis praecepta subeat et septem spiritus perfecta uita possideat, quae quidem summa multiplicata septimo decimo colligitur ductu. Pastor Petrus, cui quidem et celestis portae clauis traditur et grex ouium ad pascua deduci iubetur, qui duplum accipit thesaurum, quo saeculum aduret egrotum adhibito chrismatis oleo et sacrificii mero, super petram stabilem firmat ecclesiam, et porta mortis

destruetur per eam. Ligat caelo quod uelit, soluet terris quod iusserit. Praeceptum hoc quod gratus Christi amicus accepit: portat et ipse piissimus pastor ouem humeris perditam et ex lupatis morsibus eripit fugitiuam. Rapitur ad apostolatum dum calcitrat Paulus et licet reluctet, percutitur beatissima cecitate uisurus; cadit ex oculis albigata lippido et efferata seueritas fit pacifica persuasio. Quam grata medici largitas, dum solo imperio et squamea cecitas pellitur et cordis acerbitas dulcoratur. [p. 174 Helm] Fit ouis, magis ouicula lupus rapax et ubi exultauit malitia, superexuberat gratia et quos acceptis epistulis cruciaturus exquirat, illos exhortatoriis postmodum epistulis docuit. Vecte fullo deicit Iacobum et quamuis pro populo iam percussus orauerit, sic pro praestitis aduersa suscepit: uere fullo Iudeus apud quem totius sordiculae resederat cumulus. Credit Philippo Aethiopicus spado et purgatus baptismate cursu garrulior repedit prospero. Illuc credulitatis ac fidei gratiam portat, ubi praedicatio pro extremitate orbis peruolare difficilius poterat. Petrus apud urbem deuoluitur et magus uolucer caelo iam proximus sola prece iactatur, et licet semel sepiusque figuraliter resurrexerit, uero mortis occursu ultra iam perpetuiter perit. Dorcas mortua redditur uiduis et misericordia resurrectio efficitur mortis. Patefacta carceris claustrorum ligatura disrumpitur et Petrus Herodis Iudeorumque de exspectaculo liberatur. Sapphira cum uiro promissam subripit partem et quia totum dare despexit, se ipsam quae furto uti poterat perdidit. Vas Petrus refertum e caelo sibi delatum aspectat uarias saeculorum apostolo praebiturum delicias dumque Iudeis prohibita scelus esse putat si comedat, audit totum catholico purgatum esse quidquid Dei largitas gratialiter praerogaret. Christus igitur purgat semper epulas suis qui etiam corda lauacro purgauit baptismatis. Porrecta Petri dextera claudus recto gressu [p. 175 Helm] firmatur et qui solo quo sederat ex pueritia religatus fuerat loco iam aetate prouectus gressu pererrare didicit libero. Quo Iudeus ex liuore miraculi zeli toxico sufflammatur et qui gratias Deo proferre debuit, amum liuoris potius deuorauit. Expeditur Paulus ad mortem dum Apollo futurorum praedicator perderet deitatem, et quia apostolos clamoribus sectabatur spiritus, ut recedat praecipitur. Fariseus cum Saduceo committitur et Paulus e medio turbore subtrahitur, dum Saduceus resurgere mortuos dubitat et Phariseus dubitata certus adseuerat; illic igitur apostolus libertatem repperit, ubi iurgium auditoribus praerogauit. Tradit sors Mathiae apostolatus officium, et traditio Iudae porrigit laqueum. Taddeus Abgaro podagrici morbi medellator praemittitur et sicut dudum epistula Christi promiserat, ita maerorum salus suffragata gaudebat; discedit ueteratus medullis regalibus dolor et salus quae olim puero fugata repudium dederat ad gratiam iterum perducta cum uiro ludebat. Circa horam tertiam adgregatis apostolis promissio dirigitur saluatoris et flammato fulgore spiritalis gratia distribuitur. Labiis loquebatur apostolis quidquid

dictabat spiritus, et audiebat quod scierat Medus, Elamites et Persus. Sed a quibusdam mera putabatur ebrietas et erat mira potius tributa maiestas.

ABEST O

Nunc etiam Caesarum uitas instituam et principum atque augustae magnitudinis stemmata libris currentibus edicamus necesse est. Primus igitur Caesar, unde et imperiale cepit initium, uniuersae terrae detinuit principatum; suffragabatur etenim huius felicitati diuina natiuitas, cui etiam uniuersas inuincibiles uincere licuit causas. Qualiter enim ab huius imperiis libera existeret uniuersitas, sub cuius regnum nasci dignata est deitas. Primus namque uniuersae terrae limites imperiali maiestate subiecit, Britannicas ultra mare Atlanticum sitas insulas mira felicitate repressit, Actiacae pugnae certamine triumphans exstitit atque Aegyptiacam superatam reginam lactandas praebere mammas serpentibus persuasit. Dictaturam perpetuam sellamque auream primus in urbem aut habuit aut inuenit. Iani belligeri limina perenni securus clusura damnauit. Ultra Indicas latebras suae maguitudinis imperium duxit. Et ne quippiam reliquum remansisset, mundum sicut marinis terminatur amfractibus describendum censendumque mandauit. Haec sunt tua Deus secreta misteria, haec sacrae natiuitatis munera sempiterna; neque enim decebat illum regnandi habere participem, quem in tua natiuitate decreueras regem, ut Deus principium Cesari et Cesar principium fieret mundi.

Denique ut haec clarius manifestasset diuinitas, inspice quid deinceps sequitur. Videsne eneruatum in aliis ultra imperium et lasciuenti desidia in sequentibus deinceps [p. 177 Helm] putrefactum? Da Calligulam aureis piscantem retibus funibusque purpureis; da Caesareanae turpitudinem stirpis, ubi ille madidus princeps, entheca sceleris, qui uirum quem male acceperat perdidit [et] mulierem quam iuste meruerat sumsit, regnum criminibus maculauit, et quid turpius aut uellet aut faceret, nisi ut grauidata ranunculis uiscera turgescenti dissilientia rugitu intestinis etiam crepitantibus — nihil amplius quam perennem saeculis fabulam peperit criminis. Exhinc iam luxu perfracta uirtus relanguit rigidaue seueritas deliciis accedentibus tepefacta migravit. Tamen nequaquam in cunctis Augustis huiusque cladis tabes inrepsit. Fuere igitur uarii quibus et uirtus interrita inerat et animi cura uigilanti cautella referuerat. Nam Vespasianus Iudaicae uindex nequitiae, quem suae Christus iniuriae elegerat uindicem, ipse Israheliticam cladem finem usque perduxit et nequaquam iam ultra de captiuitatis ergastulum redituram perenni exulatu damnauit. Hic itaque Hebreum aduersus Deum calcitrantem nequitiam execrandae famis exitu terminans illam usque miserabilitatem perduxit, ut lacteis

dependentem uberibus natum ieiunae matris faceret prandium et quae insensibilis suis catulis nequaquam ingerit fera, illud mater suis uisceribus faceret efferata. Quae sunt ista, Deus meus, te irascente permissa bellica crimina, ut fames naturae federa uinceret et mater de suis uisceribus ieiuna pranderet. Sed [p. 178 Helm] iusta haec diuinitatis in rebellibus fuerat pena. Quam enim Iudea patientiam haberet in filiis, quae suam salutem usque ad patibulum perduxerat crucis; et quae carnem filii Dei accipere spreuit, sui carnes filii suis epulis praeparauit. Cerne enim quia quinque panibus saturata quinque milia ante deriserat et nunc — tantum uitae reliquum — filii carnes esuriens praelambebatur. Primum etiam Iudaicus princeps dum Christum quaerit infantes interimit, ast hic secundus dum Christum ulciscitur parentum mandibulis infantes addixit. Quid referam Aureliani in Deum tumentem inuidiam unius miraculi effectibus delinitam. Namque dum miles <...>, densatur aer, crassescunt nebulae, ignis ipse etiam, si credi fas est, aquas didicit parturire. Perdit ignis naturam in imbrem migratus, desudat humectus in radiis Febus, et ut diuinitas imperauit, flamma etiam pluuem didicit atque in suis incendiis guttas habere se repentinis expauit. Discat itaque pagana duritia quia nec elementis licet suam uindicare naturam, quam Christianus tenet in suum uelle captiuam. Denique una pluuiarum unda et arida sitientum ieiunia et pagani persequentis humidata est flamma. Iam enim aduersus Christianam fidem sacra ediderat, penas infixerat et cruciatus martyrum decretis publicis titularat. Quas tua pluuia, Deus, imbre faculas extinxit, et una eademque sententia imperialis censura infringitur, militaris ariditas saturatur. Quid referam placidum Neruum felicemque Traianum et primum Christianis meritis Augustalia insignia iungentem geminum Philippum. Praetermittam necesse est Iuliani tyrannicam rabiem in Dei ecclesias tempestiuis incursibus fluctuantem, dum Iudeis iam recuperandi templi facultas tribuitur et simulacrum Veneris templis asciscendum adfertur. Sed et Iudeis flamma uibrata uerticibus cimenta muris adlata dispersit et uestibus crucis characteriaca signacula figurauit; Veneris etiam transitum Babylae martyris praesentia interdixit. Valentinianus militare cingulum spernit et imperii diadematis munus excipit.